

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS- UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIOR DE TEFÉ – CEST/UEA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS

NARAIZA CALDAS LIRA

O LUGAR DE SER CRIANÇA: PERCEPÇÕES DA INFÂNCIA A PARTIR DAS
NARRATIVAS DOS PAIS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ- AM

TEFÉ- AM

2020

NARAIZA CALDAS LIRA

O LUGAR DE SER CRIANÇA: PERCEPÇÕES DA INFÂNCIA A PARTIR DAS
NARRATIVAS DOS PAIS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ - AM

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências Humanas.

Linha de pesquisa Capital Imaterial: produção e circulação de saberes

Orientador: Prof. Drº. Roberto Sanches Mubarac Sobrinho

TEFÉ- AM

2020

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Lira, Naraiza Caldas

O LUGAR DE SER CRIANÇA: Percepções da Infância a partir das narrativas dos Pais no Município de Tefé – AM. Tefé, AM, 2020.

110 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Amazonas – Centro de Estudos Superior de Tefé - CEST/UEA

Orientador: Roberto Sanches Mubarak Sobrinho

Os caminhos Metodológicos que levam ao “lugar de ser criança”. 2. Crianças e Infâncias no Contexto das Ciências Humanas³. Ser Criança: Percepções Da Infância a partir das vozes dos sujeitos.

NARAIZA CALDAS LIRA

O LUGAR DE SER CRIANÇA: PERCEPÇÕES DA INFÂNCIA A PARTIR DAS
NARRATIVAS DOS PAIS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ- AM

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências Humanas.

Linha de pesquisa Capital Imaterial: produção e circulação de saberes

Aprovada em Tefé- AM, 31 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Drº. Roberto Sanches Mubarak Sobrinho - UEA (Orientador)

Prof.ª. Dr.ª. Ana Claudeise Silva do Nascimento - UEA (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Rita de Cássia Fraga Machado- UEA (Banca Examinadora)

A Deus, que mesmo antes de mim, quis que eu passasse no Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e realizasse essa pesquisa.

Às crianças e as famílias do bairro Nossa Senhora de Fátima, que me permitiram lhes conhecer.

Aos meus filhos João Gabriel e Joaquim que me motivaram diariamente a concluir este trabalho, mesmo muitas vezes tendo a mãe presente, ainda que estando ausente por causa da escrita da dissertação.

À minha mãe Francisca Nais, mulher que deixou este mundo quando eu tinha doze anos de idade, mas, que vive em minhas memórias e que me ensinou que as mulheres são seres extraordinários com capacidades diversas para mudar o mundo.

Ao meu pai Jurandi e aos meus irmãos, Carlos Fábio, Jackson, Jeimeson, Janderson e Willian exemplos de homens na minha vida.

A minha Tia Deuzarina, que me ensina ter força, mesmo em momentos de dor.

AGRADECIMENTOS

A trajetória no mestrado foi cheia de muitos desafios. E foram as mãos estendidas, as falas de incentivo, as informações trazidas, o apoio da família, dos amigos e dos professores que me ajudaram realizar o sonho de cursar o mestrado e de realizar uma pesquisa que contribuísse, de alguma forma, com a sociedade tefeense. Agradeço em especial a Deus, por me conduzir em todo esse processo, restaurando minha saúde e da minha família na reta final da dissertação. A todos meus familiares em especial meus filhos e meu esposo. Ao Professor Dr. Roberto Sanches Mubarak Sobrinho, meu orientador, que mesmo estando longe, no momento certo me fez voltar a pô os pés no chão, sendo firme, igual um pai é firme com um filho, pois sabe que este não precisa só de afeto. À professora Dr.^a Cristiane da Silveira, a quem eu devo a motivação final para concluir a escrita deste trabalho, mulher extraordinária, que aprendi admirar, e que um dia espero chegar ao ter um pouquinho de sua sabedoria e da empatia que ela tem com seus alunos. À Prof.^a Dr.^a Ana Claudeise Silva do Nascimento, presente tanto na banca de qualificação, quanto na banca de defesa. Pelas suas polidas contribuições, que me levaram a ampliar as informações sobre o campo de pesquisa, me sugerindo indo ir ao encontro das famílias, ou seja, das pessoas que de fato conhecem seu lugar. À Prof.^a Dra. Evelyn Lauria Noronha pela confiança e disponibilidade em participar da banca de defesa desta dissertação, contribuindo de maneira ponderada e segura, amenizando as angústias decorrentes deste momento. À coordenadora Regional de Educação de Tefé, Prof.^a Zélia Maria Marinho Figueiredo, que me apoiou muitas vezes, entendendo a minha ausência do trabalho quando precisava participar das aulas de mestrado e realizar a pesquisa de campo. Ao Secretário Municipal de Assistência Social e Cidadania, Senhor Ronaldo Barroso Salvador, que também me liberou do trabalho várias vezes para me dedicar ao mestrado. Às minhas amigas e colegas de Mestrado Patrícia Torment de Oliveira, Fabíola, Betânia e Rosa, que foram as irmãs de coração que Deus me presenteou em Tefé. À Prof.^a Dra. Marília, que cuidou de mim quando estive doente mesmo não estando presente. Aos pais e as crianças que participaram da pesquisa, e que abriram as portas de suas casas permitindo que eu fizesse, ainda que brevemente, parte de seu convívio familiar.

RESUMO

A presente dissertação é resultado de reflexões e pesquisa realizada com as crianças e suas famílias em um bairro da cidade de Tefé, no Estado do Amazonas, chamado Nossa Senhora de Fátima, conhecido também como Vila Pescoço. Nossa pesquisa mostra como as crianças vivem sua infância nesse lugar. Para tanto aprofundamos nosso estudo a partir de dois principais contextos, isto é, a familiar e o bairro. Buscou conhecer como as crianças de Nossa Senhora de Fátima veem seu espaço social, sua infância e o seu lugar? Nosso objetivo maior, compreender como as crianças e seus pais concebem o espaço social e a infância no bairro Nossa Senhora de Fátima. E dele partimos para os objetivos específicos que tinha como propósito conhecer o bairro a partir de seus moradores; bem como identificar como as crianças e seus pais entendem a infância no bairro; e, por fim, compreender os contextos familiares onde as crianças se inserem. Adotamos uma perspectiva interdisciplinar, com a participação teórica da sociologia, da história e da antropologia. Escolhemos como metodologia Estudo de Casos Sociais, método de pesquisa destacado por Becker (1997). Tivemos três momentos importantes de coleta de dados, a pesquisa exploratória, o diagnóstico socioeconômico, e o estudo social de caso com duas famílias. O trabalho está organizado em três principais capítulos: “Os caminhos metodológicos que levam ao lugar de ser criança”; “Crianças e Infâncias no Contexto das Ciências Humanas” e o último, “Ser Criança: Percepções da Infância a partir das vozes dos sujeitos”.

Palavras-chaves: Lugar, infância, criança e família.

ABSTRACT

This dissertation is the result of reflections and research carried out with children and their families in a neighborhood in the city of Tefé, in the State of Amazonas, called Nossa Senhora de Fátima, but also known as Vila Neck. Our research shows how children live their childhood in this place. To this end, we have deepened our study from two main contexts, that is, the family and the neighborhood. Did you seek to know how the children of Nossa Senhora de Fátima see their social space, their childhood and their place? Our main objective is to understand how children and their parents conceive of social space and childhood in the neighborhood of Nossa Senhora de Fátima. And we started from it for the specific objectives that had the purpose of knowing the neighborhood from its residents; as well as identifying how children and their parents understand childhood in the neighborhood; and finally to understand the family contexts in which children are inserted. We adopted an interdisciplinary perspective, with the theoretical participation of sociology, history and anthropology. We chose the Social Case Study methodology, a research method highlighted by Becker (1997). We had three important moments of data collection, exploratory research, socioeconomic diagnosis, and the social case study with two families. The work is organized into three main chapters: "The methodological paths that lead to the place of being a child"; "Children and Childhood in the Context of Human Sciences" and the last one, "Being a Child: Perceptions of Childhood from the subjects' voices".

Keywords: Place, childhood, child and family.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Localização de Tefé, no mapa do Amazonas	23
Figura 2	Cidade de Tefé no ano de 2020	25
Figura 3	Porto Municipal de Tefé	27
Figura 4	Os antigos e os novos prédios de Tefé- AM	29
Figura 5	Catedral de Santa Tereza D'Ávila	29
Figura 6	Seminário Espírito Santo	30
Figura 7	Mapa de Tefé e de seus bairros.....	31
Figura 8	Mapa do bairro N. S. de Fátima.....	32
Figura 9	Pequenos Comércio nas salas das casas do bairro N. S. de Fátima.....	33
Figura 10	Fachada da Esc. Municipal de N. S. de Fátima	35
Figura 11	Salas da Esc. Municipal de N. S. de Fátima	36
Figura 12	Equipe de campo: questionário socioeconômico e demográfico	38
Figura 13	Fragilidades do bairro apontadas pelos Moradores	42
Figura 14	Rua José Luciano Alves, casas de madeira com piso suspenso.....	45
Figura 15	Tabela de pessoas por família.....	50
Figura 16	Escola, creche e posto de Saúde - Obras em andamento.....	52
Figura 17	Desenho da família 1, na concepção de F. F de 11 anos.....	74
Figura 18	Desenho da Família 1, na concepção de M. F de 6 anos.....	76
Figura 19	Família 2: Mãe e Filha felizes	78
Figura 20	Meu bairro – Desenho de B. da M. de 11 ano.....	82
Figura 21	Casas Palafitas - debaixo delas as crianças brincam.....	83
Figura 22	Meu Bairro – Desenho de F. F. de 11 ano.....	83
Figura 23	Meu Bairro – Desenho de M. F. de 11 anos.....	84
Figura 24	Crianças brincando de Germeson no fundo do quintal.....	85
Figura 25	Crianças brincando na Rua Alvorada.....	86
Figura 26	As crianças e sua relação lúdica com a rua.....	86
Figura 27	Ponte da Rua José Luciano R. Alves –brincam.....	87
Figura 28	No campo Rola de Tudo (brincadeiras, Drogas, violência)	89
Figura 29	A Violência e as crianças do bairro: Des. de M. Ferreira de 6 anos.....	91
Figura 30	Ponte de Vila Pescoço – Principal Ponte do bairro.	93

LISTA DE SIGLAS

SEDUC	Secretaria de Estado educação e Desporto.....	13
(TCLE).	Termo de Consentimento Livre Esclarecido.	18
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.	24
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.	26
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira.....	26
INSS	Instituto de Seguridade Social.....	28
SEMECC	Secretária Municipal de Educação Esporte e Cultura.	35
ARCGIS	Sistema de informações geográficas para trabalhar com mapas e informações geográficas mantido pelo Environmental Systems Research Institute.....	36
BPC	Benefício de Prestação Continuada (as pessoas Idosas e Com deficiência)	36
SEMSA	Secretaria Municipal de Saúde- SEMSA	36
PCF	Programa Criança Feliz.....	41
PBF	Programa Bolsa Família.....	41

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1.	Idade das pessoas entrevistadas	39
GRÁFICO 2.	Percentual de Famílias titulares e não titulares das famílias	39
GRÁFICO 3.	Tempo de Moradia no bairro.....	40
GRÁFICO 4.	Lugar de Origem do grupo familiar.....	40
GRÁFICO 5.	Participam de algum programa social?	41
GRÁFICO 6.	Programa Social que as Famílias participam	41
GRÁFICO 7.	Você se sente discriminado por morar no bairro?	44
GRÁFICO 8.	Situação do domicílio	45
GRÁFICO 9.	Tipo de casa	46
GRÁFICO 10.	Possui energia elétrica?	46
GRÁFICO 11.	Possui abastecimento de água?	47
GRÁFICO 12.	Formas de Abastecimento?	47
GRÁFICO 13.	Possui sanitário em sua casa?	48
GRÁFICO 14.	Características do sanitário?	48
GRÁFICO 15.	Para onde vai o esgoto do sanitário?	49
GRÁFICO 16.	Localização da moradia	49
GRÁFICO 17.	Condições escolar da família	50
GRÁFICO 18.	Famílias com renda advindas de Ben. Sociais e do INSS.....	51
GRÁFICO 19.	Renda Familiar: Grupo I.....	51
GRÁFICO 20.	Renda familiar: Grupo II.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: o percurso da pesquisa	13
2. CAPÍTULO I: OS CAMINHOS METODOLÓGICOS QUE LEVAM AO “LUGAR DE SER CRIANÇA”	21
2.1 O primeiro passo: contextualizando o lugar.....	23
2.2 O segundo passo: as primeiras impressões sobre o bairro	32
2.3 O terceiro passo: deixando pegadas no campo de pesquisa	34
2.4 O quarto passo: as Famílias do Lugar.....	37
3. CAPÍTULO II: CRIANÇAS E INFÂNCIAS NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS.....	54
3.1 A História, a Sociologia e a Antropologia no contexto da criança e da infância. .	55
3.1.1 A História e a Infância:	55
3.1.2 A Sociologia da Infância:	61
3.1.3 A antropologia e a Infância	63
3.2 As infâncias e suas singularidades: direitos infantis no contexto Amazônico.	65
4. CAPÍTULO III: SER CRIANÇA: PERCEPÇÕES DA INFÂNCIA A PARTIR DAS VOZES DOS SUJEITOS.....	70
4.1. A escolha das crianças e de suas famílias.....	71
4.2. Estudo de Casos Sociais: Conhecendo as Crianças a partir de suas famílias.	72
4.2.1 Família 1.....	72
4.2.2 Família 2.....	77
4.3 A percepção dos sujeitos sobre o bairro de antes e o bairro de hoje:	79
4.4. Para os pais como as crianças vivem a infância no bairro?	85
4.5 Os cuidados com as crianças:.....	88
4.6 Os limites e as possibilidades da infância de Nossa Senhora de Fátima.	91
4.7 Compreendendo o lugar de ser criança a partir dos sujeitos da pesquisa.	94
5. CONSIDERAÇÕES	99
6. REFERÊNCIAS	100
7. APÊNDICES	104

1. INTRODUÇÃO: o percurso da pesquisa

Longo foi o percurso pelo qual passei até chegar ao meu objeto de pesquisa. No entanto, tudo que vivi antes e durante a pesquisa, contribuiu para a produção deste trabalho. Esta pesquisa busca analisar o contexto social que as crianças do bairro Nossa Senhora de Fátima vivem, no município de Tefé – AM.

Todavia, esta não foi a minha primeira proposta de pesquisa. O objeto inicial era pesquisar: “As crianças e a implementação do estatuto da criança e adolescente no município de Tefé – AM”. No entanto, após a realização das disciplinas no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, nasceu o desejo de pesquisar: “As crianças indígenas da aldeia de Marajaí no município de Alvarães – AM”. Contudo, após algumas visitas à aldeia, verifiquei que não dispunha, ainda, de base teórica e nem de vivência com a cultura indígena, que me proporcionasse desenvolver bem a temática.

A essa altura já estava muito angustiada, pois, o tempo passava. Ao compartilhar minha indecisão com o tema a ser pesquisado com professores, orientador e colegas, esses me deram alguns caminhos. Eles chamaram-me a atenção para que meu objeto de pesquisa fosse resultado de algum tema que me incomodasse em Tefé. E que deveria estar relacionado com crianças, pois, tal temática tinha ligação com a minha formação e com a linha de pesquisa do meu orientador, isto é, Crianças e Jovens no Amazonas.

Sou Assistente Social e as crianças sempre fizeram parte do meu contexto profissional. No entanto, nem sempre as crianças de Tefé. Sou natural de Coari – AM, lugar onde eu nasci, cresci, estudei e me formei em Serviço Social. Em 2009 fui morar, com minha família, no município de Carauari – AM, onde atuei profissionalmente por quase 8 anos. Já em 2017 passei a morar, e a trabalhar em Tefé como Assistente Social da Secretaria de Estado Educação e Desporto – SEDUC.

Recém-chegada ao município, logo fui acionada pela Escola Estadual Madre Maria Das Mercês¹, que fica localizada próximo ao bairro de Nossa Senhora de Fátima, para atender uma aluna de 11 anos. Ao comentar com os colegas de trabalho sobre a visita ao referido bairro, percebi uma preocupação que a princípio não tinha entendido. Relataram que eu não

¹ Localizada em Rua Ruy Barbosa, 159, Monte Castelo. CEP: 69557-055. Tefé - Amazonas O telefone da escola é (97) 3343-2543 e o e-mail é eemariamesces@seduc.am.gov.br. A escola estadual possui 510 alunos (segundo dados do Censo Escolar de 2019) em Ensino Fundamental I e EJA. Dados obtidos em: <https://www.melhorescola.com.br/escola/publica/escola-estadual-madre-maria-das-mercês>, no dia 24 de junho de 2020.

deveria ter ido fazer a visita no bairro sem conhecê-lo, pois se tratava de um lugar perigoso, onde haviam jovens envolvidos com o tráfico de drogas e pediam “pedágio”².

Desde então, vez ou outra era comum ouvir de moradores de fora do bairro, o quanto ele é um lugar perigoso. Foi então que percebi que as imagens negativas relacionadas aos moradores e ao bairro me incomodavam, e poderiam sim se tornar meu objeto de pesquisa. Aliado a isso, tive um momento durante as aulas da disciplina de Seminários e Métodos de Pesquisa, na qual o professor Guilherme Gitay apresentou-me um relatório de pesquisa de sua aluna Fabriciana Dantas – UEA, concluído no ano de 2007, intitulado: “Jovens de Nossa Senhora de Fátima: Problemas da Juventude nas narrativas de história de vida”, trabalho este que me levou a querer conhecer este lugar. Vale ressaltar, que o trabalho com os jovens analisava estereotípicos relacionados ao bairro de Nossa Senhora de Fátima, evidenciando que este era um lugar perigoso, violento, e sendo seus moradores pobres, drogados, de prostituição infantil e de galeras³.

Foi a partir desses fatores, que surgiu a minha problemática de pesquisa, que se materializou na seguinte pergunta. Como as crianças e os pais do bairro Nossa Senhora de Fátima compreendem o lugar onde vivem e a infância no bairro?

A problemática aqui levantada caminha na direção do que expõe Lopes (2012), quando destaca que toda infância é um território. Assim, ao pensar a infância como expressão geográfica, os pesquisadores devem considerar também o que está ao em torno das crianças. Para o autor, existem muitos setores diferenciados, que para ele se implicam, imbricam-se, e tencionam intensas relações sociais, políticas e econômicas que também conversam a infância de determinado território.

Por conseguinte, definimos como objetivo da pesquisa. Compreender como as crianças e os pais do bairro Nossa Senhora de Fátima percebem o lugar onde vivem e a infância no bairro. Do desdobramento do objetivo geral traçamos os seguintes objetivos específicos:

² Pedágio: significa n.m. 1. (Antigo) Imposto ou contribuição que se pagava para passar numa ponte; 2. (Brasil) Valor ou taxa exigida para utilizar certas vias de comunicação como autoestradas ou outras. <https://www.lexico.pt/pedagio/>. Acesso no dia 14 de julho de 20. O pedágio referido no texto também está relacionado a um valor em dinheiro que se teria que pagar para alguns moradores do bairro, geralmente os intitulados de galerosos.

³ Conforme as observações de campo e por meio das entrevistas realizadas com as famílias do bairro, posso concluir a partir do que eles falaram que galerosos é o nome popular dado as pessoas que usam drogas, roubam, brigam, bebem, furtam e traficam drogas no bairro.

- Conhecer o bairro a partir de seus moradores, suas características socioeconômicas e demográficas, bem como suas potencialidades e vulnerabilidades sociais;
- Identificar como as crianças e seus pais entendem a infância das crianças do bairro e qual o papel que elas assumem em seus espaços sociais.
- Compreender através dos diálogos com as crianças como elas definem sua família e suas infâncias.

Este trabalho, portanto, apesar de nascer do desejo de encontrar uma resposta para uma inquietação pessoal e social, também tem sua motivação acadêmica. Isso porque, propomos aqui uma análise teórica no campo das Ciências Humanas e Sociais, que visa contribuir com a produção e circulação de saberes voltadas às crianças nos contextos amazônicos e principalmente periféricos.

Consequentemente, espera-se que este trabalho venha contribuir com os estudos sociais da infância no Estado do Amazonas, principalmente em Tefé. Campo esse, que ainda precisa ser aprofundado, desbravado. Para Mubarac Sobrinho (2009, p. 21), este campo é “um fértil espaço de pesquisas e constatação de que as crianças produzem conhecimento, lógicas, culturas e saberes, enfim, ela tem suas vidas próprias, e devem ser vistas e ouvidas cada vez mais visibilizadas e não no desaparecimento da infância”.

Visto dessa maneira, o trabalho visa cooperar com a superação da lógica dominante, ainda presente no pensamento, que tende a universalizar as crianças, sem considerar suas particularidades, seus territórios e suas culturas diferentes, tendendo a realizar estudos que reproduzem conhecimentos a partir do que veem e não do que dizem e do que vivem as próprias crianças.

Por outro lado, justifica-se à medida que traz a participação das crianças de um bairro, que é visto de forma estereotipada pelos de “fora”. Sendo o trabalho uma maneira de ecoar as vozes dessas pessoas, revelando aos demais moradores de Tefé, como vivem e o que pensam as crianças e seus pais sobre o bairro Nossa Senhora de Fátima e como as crianças vivem sua infância neste lugar.

Deste modo, é mais um trabalho que pretende evidenciar o lugar das crianças nas pesquisas. Garantindo-lhes o protagonismo infantil, com a perspectiva de conhecê-las melhor, a partir do seu mundo vivido e evitando descrevê-las do ponto de vista do desenvolvimento infantil. Todavia, sabemos que este é um desafio como bem destacam Martins Filho; Barbosa (2010).

Este é o desafio teórico-metodológico posto para os adultos que querem pesquisar a infância e os conteúdos que ecoam das vozes das crianças. Em outras palavras, desafio para pesquisadores que pretendem analisar as culturas infantis e as formas de socialização das crianças, a partir de procedimentos metodológicos que, mesmo sendo definidos e utilizados por adultos, direcionam-se a colher das crianças – por meio de suas vozes – o material empírico necessário às suas análises. Isto nos leva a querer aprofundar o conhecimento sobre a infância a partir das indicações das crianças, falar e ouvir sobre as experiências da infância e interpretá-las com a participação das mesmas. (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p. 10).

Adotamos para a pesquisa uma abordagem teórica e metodológica interdisciplinar, que conversa com conhecimentos da Sociologia, da Antropologia e da História e suas subáreas vinculadas aos estudos da infância. Ao mesmo tempo, em que se fez necessário um diálogo horizontal entre os principais sujeitos da pesquisa, isto é, as crianças. Também foi primordial ter a clareza das categorias que foram analisadas, as quais são: **crianças, infâncias, família e lugar**.

Dada à necessidade de não limitar as pesquisas com crianças, a partir de uma única perspectiva teórica, uma vez que o ser criança é constituído pela própria condição humana de uma complexidade gigantesca, é que faz-se necessário que as pesquisas conversem com os diferentes saberes e enfoques multiprofissionais de modo a romper com a perspectiva dominante da psicologia do desenvolvimento⁴.

Coaduna-se com essa reflexão a crescente perspectiva que parte de um enfoque multidisciplinar e interdisciplinar para discutir as questões em torno da criança e da infância, rompendo com o tradicional domínio da Psicologia, principalmente a Psicologia Desenvolvimentista. A justificativa encontrada no material compilado, por um lado, impera na indicação de que para olhar os fenômenos da infância requer que o pesquisador transite pelas diversas áreas do conhecimento no sentido de “dar conta” de seus processos em suas múltiplas facetas e determinações. Por outro lado, este transitar pelas diferentes áreas, entra em convergência com os aportes teórico-metodológicos da Pedagogia da Infância, a qual vem ganhando importância e se configurando como campo de estudos da educação infantil, na última década. (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p. 19).

Consequentemente, nosso desejo é ir contra o predomínio das concepções adultocêntricas, impostas ao longo da história, e que tendem separar os seres inferiores, isto é, as crianças dos seres desenvolvidos, ou seja, os adultos. É, portanto, o momento de ir contra esse pensamento ultrapassado, como bem colocam Filho e Barbosa (2010, p. 11).

O reverso que apontamos é o desenvolvimento de um olhar e de uma escuta atenta e sensível em um diálogo coletivo. Falamos da necessidade de olhar as crianças com uma “lente de aumento”, a qual nos aproxima de suas vozes, ações, reações,

⁴ “A psicologia do desenvolvimento, vinculada ao projeto emancipatório, aponta para o sujeito racional, autorregulado, consciente e civilizado, em cujo processo o sujeito se submete à ordem. Pressupõe-se, assim, a universalidade das trajetórias da vida, minimizando-se as diferenças e maximizando as semelhanças entre sujeitos, em um processo de homogeneização”. (HILLESHEIM; GARESCHI. 2007 p.85)

manifestações e relações. A lente de aumento nos possibilitará ultrapassar o muro que isola a criança do adulto, muro firme que tem bases sólidas, pois foi construído ao longo da história da humanidade. Mas, que mesmo assim, pode ser rompido. (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p. 11)

Para tal finalidade utiliza-se como método de pesquisa, o Estudo de Casos Sociais, destacado por Becker (1997), como um método que tem suas tradições nas áreas da medicina e da psicologia, voltado para o indivíduo, mas que nas ciências sociais volta sua análise para a organização ou para a comunidade.

Um exemplo disso são estudos realizados em “cidades industriais, bairros urbanos, fábricas, hospitais mentais, e as interligações entre bairros pobres, política e contravenção”. (Becker, 1997, p. 117). Além do mais este foi um método que nos proporcionou uma compreensão abrangente do grupo em estudo, que, segundo o autor, nos possibilita saber “[...] quem são seus membros? Quais são suas modalidades de atividade e interação recorrentes e estáveis? Como elas se relacionam umas com as outras e como o grupo está relacionado com o resto do mundo?” (BECKER, 1997, p.118).

Martins Filho e Barbosa (2010), corroboram que o estudo de caso tem sido bastante utilizado pelos que realizam pesquisa com crianças.

[...] O qual é caracterizado como sendo um método que permite penetrar na realidade social e descrever a complexidade de um caso concreto, desvelando a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo. Em síntese, essa forma de pesquisa é definida como sendo um método propício para aprender os modos explícitos e implícitos dos sistemas simbólicos que regulam ou favorecem as relações, as manifestações, as ações, as formas de socialização e a produção das culturas infantis entre as crianças. (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p.11).

Aliado a esse método, foi ainda utilizada a técnica de observação participante. Esta técnica possibilita “uma ampla gama de dados, inclusive os tipos de dados cuja existência o investigador pode não ter previsto no momento em que começou a estudar [...]” (BECKER, 1997, p.118).

Voltando, aos estudos de Martins Filho; Barbosa (2010) consideramos importante o que os autores também destacam sobre as pesquisas com crianças que se utilizam da observação participante.

A observação participante – a observação participante ou a observação com participação tem sido o ponto forte nas pesquisas com crianças. Encontramos argumentações nas análises dos pesquisadores do tipo: – “em pesquisas com crianças é impossível observar sem participar, a observação é sempre com participação”. Também fica explícito que o pesquisador não tem como fugir da participação, já que as crianças estão o tempo todo pedindo e puxando os adultos para suas brincadeiras, interações, relações, produções, experimentos e diálogos.

Os pesquisadores tornam-se um Outro, que observa e é também observado. [...]. (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p.23)

Deste modo, após delimitamos, o método e as técnicas utilizadas nas pesquisas com as crianças e seus pais, tivemos três momentos importantes de coleta de informações. A pesquisa exploratória logo, no mês de junho 2019, onde realizei pesquisa bibliográfica e fiz o reconhecimento do campo de atuação. O diagnóstico socioeconômico, no final de janeiro de 2020 onde aplicamos um questionário em 99 famílias e obtivemos dados atuais sobre a realidade socioeconômica das famílias. E por último, realizado no início de março de 2020, onde selecionamos as crianças e as famílias que faríamos o estudo mais aprofundado.

Desse modo, gradualmente minha problemática de pesquisa buscava pesquisa buscava ouvir as crianças e seus pais a partir do contexto da Família e do bairro. Assim, os sujeitos com quem dialogamos não foram apenas as crianças, mas também seus pais. E foi a partir desses sujeitos que pude também compreender o Lugar de ser criança e de viver a infância do bairro Nossa Senhora de Fátima. Bem como, identifiquei potencialidades e fragilidades sobre este, isto é, o lugar de se viver a infância. Em se tratando da coleta de dados com as crianças e seus responsáveis, também tivemos três momentos distintos.

O primeiro, ocorreu assim que os selecionamos. Já nesse momento, falamos sobre a pesquisa, seus objetivos e sobre o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). O segundo, foi o momento de aproximar-se das crianças e conhecê-las, falar dos objetivos da pesquisa e ouvi-las, passando as concebe-las como autoras.

Quando trabalhamos com um referencial teórico que concebe a infância como categoria social e entende as crianças como cidadãos, sujeitos da história, pessoas que produzem cultura, a ideia central é a de que as crianças são autoras, mas sabemos que precisam de cuidado e atenção. (KRAMER,2002, p.42)

Para obtermos informações sobre as percepções das crianças sobre a infância e o lugar onde vivem, nos exigiu maior sensibilidade e utilização de uma técnica que elas pudessem ficar à vontade com a pesquisa. Deste modo, optamos por utilizar os desenhos, como estratégia de coleta de dados com a crianças. No anseio de compreender esta técnica nós aproveitamos também do que dizem Martins Filho; Barbosa (2010):

Desenhos das crianças – no conjunto das pesquisas analisadas, essa estratégia é tomada como importante recurso metodológico com crianças, embora aparecendo em menor proporção. O desenho infantil é considerado uma produção cultural das crianças e um instrumento revelador das representações infantis. [...] Podemos afirmar que, para além de simplesmente desenhar, é necessário elaborar uma interpretação dos desenhos a partir dos olhares e falas de seus autores – as crianças. O desenho é compreendido como atividade de criação e expressão humana. Nesse sentido, com a especificidade do desenho, aparece a consideração

de quatro aspectos que o descrevem: o autor (a criança que o desenha), o próprio desenho em si, a fala do autor (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p.23)

O terceiro momento, consolida-se com as entrevistas realizadas com os pais e responsáveis das crianças. Com eles, usamos um roteiro de entrevista com perguntas abertas. Ainda em se tratando, das técnicas utilizadas

Já em relação aos instrumentais de coleta de dados nos utilizamos: a) uma ficha para o mapeamento do território; b) um formulário socioeconômico e demográfico; c) um roteiro do percurso metodológico com as crianças; d) e um roteiro de entrevista com perguntas abertas utilizadas com os pais ou responsáveis.

Também utilizei um diário de campo, durante todos os passos dados em direção ao lugar e os sujeitos da pesquisa. Ele serviu para anotar as principais observações e impressões fundamentais sobre a escola, as famílias e as ruas, assim como demais informações sobre o bairro e seu contexto. Em relação aos materiais que usamos durante a pesquisa, podemos destacar o uso de papel A4, lápis de cor, pinceis coloridos e giz de cera.

Iniciamos um percurso metodológico onde partimos da contextualização do lugar, para depois conhecermos o contexto social do bairro até chegar o contexto familiar das crianças. O Estudo se dedica a conhecer mais detalhadamente duas famílias. A primeira é composta de quatro crianças, uma mãe e de uma pai e uma mãe. A figura paterna dessa família é o padrasto de três das crianças mais velhas e pai biológico somente da criança mais nova. Apesar da família dispor de várias crianças, direcionamos nossa pesquisa para as crianças mais velhas, sendo uma de 11 e a outra de 6 anos. A outra família constituem-se por meio dos avós materno, três crianças, um tio, a mãe e a sua companheira. Com esta família direcionamos nosso foco para uma criança de 11 e a outra de 5 anos, além de sua mãe e a seu cônjuge.

Para manter a autoria e, ao mesmo tempo preservar a integridade física dos sujeitos da pesquisa optou-se por usar os nomes dos sujeitos de forma abreviada ao longo do texto. Preferimos agir assim, pois, uma vez que o bairro pesquisado tem infelizmente uma forte presença do tráfico de drogas tememos que a divulgação dos nomes verdadeiros pudesse expor os sujeitos a situações de perigo ou violência.

O resultado de nossa pesquisa possibilitou a construção deste trabalho, que dispõe de três capítulos. O primeiro descreve a caminhada metodológica, intitulado. “Os Caminhos Metodológicos que Levam ao Lugar de Ser Criança”. Neste capítulo registramos o percurso realizado pelo pesquisador até chegar à ao campo de pesquisa.

O segundo, trazemos os principais fundamentos teóricos das Ciências humanas, voltados para as Infâncias, com o nome: “Crianças e Infâncias no Contexto das Ciências Humanas”, com uma reflexão teórica interdisciplinar, mediada por autores da Sociologia da Infância, da Antropologia e da História.

E o Terceiro e último capítulo: “Ser criança: percepções da infância a partir das vozes dos sujeitos” apresentaram as percepções dos atores principais deste trabalho. Neste capítulo evidenciamos impressões sobre a família, a escola e a rua, expressadas por meio das vozes dos sujeitos e dos desenhos das crianças.

Diante do exposto, espera-se que a pesquisa venha contribuir para que o bairro Nossa Senhora de Fátima e suas crianças ganhem visibilidade, de forma positiva, e que esse lugar venha a ser conhecido nos meios acadêmicos, destacando mais pesquisas para este contexto social, que lhe ajude a superar os estereótipos, a violência, as drogas, expressões da questão social, que afetam diretamente esse bairro, desde de sua criação, até o presente momento.

Ao mesmo tempo, desejamos que as vozes das crianças ecoem por meio deste trabalho, levando a sociedade tefeense perceber, que neste lugar, existem também coisas boas, que as vulnerabilidades existentes no bairro Nossa Senhora de Fátima e vivenciadas pelas crianças e demais moradores não lhes tornam perigosos e sim vítimas de uma sociedade hegemônica, que tem historicamente lhes oprimido. E por fim, esperamos que a dissertação “O lugar de ser criança: percepções da infância a partir das narrativas de pais no Município de Tefé – AM”, venha a contribuir com o campo de estudos da Infância, destacando as crianças seu lugar de vivência.

2. CAPÍTULO I: OS CAMINHOS METODOLÓGICOS QUE LEVAM AO “LUGAR DE SER CRIANÇA”

Após definir a problemática, traçar os objetivos e fazer a escolha metodológica, fez-se necessário caminhar em direção ao “lugar”. A princípio não imaginávamos quantos passos percorreríamos até chegar a ele. Tivemos que iniciar pela teoria para que buscássemos estudos que nos auxiliassem na construção da pesquisa.

Uma das categorias de análise exigiu-nos buscar um campo de conhecimento do qual antes não tínhamos tanta afinidade teórica. Nos referimos aqui a geografia, pois como bem sugere o tema do trabalho e este tópico, o “lugar” é uma das principais categorias que utilizamos, e a geografia é a ciência que tem aprofundado estudos sobre este conceito.

Leite (1988) ao realizar seu estudo sobre “Lugar” destacou que existem dentro da geografia acepções diferentes de compreender essa categoria de análise.

Na Geografia particularmente, a expressão *lugar* constitui-se em um dos seus conceitos-chave. Apesar das amplas reflexões já realizadas acerca do seu significado, é possível afirmar que este é o conceito menos desenvolvido neste campo do saber. Porém é possível identificar duas acepções principais, sendo estas consideradas em dois de seus eixos epistemológicos: o da Geografia Humanística e o da Dialética Marxista. Embora ambas as correntes possuam fundamentações filosóficas diferenciadas, têm em comum o fato de terem surgido como reações ao positivismo então vigente o qual permite a descrição da natureza a partir de leis e teorias assim como a dissociação Homem meio. (LEITE, 1988, p. 9)

Relph (1979) *apud* Leite (1988, p.9) afirmam que autores que pensam conforme a corrente humanística consideram que o “[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas as experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança”. Leite (1988, p.19) utilizando-se de Buttimer (1985, p. 228), enfatiza que o “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”.

Já o Lugar para o eixo epistemológico da geografia, que se utiliza da Dialética Marxista, é visto como:

[...] expressão geográfica da singularidade, descentrada, universalista, objetiva, associada ao positivismo ou ao Marxismo". Trata-se na realidade de uma visão na qual o lugar é considerado tanto como produto de uma dinâmica que é única, ou seja, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, quanto como uma expressão da globalidade. [...]. (LEITE, 1988, p. 15).

Ainda dentro da perspectiva Dialética Marxista, Carlos (1996, p. 16) *apud* Leite (1988, p 18), diz que o lugar se apresentaria como “o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento”.

Nessa concepção, é nítido que o lugar é tanto um local que tem suas singularidades, quanto local que recebe a influência da dinâmica econômica global que vem de fora dele. Leite considera, portanto, que ele é singular e também o global, e ambos o determinam.

Para Carlos (2007):

“[...] a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminarem-se as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determinam os ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos”. (p.15).

Todavia, o autor supracitado acrescenta ainda a dimensão histórica que o conceito de lugar dispõe.

[...] há também a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana (estabelecendo um vínculo entre o “de fora” e o “de dentro”), instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial. (CARLOS, 2007, p.17).

Apesar de não ser nossa intenção realizar uma análise mais profunda deste conceito, por meio dos vários teóricos que buscam estudá-lo, sabemos da importância de compreendê-lo como categoria, para depois compreendermos o Lugar de Ser Criança que aqui propomos conhecer.

Nosso olhar está voltado, não somente para o lugar como espaço geográfico, mas sim o lugar vivido pelas crianças, o local onde elas produzem e reproduzem suas relações sociais, que desenvolvem seus vínculos familiares, sua relação com os seus pares, com sua vizinhança, e até mesmo com as problemáticas sociais presentes em seu bairro.

Ao mesmo tempo, em que também acreditamos que este lugar tem sua relação com o contexto maior, sua cidade, seu estado, seu país, seu mundo. Contudo, também compreendemos que o lugar tem particularidade histórica, como bem ressalta Carlos (2007).

Portanto, isso nos auxilia compreender, que as crianças e os lugares em que vivem

revelam diferentes formas de se viver a infância. E é a partir dessa reflexão que iniciamos a descrição dos passos que nos levaram até o lugar de Ser Criança, no contexto de Tefé – AM.

2.1 O primeiro passo: contextualizando o lugar.

O primeiro passo me levou a conhecer uma cidade, que eu achava que já conhecia. Não se conhece um lugar, até o mesmo o que moramos, somente do nosso ponto de vista. Para que pudesse realizar esta pesquisa, fez –se necessário abdicar de pré-conceitos que me impediam de caminhar como pesquisadora. A intenção deste tópico, portanto, não é realizar uma análise de Tefé em todos os setores e sim é apresentar o município, como o lugar onde a nossa pesquisa foi realizada.

Tefé é um dos municípios do interior do estado do Amazonas, localizado à margem direita pelo rio Solimões, tem uma área territorial de 23.704,00 km², e sua densidade demográfica é de 2,59 hab./km. O termo Tefé⁵ tem origem no nheengatu, idioma predominante falado entre os indígenas antes da colonização dos portugueses. A palavra Tefé significa “profundo”, todavia, a cidade outrora também foi conhecido como Ega, por influência da colonização portuguesa.



Figura 1: Localização de Tefé, no mapa do Amazonas
Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tef%C3%A9> -2020

⁵ Informações obtidas no site:

<https://mamiraua.org.br/tefe#:~:text=O%20termo%20tem%20origem%20nheengatu%2C%20idioma%20que%20j%C3%A1,Alex%20Socci%20Semin%C3%A1rio%20S%C3%A3o%20Jos%C3%A9%20Rafael%20Forte>. Acesso em 21 de Agosto de 2020

A obra “Ipixuna Punã e Camará. História de Vida de Rio, e de identidade Sócio – cultural à Memória Amazônica”, do autor amazonense Eros Divino Maia Alfaia (2017) revela-nos pontos importantes sobre a história e a cultura tefeense, dados esses que utilizamos também neste capítulo.

Segundo Alfaia (2017) Tefé nasceu pelas vias dos aldeamentos, criados pelos padres jesuítas, em especial pelas missões fundadas por Samuel Fritz, no século XVII. Os primeiros exploradores e apropriadores destas terras foram os espanhóis. Em relação à história de Tefé, o IBGE destaca que habitavam primitivamente nessa região os índios, Nuruaques, Cauixanas, Jumanas, Passés, Uainumas, Catuquinas, Jamamadis, Pamanas, Juris, Jurimaguas, Tupebas ou Tipibàs, os verdadeiros donos dessa região.

Em 1708, o governo do Grão-Pará enviou uma tropa sob o comando do capitão Inácio Correia de Oliveira, para evacuar as ditas aldeias, das quais, o então responsável era o Pe. João Batista Sana.

Ainda segundo Alfaia (2017) esse primeiro aldeamento foi destruído, pelo então padre Sana que tinha a intenção de não deixar o território ser conquistado pelos portugueses. Depois dos constantes conflitos entre os portugueses e espanhóis pela posse deste território, as forças portuguesas tiveram a vitória.

Já em 1759, Tefé é elevado à categoria de vila e recebe o nome de Ega. Conforme Alfaia (2017) em 25 de junho de 1833, a vila de Ega, passou a ser chamada de Vila de Tefé. Com o passar do tempo e por meio da resolução de número 44, de 15 de junho de 1855, a Vila foi elevada à condição de cidade, com o nome de “Cidade de Tefé”. Em 6 de novembro, de 1858, pela Lei n.º 92, foi reconhecida como Freguesia da Província, para efeitos civis e eclesiásticos com o nome, apenas e tão-somente, de Tefé.

Em se tratando de suas características demográficas, o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, de 2010, registra que Tefé possui oficialmente uma população de 61,453 habitantes, comparando a outros municípios do Estado, ocupa o 6.º lugar em nível populacional; e o 1.º lugar entre os municípios da microrregião onde está inserido territorialmente.

Sua população masculina é de 31,518, já a feminina é de 29,935. Além disso, identificamos também que o censo de 2010, registrou que 50,069 pessoas residem na área urbana do município, ou seja, a maior parte da população tefeense, enquanto somente 11,384 pessoas, moram na zona rural.

Ainda em relação a população, o IBGE, estima que em 2020 a população de Tefé seja de 59.547,00 habitantes. Todavia, vale ressaltar que este número é uma estimativa, calculada⁶ segundo o IBGE, que utiliza-se do método matemático AIBI⁷.



Figura 2; Cidade de Tefé no ano de 2020- AM.
Fonte: Site oficial da Prefeitura de Tefé-2020

Conforme o mapa de pobreza e desigualdade do IBGE, Tefé dispunha em 2003, de 61,64% de incidência de pobreza, um percentual que colocava a maioria dos seus moradores em situação de pobreza. Mesmo os dados sendo antigos, eles nos evidenciam que tínhamos a presença ressonante e marcante da desigualdade social.

É importante registrar que o Brasil se utiliza da linha de pobreza para tipificar a pobreza em seu território. Classificam-se as famílias de baixa renda, em pessoas pobres e pessoas extremamente pobres. As que vivem com o rendimento *per capita* mensal de até R\$ 178,00 são consideradas pobres; e as que vivem com até R\$ 89,01, são as extremamente pobres. É bom lembrar que este termo foi criado pelo Banco Mundial para acompanhar a evolução da pobreza mundial, isto é, uma política internacional que vem direcionando a tipificação das famílias pobres e extremamente pobres no Brasil.

⁷ A partir do “método matemático desenvolvido, em 1972, por João Lira Madeira e Celso Cardoso da Silva Simões, denominado AiBi. Esse método utiliza como insumos básicos as populações obtidas das Projeções da População para o Brasil e as Unidades da Federação mais recentes, bem como o crescimento populacional de cada Município na última década, delineado pelas respectivas populações recenseadas nos dois últimos Censos Demográficos realizados. Essas populações recenseadas, que servem de base para o cálculo da tendência de crescimento populacional dos Municípios, podem ser ajustadas em consonância com os ajustes da população adotados nas Projeções da População para o Brasil e as Unidades da Federação”.

No Brasil, existe o programa Bolsa Família, criado desde de 2003, este transfere de forma direta renda para as famílias pobres e extremamente pobres. Dados obtidos do Relatório Informativo sobre o Bolsa Família destacam que até maio de 2020, o município dispunha de *13.670 famílias cadastradas no Cadastro Único para Programas Sociais*. O Cad. Único assim também conhecido na área da assistência Social é um sistema que reúne informações socioeconômicas de pessoas, que autodeclaram que vivem com renda mensal, de até meio salário-mínimo por pessoa. Por meio dessas informações é que o governo federal seleciona as famílias para seus programas sociais, como o Bolsa Família.

Conforme o relatório (2020) de informações sociais – RI⁸, até o mês de junho de 2020, o programa beneficiou com a transferência de renda 8.357 famílias no município de Tefé, o que equivale a 141,9% da estimativa de famílias pobres do município.

Outro ponto importante destacado pelo RI, é que até maio de 2020, o Cadastro único identificou que as famílias pobres e em situação de pobreza que recebem o Bolsa Família são formadas por famílias extrativistas, pescadores, ribeirinhos, agricultores rurais, assentados da reforma agrária do Programa Nacional de Crédito Fundiário, famílias com pessoas presas no sistema carcerário, situação de rua e que também fazem parte do grupo de catadores de material reciclável, aparecendo até ciganos. O relatório ainda destaca que até abril de 2020, o programa beneficiou *13,068 crianças e adolescentes, com frequência escolar informada*.

Outro aspecto de Tefé, é a forte presença dos povos indígenas, entretanto, o censo de 2010, identificou somente *378 habitantes que se consideram índios*. Já conforme o RI, o cadastro único, registrou em sua base, *260 famílias Indígenas* e dessas 209 são beneficiárias do Programa Família.

Na intenção de caracterizar o município no qual realizamos a pesquisa, trazemos também para o trabalho dados sobre a educação. Segundo o site do IBGE, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos era de 93,9% no censo de 2010. E o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB do município registrou uma meta de 4,6 para os anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) e 4,5 para os anos finais do ensino fundamental (Rede pública).

⁸ SAGI – Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Ministério da Cidadania. RELATÓRIOS DE INFORMAÇÕES » Relatório de Programas e Ações do Ministério da Cidadania » RI Bolsa Família e Cadastro Único Relatório que tem como foco as ações detalhadas da Secretaria Nacional de Renda e Cidadania, inseridos mapa de beneficiários e coberturas do programa Bolsa Família. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/RIv3/geral/index.php>. Acesso em 01 de agosto de 2020.

Já informações do Ministério da Educação contidas no site do INEP sobre o último IDBE mostra-nos que as 4.^a e 5.^a séries tiveram suas metas alcançadas até o ano de 2015, porém no ano de 2017, a educação pública nessas séries, ficou 2 pontos abaixo de sua meta projetada que era de 4,8. Já para a 8.^a série e 9.^o ano, Tefé conseguiu ultrapassar sua meta que era de 4,3, obtendo 4,5 no IDBE. Ao analisarmos esses dados podemos concluir que apesar dos avanços na educação, ainda em relação a política de Educação, uma vez que a educação brasileira almeja chegar a atingir sua meta de 6,0 no IDBE até 2022.

Outro dado que trazemos para a contextualização do Lugar, é a taxa de mortalidade infantil média na cidade, conforme o IBGE (2017), é de 18,72, por mil nascidos vivos, e o índice do Estado do Amazonas no ano de 2018 foi de 17,2 para cada mil recém-nascidos.

No que diz respeito ao território e ambiente de Tefé. O IBGE (2017) destaca que a cidade apresenta 30,9% de domicílios com esgotamento sanitário adequado; 46,8% desses estão em áreas urbanas e em vias públicas com arborização e somente 21,1% desses domicílios dispõem de urbanização adequada, isto é, presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio.

O Esgotamento sanitário adequado atinge somente 30,9%, ficando a maioria da população sem acesso a esse serviço. Em se tratando da arborização de vias públicas a taxa do município está em 46,8%, mesmo sendo localizada na floresta amazônica.



Figura 3: Porto municipal de Tefé.
Fonte: Site oficial da Prefeitura de Tefé -2020

Continuando a reflexão, vale ressaltar que município, pertence à Região do Médio Solimões⁹, e é considerado economicamente um ponto estratégico. A cidade exerce um papel singular, e de acordo com Alfaia (2017) e é conhecida como um polo do médio Solimões, onde os municípios próximos como: Alvarães, Uarini e até mesmo Coari, Maraã, Juruá, Japurá e outros se utilizam a estrutura econômica dos comércios, do Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS, assim como das agências bancárias, serviços de saúde, o aeroporto e seus portos fluviais.

Diante disso, vejamos o que Rodrigues (2011) escreve sobre a importância de Tefé como entreposto comercial da região do Médio Solimões a partir sua geo-história.

Para entender a consolidação de Tefé como entreposto comercial, que fortalece sua característica de cidade central, na região oeste do Médio Solimões, é necessário recorrer a sua geohistória, uma vez que o termo está sendo empregado em função de uma análise histórica dentro de um espaço que foi se transformando ao longo dos tempos em função das relações socioeconômicas e territoriais. (RODRIGUES, 201, p. 21)

Assim sendo, devemos compreender que Tefé não dispõe de tal característica somente em decorrência das relações comerciais atuais. Para Souza Rodrigues (2011), Tefé tem central importância geopolítica desde do período colonial, portugueses e espanhóis, estes disputavam este território, segundo o autor por três motivos.

[...] primeiro a sua localização na calha do rio principal, ou seja, na foz represada do rio Tefé, na margem direita do rio Solimões-Amazonas, apresentando um porto próximo da principal artéria fluvial amazônica, segundo, a cidade está situada em uma posição intermediária entre as fronteiras do Pará, da Colômbia e da Venezuela, tendo acesso ao controle da circulação, por último localiza-se próximo a confluência dos rios Japurá e Juruá com o rio Solimões e se distanciando um pouco, do rio Jutai, caracterizando-se desde o passado como um entreposto de abastecimento nas artérias fluviais acima citadas (SOUZA, 1989, apud RODRIGUES, 2011, p. 24).

No entanto, o município, não é somente conhecido por seu potencial econômico e por ser uma cidade polo da região do médio Solimões. Tefé dispõe de outras características singulares, como as suas manifestações artísticas, folclóricas e religiosas. Além de suas riquezas. Ainda segundo Alfaia (2017), Tefé deu origem a danças folclóricas como ciranda, o cacetinho, boi-bumbá Gitinho, barqueiro e pastorinha. As danças advêm antes mesmo de Tefé se tornar cidade, elas surgem ainda na época da Vila de Ega. A cidade também conta com outras festas como a Festa da Castanha, o Festejo de Santa Teresa D'Ávila, o tradicional

⁹ Os municípios que pertencem a região do Médio Solimões são: [...] Coari, Fonte Boa, Uarini, Alvarães, Tefé, Jutai, Codajás, Manacapuru, Iranduba, Anori, Anamá, Caapiranga e Manaquiri [...]. Informações retiradas do site: <https://bncamazonas.com.br/municipios/cheia-cidades-do-medio-solimoes-e-baixo-amazonas-sao-invadidas-pelas-aguas/>. Acesso no dia 24 de junho de 2020.

Festival Folclórico e o Aniversário da Cidade. O festival Cultural é o período singular na cidade, onde os tefeenses valorizam sua cultura local. Podemos ainda identificar a forte religiosidade da população de Tefé. Conforme o IBGE, o censo de 2010, mostrou que 35.482 pessoas se consideram Católica apostólica romana, enquanto 20.742 são evangélicas e somente 156 declararam ser espírita.



Figura 4: Os Antigos e Novos Prédios de Tefé - AM
Fonte: Site oficial da Prefeitura de Tefé -2020

No desejo de conhecer esse lugar, chegamos a um ponto que não podemos deixar passar despercebido. Observou-se que a cidade passou por mudanças na estrutura urbana. Os novos prédios públicos, além de ter modificado a imagem urbana da cidade, têm contrastado com os prédios antigos, que fazem parte da história cultural do município. Particularidades deste lugar, características que encantam quem vive nesta cidade e aqueles que o visitam. A imagem anterior nos possibilita compreender que o passado e o presente conversam no contexto atual da cidade de Tefé. Podemos dizer que Tefé, tem um caráter de cidade histórica e moderna, pois seus prédios assim nos permitem entender.



Figura 5 Catedral de Santa Tereza D'Ávila
Fonte: Site oficial da Prefeitura de Tefé-2020.

As imagens da Catedral de Santa Tereza, e do prédio do Seminário Espírito Santo, são exemplo do legado patrimonial e histórico que a cidade dispõe. Bem como os novos prédios como a feira, o porto, as praças demarcam para este lugar, uma característica de cidade moderna.



Figura 6: Seminário Espírito Santo.
Fonte: Site oficial da Prefeitura de Tefé -2020

Também ficam evidentes suas características amazônicas, pois, tratam-se de uma cidade localizada na floresta amazônica, dentro de um lago, que também recebe seu nome, onde canoas, barcos, flutuantes e praias fazem parte da imagem cotidiana desta cidade.

Os novos prédios, igualmente importantes para entendermos essa cidade. Eles passam a fazer parte de uma história recente. As praças, a nova feira, aumentaram as opções de lanches, restaurantes, espaços para lazer e de empreendimentos econômicos em vários setores.

Até 2020, Tefé dispunha de uma estrutura urbana organizada em 21 bairros¹⁰ e mais 3 bairros que ainda não reconhecidos oficialmente, chamados de invasão.

Para Rodrigues (2012), é a integração dos bairros que forma uma cidade, para o autor os bairros têm sua fisionomia própria e seus habitantes. É notório que Tefé ao longo do tempo passou por inúmeras mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais que também tem modificado sua estrutura urbana

¹⁰ Sendo Eles: São José, Vila Nova, São João, São Raimundo, Santo Antônio, Santa Rosa, São Francisco, Santa Tereza, Nova Esperança, Santa Luzia, N. S. de Fátima, Olaria, Monte Castelo, Jerusalém, Mutirão, Juruá, Centro, Fonte Boa, Colônia Ventura, Aeroporto, e Abial. Todavia, ainda não registrados como bairros temos: o Deus é Fiel I e II e Conjunto Castanheira.

revelados sobre este Lugar chamado Tefé, todavia, a intenção deste tópico era contextualizar o lugar maior onde a pesquisa foi realizada.

2.2 O segundo passo: as primeiras impressões sobre o bairro

Dando continuidade, passemos para o segundo passo. Este nos possibilitou teoricamente conhecer o Lugar de Ser Criança, para além do território geográfico. Ele me levou a uma experiência empírica sobre o bairro Nossa Senhora de Fátima. Foi andando em suas ruas, que passei a conhecer as famílias que nele vivem.

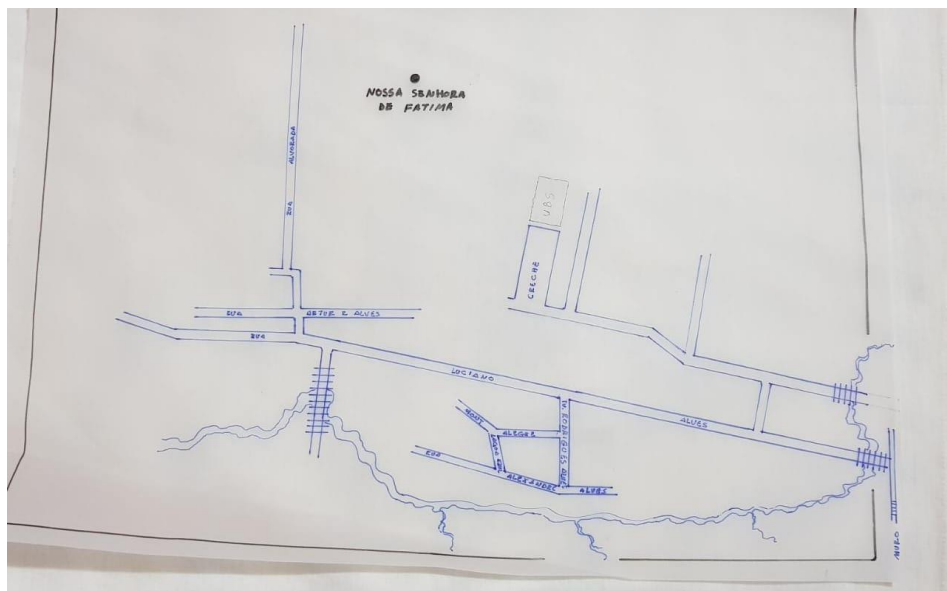


Figura 8: Mapa do bairro N. S. de Fátima.
Fonte: Secretaria Municipal de Saúde – SEMSA – Tefé – AM - 2020

De acordo com Rodrigues (2012, p 52) “Tanto a dimensão subjetiva e intersubjetiva, quanto à objetiva, constituem o bairro. Logo, o bairro é parte do espaço socialmente construído por sujeitos que estabelecem com ele relações experienciais e de cotidianidade, isto é, sua dimensão subjetiva e intersubjetiva”. Portanto, foi nos utilizando deste pensamento que fomos ao encontro do lugar e dos seus sujeitos.

Todavia, antes de anda pelas ruas¹¹ do bairro, procuramos informações sobre ele no meio acadêmico. O único trabalho acadêmico encontrado sobre o bairro, foi o relatório do Projeto de Iniciação Científica citado anteriormente na introdução e concluído em 2007. Por

¹¹ Até o ano de 2020, o bairro Nossa Senhora de Fátima, possuía oficialmente sete ruas, sendo elas: Avenida Tira Dentes, Rua Alexandre Rodrigues Alves, Rua Alvorada, Rua Arthur Rodrigues Alves, Trav. Alexandre Rodrigues Alves, Trav. Monte Alegre e Rua José Luciano Rodrigues Alves

meio dos dados contidos neste relatório iniciamos a contextualização do bairro Nossa Senhora de Fátima.

Uma de suas características registradas por Moraes (2007) naquele período foi o funcionamento dos pequenos comércios como botecos, tabernas, mercearias nas saletas das casas, estes ofereciam somente as principais mercadorias que a população local necessitava como ovos, salsichas, óleo, arroz, dentre outros. Naquele período o bairro possuía apenas três ruas e não estas não eram pavimentadas.



Figura 9: Pequenos comércios nas salas das casas do bairro Nossa Senhora de Fátima. Fonte: trabalho de campo, 2019 (foto: Naraiza C. Lira).

O bairro passou muito tempo sem ter uma escola, até 2007, o que haviam eram salas improvisadas, nos fundos da capela da igreja de Nossa Senhora de Fátima¹², onde funcionavam turmas do primário, pertencentes à Escola Municipal Walter Cabral, que no momento passava por reformas.

O relatório ainda destaca que as casas eram simples, com estruturas pequenas ou médias, de madeira¹³ sobre jirau, algumas delas de palafitas¹⁴, que geralmente se constituíam de três cômodos, sala, um quarto, e cozinha, os banheiros ficavam a parte da casa, de tábuas apoiadas sobre pranchas de madeiras usadas tanto para a higiene corporal, como para

¹² Única igreja Católica, que abriga a Santa padroeira do Bairro.

¹³ Com as primeiras observações, obtidas no dia 10 de dezembro de 2018, é visível que o bairro já possui muitas casas construídas de alvenaria.

¹⁴ Conforme o relatório principalmente as que foram construídas ao lado das pontes de madeiras existentes no bairro.

lavagens de roupas, louças, e era onde ficavam os baldes de água. As casas eram muito próximas umas das outras, não havia saneamento básico, os dejetos de todas as residências eram despejados no igarapé.

Moraes (2007) caracterizou o bairro, como um lugar de povo simples, onde é comum entre os moradores, se considerarem parentes mesmos que fossem de uma genealogia bem distante. Os laços comunitários eram fortes e a presença do sentimento de solidariedade era perceptível entre os vizinhos, sendo comum também a ajuda aos parentes, vizinhos, compadres que estiverem passando por necessidades. Exerciam atitudes que iam desde troca de objetos, divisão ou empréstimos de alimentos e realização de favores.

Observamos ainda que a pesquisa destacou um forte sentimento de solidariedade, existente entre os moradores do bairro. Assim como, traz registro de conflitos, que iam desde intrigas causadas por fofocas, até brigas mais intensas causadas pelas rivalidades entre galeras¹⁵ do próprio bairro e demais bairros de Tefé. O documento também expõe que o bairro possuía¹⁶ muitas famílias desestruturadas, destacando que esse seria um dos problemas sociais que afetava a juventude deste lugar. Outro ponto negativo em relação ao bairro já naquela época eram as drogas ilícitas, que não eram usadas somente por adultos, mas também por algumas crianças, adolescentes e jovens.

Já em relação às condições econômicas dos moradores, Moraes (2007) expõe que era considerável o número dos responsáveis das famílias, que exerciam as funções de garis, vendedores de lojas, feirantes, pescadores e agricultores. Identificou-se com a leitura do trabalho que as brincadeiras como jogos de futebol, baralho, dominós, festas, praias, igarapés (de preferência a praia do Xidarini) faziam parte do lazer da comunidade nos anos de 2006 e 2007. A coleta de frutas era entendida como lazer: colhiam mari, tucumã, ingazinha, buritiAA213A. Entretanto, também foram identificadas as brincadeiras tradicionais, como: a pira, o gemesson, o paturi, pular corda, queimada, pião, papagaio, bolinhas.

2.3 O terceiro passo: deixando pegadas no campo de pesquisa

Eu sempre fui atraída pelo Bairro Nossa Senhora de Fátima. Primeiro, por um desejo pessoal de saber porque era chamado de Vila Pescoço. Depois foi a motivação acadêmica

¹⁵ Galera é o nome dado aos grupos de pessoas, que se aliam com o propósito de marcar território, utilizando-se de violência entre outras galeras ou pessoas que por ventura venham a querer invadir seu território passar essa descrição para a primeira vez que faz citação do termo.

¹⁶ Esta é a informação que consta no relatório, não sabemos e nem temos nenhum dado mais atual que possam contestar ou ratificar essa característica familiar dos moradores do bairro.

que me impulsionou a conhecê-lo. No entanto, meu principal interesse agora, era saber principalmente como as crianças e seus pais concebiam seu bairro, e assim também compreender a infância deste lugar no presente da pesquisa, uma vez que entende-se que a infância é construída socialmente, conforme Souza (2011, ela é um processo histórico-cultural, construído e modificado em tempos, espaços e sociedades diferentes. Portanto, não podemos dizer que a forma de se viver a infância hoje, neste lugar, é a mesma das crianças que viviam antes nele.

Durante os passos, penso que também deixei as pegadas. Apesar de ser uma visita de reconhecimento e observação do campo. Não somente observei, mas também fui observada. Falo isso porque quando tirava fotos da fachada da escola e da igreja, de forma inesperada, ouvi um morador pedindo que também lhe tirasse uma foto.

Vale registrar que até ouvir a voz desse morador, eu não tinha percebido a presença de um grupo de pessoas sentado à beira da rua. Foi então, para minha surpresa, que compreendi que estava sendo observada. Minhas pegadas foram vistas por um grupo¹⁷ de pessoas, formado por duas crianças, um adolescente e somente de um adulto. No entanto, as primeiras conversas com os moradores foram interrompidas, pois, como estava sendo acompanhada por um funcionário da SEMEC¹⁸, fui convidada a entrar na escola. Considero que este foi um contato breve, todavia, importante, pois, através desse breve diálogo tive a oportunidade de criar uma empatia com os moradores do bairro¹⁹.



Figura 10: Fachada da Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima.

Fonte: durante a pesquisa exploratória no bairro no ano de 2018 (foto: Naraiza C. Lira).

¹⁷ Concluo isso, devido ao tamanho das pessoas com as quais informalmente, sem nenhuma intenção ainda de registrar as falas.

¹⁸ Secretaria Municipal de Educação Esporte e Cultura de Tefé-AM.

¹⁹ Como fui ao campo no primeiro momento para conhecer melhor o local de pesquisa, ainda nessa ocasião não disponha do termo de consentimento livre esclarecido e por isso não exponho as falas dos moradores, professores e crianças com quem conversei informalmente.

A ampliação da pesquisa, portanto, me levou para o campo. A parte empírica me proporcionou conhecer os sujeitos, a escola e a comunidade. Na primeira aproximação do bairro, observei que este lugar já dispõe de uma escola pública municipal, entretanto, ainda em prédio alugado, que atendia crianças de dois até cinco anos de idade.



Figura 11: Salas da Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima
Fonte: Fotos obtidas com a pesquisa de campo no ano de 2019. (Foto: Naraiza C. Lira).

A escola é a única instituição pública, que funciona dentro do território. Ela exerce um importante papel social para as famílias do bairro. Falo isso, porque tivemos, a oportunidade de conversa informalmente com duas professoras da Escola, que também se chama, Nossa Senhora de Fátima. Neste primeiro contato, falamos da intenção de pesquisar algumas crianças do bairro, falamos da problemática do projeto de pesquisa e dos seus objetivos. E após apresentar os objetivos da pesquisa, observamos que a professora tinha gostado da ideia de as crianças do bairro, participarem de uma pesquisa.

Ainda sobre o contexto escolar, as professoras expuseram algumas problemáticas sociais que os alunos vivenciam. Destacaram problemas com alguns pais, como dependência de álcool, tráfico de drogas, e famílias da escola que passam necessidades alimentares. Do mesmo modo que enfatizaram que alunos que passaram pela escola, hoje estão no mundo das drogas.

Em se tratando, do corpo discente da escola, as professoras relataram que assim que instalaram a escola no bairro, era difícil ter professores que quisessem trabalhar na escola. Isso em decorrência da fama negativa²⁰ do bairro. Contudo, existem sim pontos positivos que ligam a escola e o bairro, a comunidade sempre adere às programações sociais da escola, como dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, entrega de boletins e outros.

²⁰ Pela fama que o bairro possui de ser violento.

Ainda observamos a existência de instituições e serviços públicos como: igrejas, agentes de saúde e visitadoras do programa federal Criança Feliz. Por ser um programa novo e que atende as crianças do bairro, procuramos compreender melhor o que é o Programa Criança Feliz. Segundo o Ministério da Cidadania, ele é uma importante ferramenta para que famílias com crianças entre zero e seis anos ofereçam a seus pequenos meios para promover seu desenvolvimento integral. Foi instituído por meio do Decreto nº 8.869, de 5 de outubro de 2016, e alterado pelo Decreto nº 9.579, de 22 de novembro de 2018, de caráter intersetorial e com a finalidade de promover o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância, considerando sua família e seu contexto de vida.

Quanto ao público alvo, este atende:

- a) gestantes, crianças de até 3 (três) anos e suas famílias beneficiárias do Bolsa Família;
- b) crianças de até 6 (seis) anos e suas famílias beneficiárias do BPC2;
- c) crianças de até 6 (seis) anos afastadas do convívio familiar em razão da aplicação de medida protetiva prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Desse modo, o programa configura-se como uma estratégia alinhada ao Marco legal da Primeira Infância que traz as diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a primeira infância em atenção à especificidade e à relevância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil e no desenvolvimento do ser humano.

Este primeiro contato com o campo, mesmo de forma rápido foi essencial para amadurecer as reflexões sobre o contexto e as relações sociais onde as crianças se inserem. Tudo que ouvi, observei e fotografei foram compondo este trabalho. E gradualmente fui conhecendo melhor este Lugar.

2.4 O quarto passo: as Famílias do Lugar

A caminhada metodológica, por algum tempo ficou parada. Demorei dar outro passo, fiquei prisioneira do trabalho, do meu próprio contexto, e passei um bom tempo, estagnada, sem avançar com a pesquisa. Após esse momento de paralisia intelectual, retomei a problemática.

Ao mesmo tempo, pensei que meus passos já tinham deixado pegadas e elas não poderiam ficar somente registradas pela metade. Se continuasse com os passos, com certeza eles me levariam a as respostas que eu deseja.

Entretanto, existia a necessidade ainda de conhecer melhor este contexto. Através de conversa com uma das minhas professoras²¹ de mestrado, entendi que era necessário ir mais a fundo em relação às informações sobre este lugar. Mediante a necessidade de obter dados mais atuais sobre o bairro continuei dando passos.

Uma vez que já havia muito tempo para terminar a pesquisa, foi necessário pedir auxílio de profissionais voluntários, que estivessem dispostos a contribuir com a minha pesquisa. E por meio da colaboração espontânea de cinco estagiárias de Serviço Social²², conseguimos realizar um breve diagnóstico do bairro.

A partir desse momento, realizamos a aplicação de questionário, com perguntas abertas e fechadas, de caráter quantiqualitativo com 99 famílias voluntárias.



Figura 12: Equipe de campo: questionário socioeconômico e demográfico.
Fonte: Trabalho de Campo, 2020 (Foto: Naraiza C. Lira).

Nossa intenção era ouvir das famílias suas opiniões sobre o seu bairro, sondar suas condições habitacionais e econômicas. Com a aplicação do questionário, aproximei-me ainda mais do contexto social do bairro e das famílias.

Esse foi um momento crucial para criamos vínculos com os professores da escola, com alguns idosos, jovens e crianças do bairro. Através do diagnóstico conseguimos trazer para o trabalho algumas impressões mais atuais sobre o bairro Nossa Senhora de Fátima.

²¹ Isto é, a Professora Dra. Ana Claudeise.

²² Suelem Pollyane Maciel, Fabiula Valentim dos Santos, Daniele dos Santos Almeida, Renildes de Souza Ramos e Ralfa Gomes de Souza, alunas do curso de Serviço Social do Centro Universitário Leonardo da Vinci-UNIASSELVI. No momento da pesquisa, 03 alunas eram minhas estagiárias de Serviço Social na Coordenadoria Regional de Ensino de Tefé e 2 estagiavam comigo no Centro de Convivência da Família de Tefé. Lugares esses onde atuo como assistente Social. E por ter um vínculo como supervisora de campo com as mesmas, ela ficou sabendo do trabalho de pesquisa no bairro e a partir daí se prontificaram a colaborar com a aplicação do questionário.

Por conseguinte, trazemos os resultados sistematizados, provenientes de um público bem heterogêneo, uma vez que entrevistamos pessoas de diferentes idades. Ouvimos pessoas com idade entre 15 a 77 anos. Como bem demonstra o gráfico abaixo.

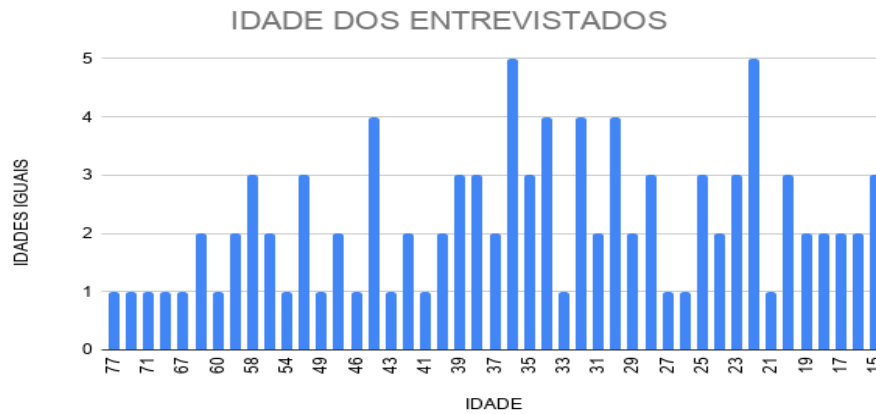


Gráfico 1. Idade das pessoas entrevistadas -2020.

Entre os entrevistados, 65% eram as titulares, ou responsáveis pelas famílias, sendo que conversamos com 84 Mulheres e 15 Homens. No entanto, 35% dessas pessoas não eram as titulares, mas moravam no mesmo domicílio que elas.

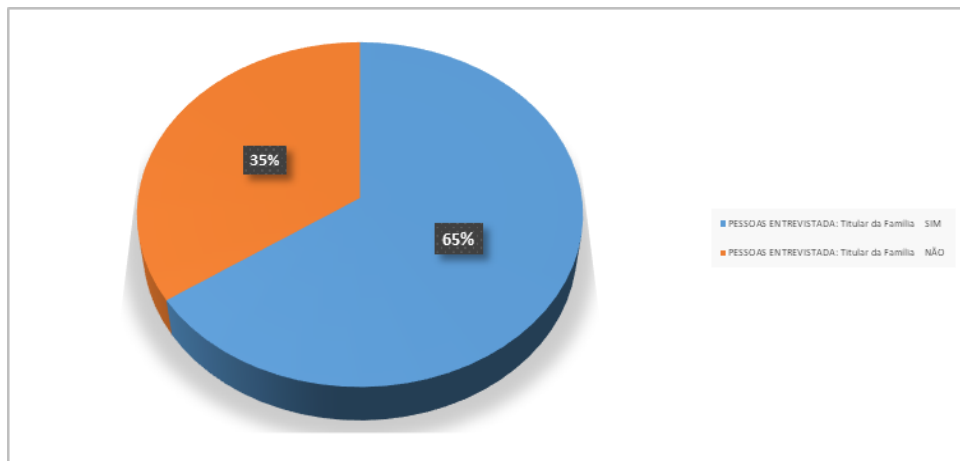


Gráfico 2. Percentual de famílias titulares ou não titulares das Famílias - 2020.

Identificamos, na primeira parte do questionário, o nome, a idade e se eram as titulares ou não das famílias dos domicílios que visitamos. Registramos também o tempo que estes moradores se encontravam morando no bairro.

E partir daí, encontramos e conversamos com pessoas que já moravam há 35 anos, assim como também, tivemos oportunidade de entrevistar pessoas que tinham chegado ao bairro a cerca de um mês.

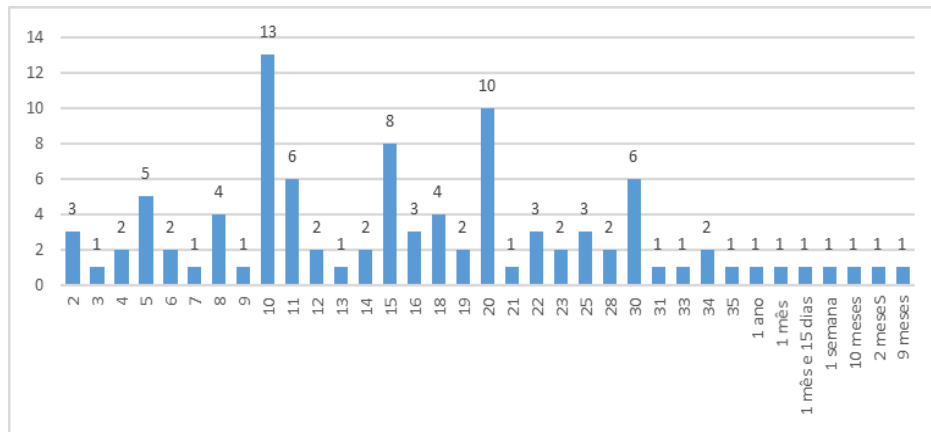


Gráfico 3. Tempo de moradia no bairro -2020.

Também era nossa intenção era saber de onde vinham as famílias, deste lugar. Conforme o gráfico abaixo, a maioria dos entrevistados nasceram no município de Tefé. Entre os naturais de outras cidades, chamou-nos a atenção que seis falaram que antes moravam em Alvarães, cinco moravam em Carauari, cinco em Marañ, quatro no município de Manaus e três no município de Fonte Boa. Outro ponto relevante é que quando questionados de onde vieram, antes de morar no bairro, seis relataram que vieram do bairro de Santo Antônio²³.

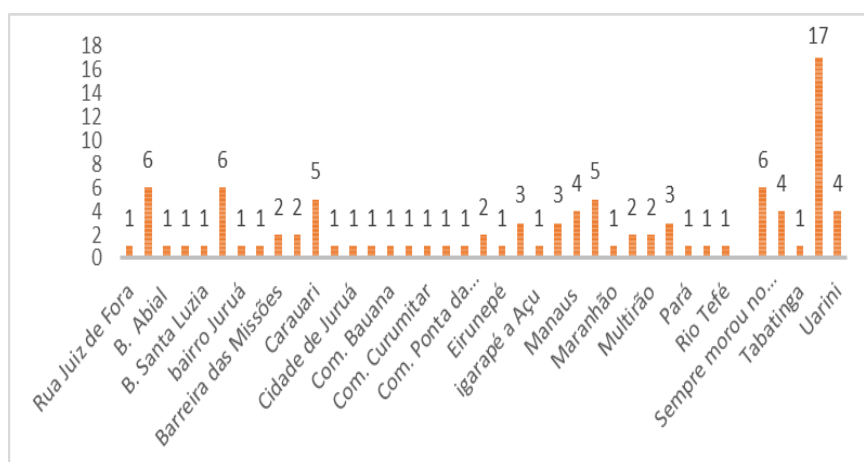


Gráfico 4. Lugar de Origem do grupo familiar-2020.

²³ O bairro Santo Antônio é um dos bairros da cidade de Tefé, que fica bem próximo ao bairro Nossa Senhora de Fátima.

E quando questionados se gostavam de morar no Bairro, 86 pessoas responderam que sim e somente 17 disseram que não gostavam. Isso Representa que 83% dos entrevistados gostam do seu lugar e somente 17% relataram que não gostam. Entretanto, quando perguntados se gostariam de mudar de bairro 58% afirmaram que sim, enquanto, 42% disseram que não mudariam.

Do mesmo modo, interessava-nos saber se as famílias entrevistadas participavam de algum programa social. Considerando os dados coletados, 64 pessoas responderam que sim, participam de programas Sociais e somente 35 relataram que não participam de nenhum programa social. Conclui-se, portanto, que a maioria participa de algum programa social.

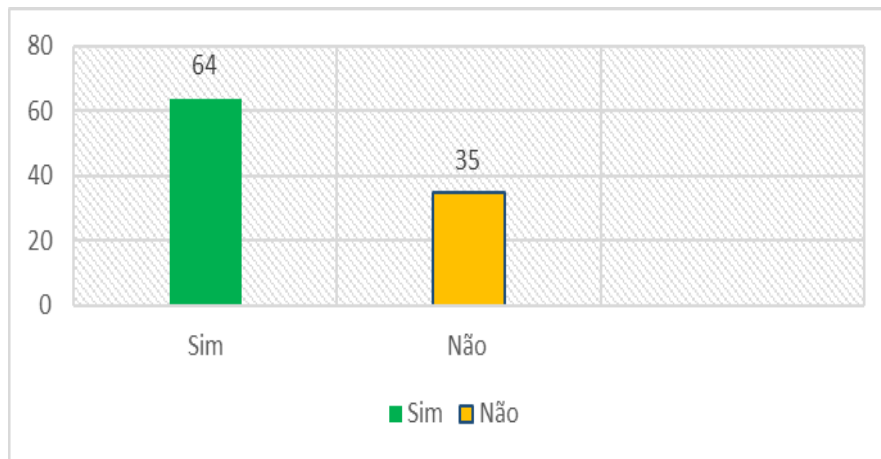


Gráfico 5. Participam de algum programa Social? - 2020.

O gráfico abaixo registra os que participam de algum programa social e de qual programa fazem parte. De 99 famílias, 64 são Beneficiárias do programa Bolsa Família e 3 participam do Programa Criança Feliz – PCF e Programa Bolsa Família - PBF.

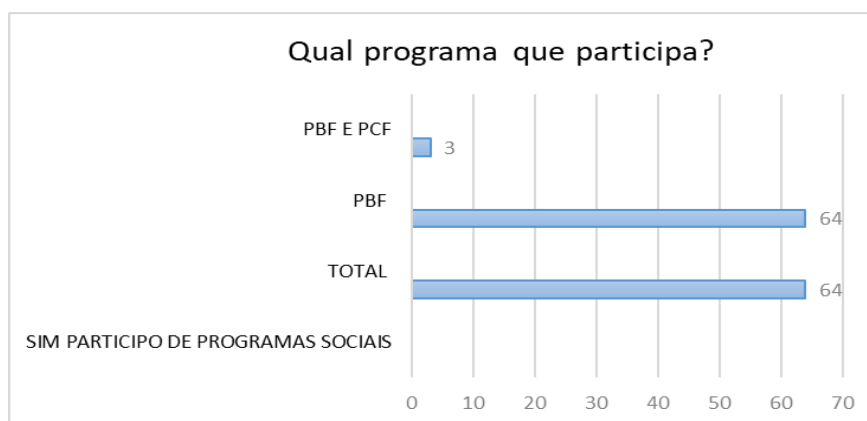


Gráfico 6. Programa Social que as famílias participam? - 2020.

Com intuito de saber as impressões dos moradores, em relação ao seu bairro, fizemos algumas perguntas abertas para que eles pudessem expressar suas opiniões sobre o seu lugar. Deste modo, foram questionados sobre o que mais gostavam no bairro. A seguir trazemos os resultados do que gostam e o que não gostam como moradores deste lugar.

Em relação as coisas positivas ligadas ao bairro, os moradores destacaram gostar da água, do bairro como um lugar tranquilo, da vizinhança, dos amigos, de morar próximo aos parentes. Alguns disseram que é bom morar no bairro, por ele ficar próximo ao centro da Cidade. Que a escola das crianças fica próxima as suas casas, que existe uma facilidade de comprar o alimento próximo de casa, pois na ponte principal, chamada de ponte de Vila Pescoço, tem várias vendas de peixe, de verdura, de farinha. Ainda alguns destacaram que as crianças podem brincar tranquilas no bairro porque existe pouco trânsito de motos e carros.

Os campinhos de futebol, improvisado, atrás de suas casas, as igrejas e os atendimentos do posto de saúde que atende o bairro, também foram apontados como pontos positivos. No entanto, o que mais ficou expressivo na fala dos moradores, em relação ao que gostam, foi que o bairro Nossa Senhora de Fátima é um lugar tranquilo e bom de água.

Sobre o que não gostavam os moradores destacaram, que não gostam da violência, da bagunça, da ponte, do lixo nas ruas, da falta de asfalto, do barulho, da confusão, da bagunça dos vizinhos, da galera, da lama que dificulta as crianças ir para escola, da má educação dos traficantes que fumam nas ruas, dos esgotos expostos, das drogas, dos roubos e da insegurança.



Figura 23: Fragilidades do bairro apontadas pelos Moradores.
 (Pontes, a falta de asfalto em algumas ruas, saneamento, o lixo e cachorros nas ruas).
 Fonte: Trabalho de Campo, Ano de 2019 (Fotos: Naraiza C. Lira).

Enfatizaram ainda que as fofocas feitas por alguns vizinhos, a falta de coleta de lixo, a falta de segurança no bairro, a falta de saneamento básico, as brigas, os cachorros na rua e a falta de iluminação das ruas são pontos negativos destacados e observados com a análise dos dados obtidos com o questionário.

Contudo, a ponte apesar de ser um dos grandes gargalos, ela não aparece entre a maioria deles como um dos principais pontos negativos. Todavia, é a violência e a falta de asfalto nas ruas que mais tem deixado os moradores desse lugar insatisfeito.

Quando inqueridos sobre o que mudariam no seu bairro? Eles responderam que acabariam com os ladrões, asfaltariam as ruas, colocaria guardas municipais no bairro, concluiriam as obras previstas para o bairro, criariam um posto policial, criariam lugares para prática esportiva, fariam a ponte que liga o bairro ao centro de Alvenaria, colocariam lixeiras públicas nas ruas, gostariam de eliminar as drogas e também criar um espaço para as crianças brincarem.

Como já destacamos na introdução do trabalho, o bairro é conhecido pejorativamente como Vila Pescoço. Assim sendo, com intuito de tentar identificar o motivo pelo qual o bairro é conhecido dessa maneira, perguntamos também dos moradores, se eles sabiam o motivo pelo qual o bairro é conhecido como Vila Pescoço?

O resultado mostrou que 64 pessoas, não souberam explicar o motivo do bairro ser conhecido como Vila Pescoço. Já em relação aos que responderam, que sabiam o motivo, podemos destacar as a seguir as principais respostas.

- A. *"Devido um campo que tinha, onde cortaram o pescoço de uma pessoa".*
- B. *"O Pe. Antônio que pós o nome de Vila Pescoço".*
- C. *"Devido à ponte Vila Pescoço".*
- D. *"Devido à violência".*
- E. *"Devido os comentários de corte de pescoço"*
- F. *"Pelo formato do bairro que parece um pescoço"*
- G. *"Por causa dos galerosos".*
- H. *"Os galerosos cortavam os pescoços".*
- I. *"Por causa da ponte de Vila pescoço"*
- J. *"Por causa de alguns meninos de galera na ponte, colocavam a faca no pescoço das pessoas".*
- K. *"Porque na época... o bairro ser violento".*
- L. *"Porque aqui as pessoas brigavam muito".*

A partir da impressão negativa que alguns moradores de fora do bairro possuíam sobre ele, nós também perguntamos se eles se sentiam discriminados por morarem neste lugar. Por meio da

questão 63 pessoas responderam que não se sentia discriminado por morarem no bairro. No entanto, 36 disseram que sim.

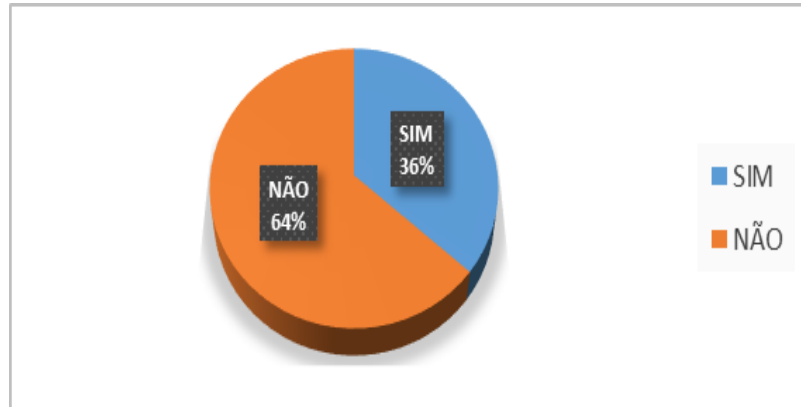


Gráfico 7. Você se sente discriminado por morar no bairro?

A discriminação declarada pelos 36% que responderam sim, acontece por vários fatores, entre os principais estão à fama negativa do bairro ser conhecido como perigoso, pelo tráfico de drogas existente no bairro, pela falta de segurança pública, por jovens ditos “galerosos”, e até pelo poder público, uma vez que o bairro ainda sofre com falta de saneamento básico, de escola de Ensino Fundamental e Médio, não dispõe de posto de saúde no bairro entre outros serviços públicos.

- A. “Aqui é bairro esquecido”.
- B. “As pessoas acham que é violento, não fazem entrega de bolos, pizza, e não tem coleta de lixo”.
- C. “Às vezes me sinto”.
- D. “Às vezes me sinto, porque o bairro é perigoso”.
- E. “Bagunçam, que aqui só tem galerosos”.
- F. “Devido ao bairro é identificado como violento”
- G. “Motoqueiros não gostam de trazer passageiros para o bairro”.
- H. “Muitas vezes, principalmente pela administração pública”.
- I. “Eu tenho vergonha de mora na Vila Pescoço”
- J. “Os parentes não gostam de visitar o bairro por achar perigoso”
- K. “Pela falta de segurança no bairro”.
- L. “Pensam que é violento”.
- M. “Por causa da violência e das drogas”.
- N. “Porque aqui é área vermelha”.
- O. “Porque aqui é conhecido como violento”.
- P. “Porque é conhecido como um lugar de galerosos”.
- Q. “Porque os amigos não vêm me visitar, acham que é perigoso”.
- R. “Porque tem fama de galera”.

Outro aspecto importante a pontuar, é sobre a situação dos domicílios e as condições de moradia dos moradores. Entre as 99 pessoas entrevistadas, 89 afirmaram que seus domicílios são próprios, 5 são alugados e 5 moram em casas cedidas.

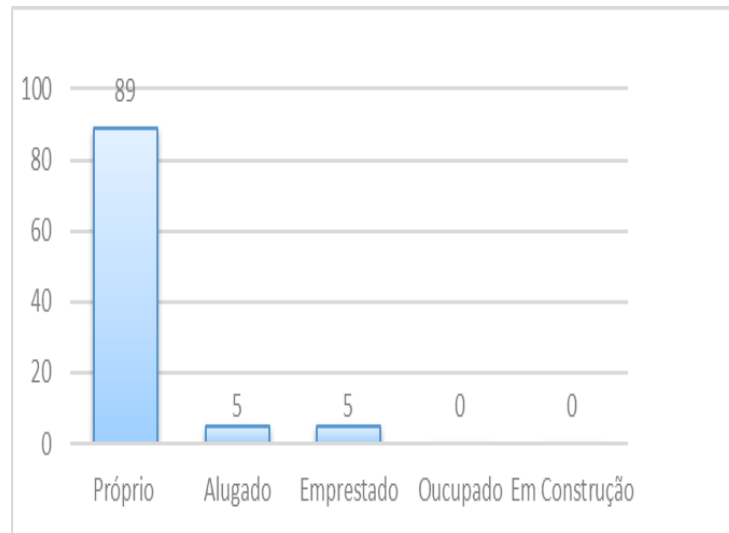


Gráfico 8. Situação do Domicílio

Verificou-se também que 27 das residências têm 5 cômodos, 25 tem 6, e 24 tem 4 cômodos. Conclui-se, portanto, que a maioria dos entrevistados dispõe de casas de tamanho médio, com divisórias de sala, quartos, cozinha e banheiro.



Figura 14: Rua José Luciano Alves, casas de madeira com piso suspenso. Fonte: Trab. de Campo: (Foto: Naraiza C. Lira, 2020).

Em relação ao tipo de moradia das famílias que residem em Nossa Senhora de Fátima, o resultado obtido, descrito no gráfico abaixo, demonstra e confirma que ainda hoje as casas deste bairro são maioria de madeira.

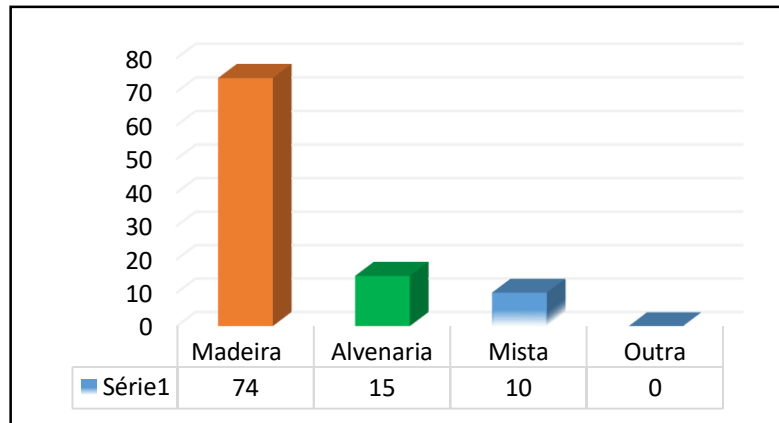


Gráfico 9: Tipo de casa – 2020.

Já no que diz respeito às condições de moradia. Dentre os entrevistados 100% afirmaram que possuem energia elétrica em casa. E sobre o abastecimento de água, 98 dos domicílios dispõem de água encanada.

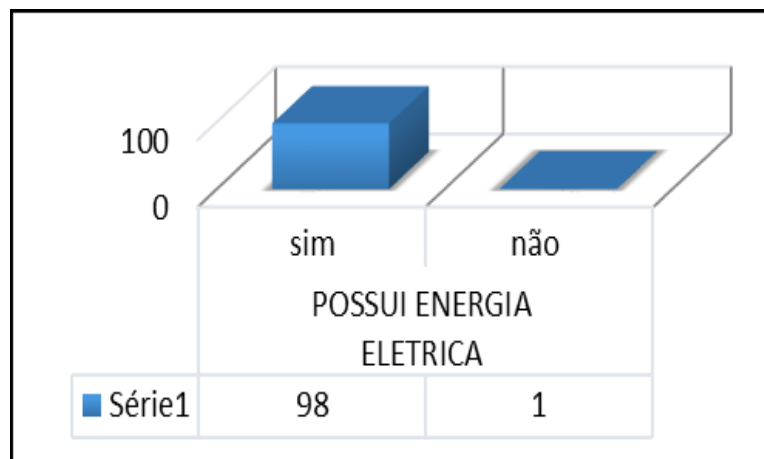


Gráfico 10. Possui energia elétrica? – 2020.

Em se tratando de Energia elétrica, fica evidente que 99% das famílias entrevistadas possuem acesso a esse serviço. Sendo esse um dos serviços que esses moradores dispõem com qualidade.

Assim como, em relação ao acesso à água. 99% deles têm água encanada. Deste modo, conclui-se que a maioria das famílias dispõe de acesso à água e energia, serviços básicos para as famílias.

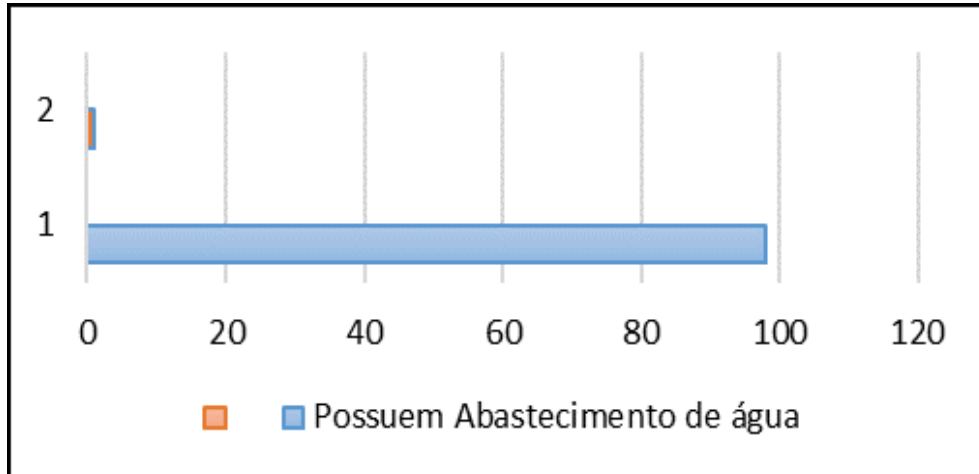


Gráfico 11. Possui abastecimento de água? - 2020.

Outro ponto importante, a ser evidenciado é que a maior parte das famílias se utiliza do serviço público de abastecimento de água da prefeitura de Tefé, isto é, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto – SAAE. Ou seja, entre as 99 famílias 84 dizem dispor de água da SAAE, 4 provenientes de poços artesianos e somente 1 disse obter água de outros modos.

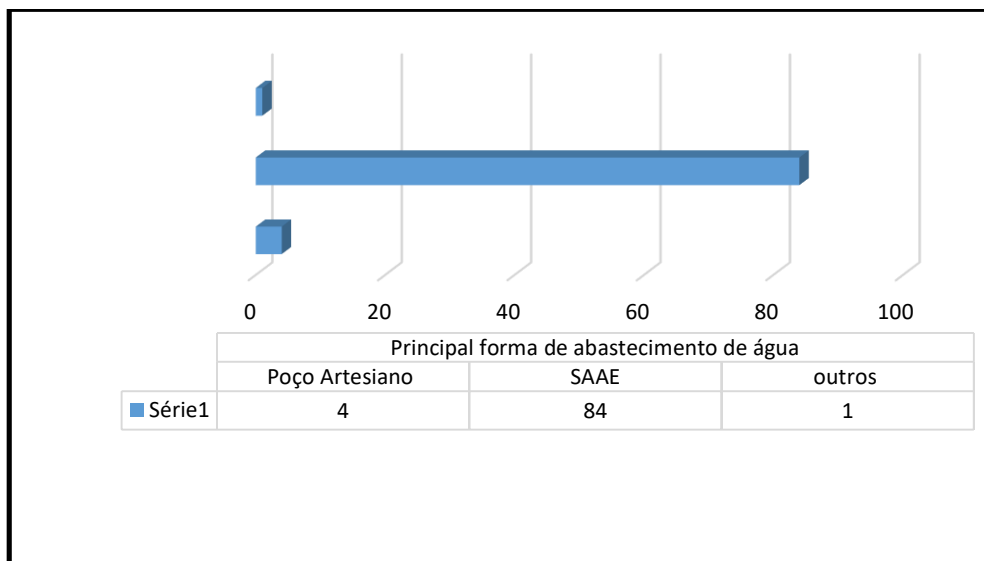


Gráfico 12. Forma de abastecimento - 2020.

Ainda na parte das condições do domicílio, quando questionados se suas casas dispunham de Sanitários, 98 das pessoas disseram que sim. E somente 1 disse que não possui sanitário e que usava de outras famílias. Sobre as características do Sanitário, os gráficos abaixo trazem os resultados conforme as respostas dos moradores.

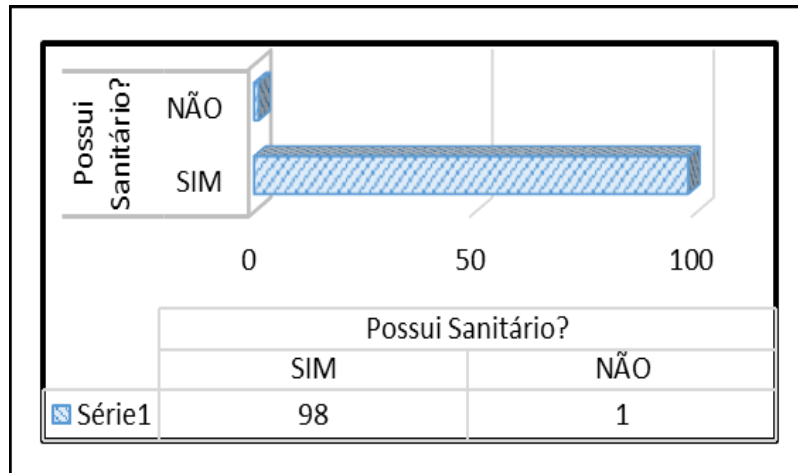


Gráfico 13. Possui sanitário em sua casa? – 2020.

As famílias em sua maioria disseram que suas casas têm sanitários com bacio, isto é, 88 famílias. Somente, 11 responderam que não dispõem de bacio em casa. Entre os que possuem 65 desses tem sanitário, na parte interna da casa, e 34 falaram que os sanitários estão instalados fora de casa.

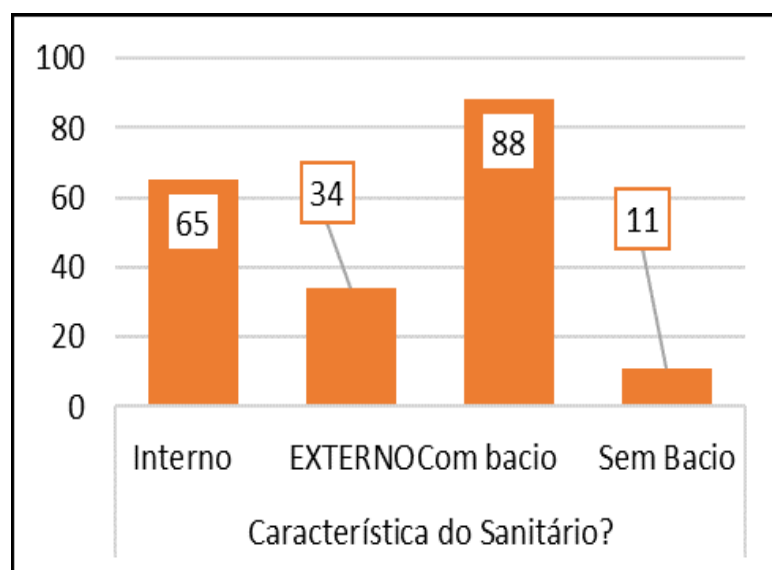


Gráfico 14. Características do Sanitário? - 2020.

Ao serem questionados sobre o destino dos dejetos dos sanitários, 94 moradores responderam que os dejetos escoam para o igarapé, somente 1 falou para o bueiro e 04 disseram para o valão.

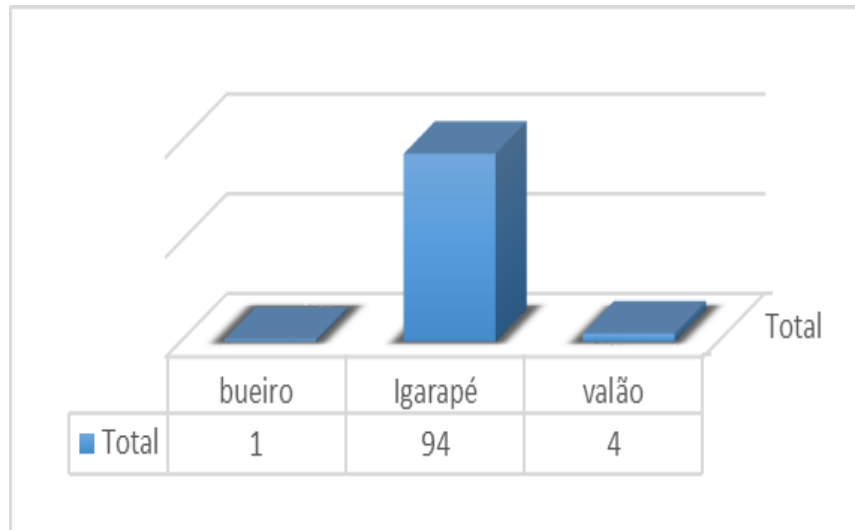


Gráfico 15. Para onde vai o esgoto do Sanitário? – 2020.

Em se tratando de onde estão localizadas as moradias das famílias do bairro, o gráfico 17, nos mostra que de 99 pessoas entrevistadas, 41 moram em ruas pavimentadas, 39 moram em pontes, 10 em frente ao campo²⁴.

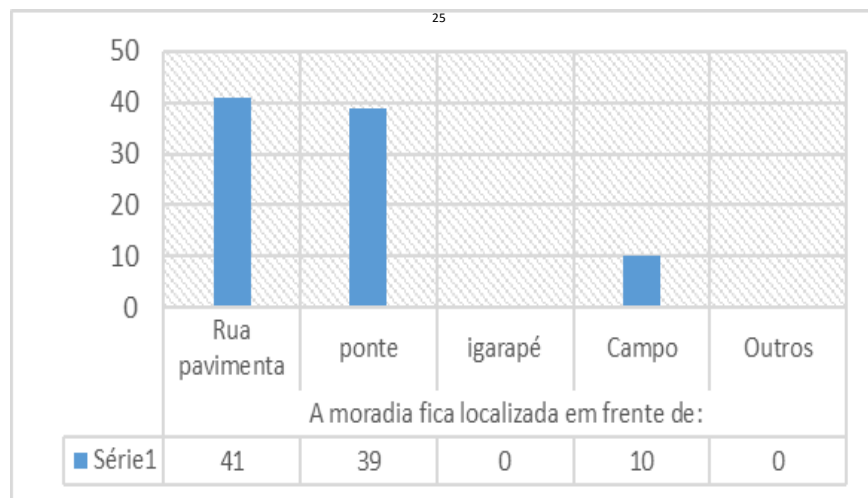


Gráfico 16. Localização da moradia- 2020.

No sentido de tentar obter informações que nos trouxessem particularidades das famílias do bairro Nossa de Fátima, realizamos perguntas sobre a condição escolar, sobre o grupo familiar e sobre as condições econômicas. Conseqüentemente obtemos os seguintes dados.

²⁴ Eles chamam campo, uma área de terra, sem asfalto, geralmente coberta de mato, ou capim, onde antes alguns moradores tinham pequenas criação de gado.

²⁵ Crédito. Uma das ruas que estão sem asfalto. Foto tirada no campo pesquisa.

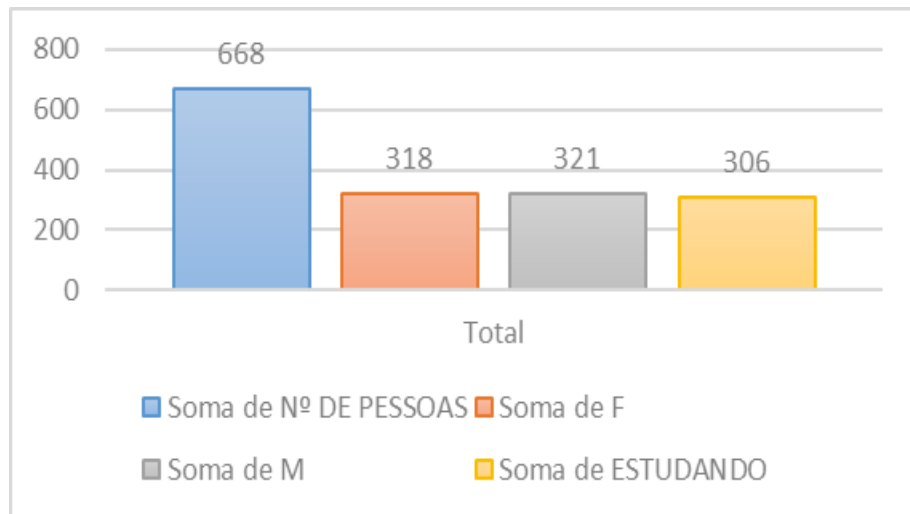


Gráfico 17. Condição escolar por família-2020.

Somando o grupo familiar das 99 pessoas entrevistadas, nós temos um total de 668 pessoas atingidas com nosso questionário. Desse total, nós temos um público de 318 pessoas do sexo feminino e 321 do sexo masculino. E dentre as 668 nós temos um total de 306 pessoas que estão estudando. Como bem demonstra o gráfico acima. Todavia, temos a seguir detalhamos o número de pessoas por família, na seguinte tabela. Qual a média do n. de pessoas por família?

Nº DE FAMÍLIAS	PESSOAS POR FAMÍLIA
13	Com 5 membros
5	Com 10 membros
9	Com 4 membros
14	Com 3 membros
17	Com 6 membros
2	Com 15 membros
8	Com 7 membros
5	Com 1 membros
11	Com 8 membros
3	Com 14 membros
3	Com 2 membros
4	Com 9 membros
4	Com 11 membros
1	Com 19 membros

Figura15: Tabela de pessoas por família.
Fonte: Pesquisa de Campo - 2020

As fontes de renda das famílias são obtidas de diversas formas. Dentre as principais destacam-se o programa de transferência de renda Bolsa Família, pensões por morte, aposentadorias por invalidez, Benefício de Prestação Continuada — BPC.

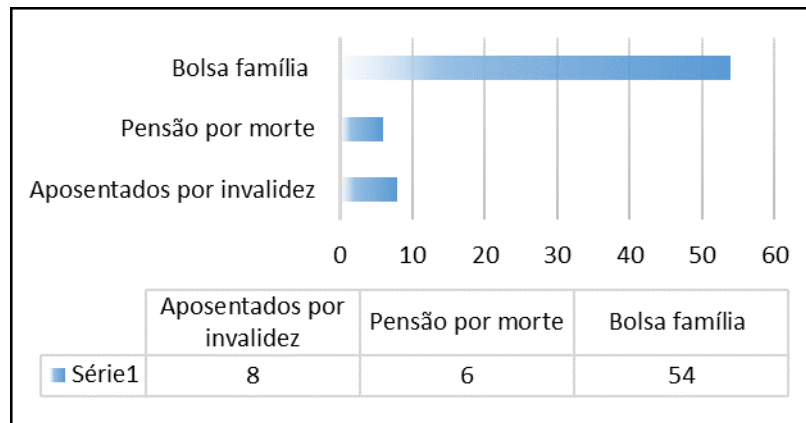


Gráfico 18 Famílias com renda advindas de benefícios sociais e do INSS-2020.

No entanto, aparecem outros tipos de renda, uma família que vive de pensão alimentícia, duas que vivem do Benefício de Prestação Continuada – PBC idosos e uma que vive com a renda do Auxílio-doença.

Ainda identificamos os que têm os salários provenientes de trabalhos formais de professores, como vigias e outros. Também, existem as famílias com rendas que provém de trabalhos informais na agricultura, na pesca e de pequenos comércios e outros.

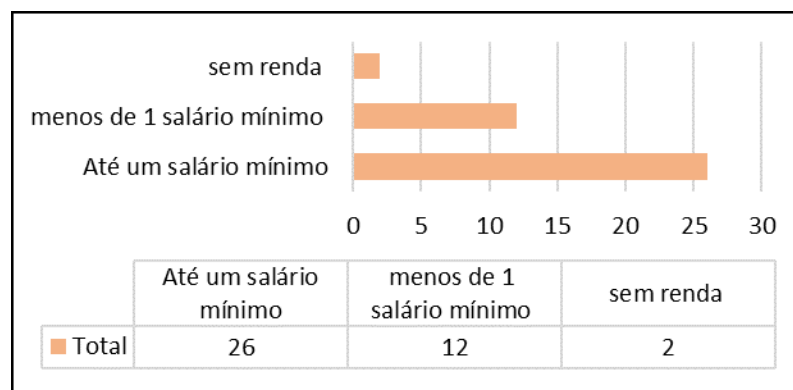


Gráfico 19. Renda familiar: Grupo I – 2020.

É notório que a maioria das famílias, que residem no bairro, é de pessoas de baixa renda. Todavia, encontramos famílias que vivem com renda de três a cinco salários-mínimos. Como bem demonstra o gráfico 18.

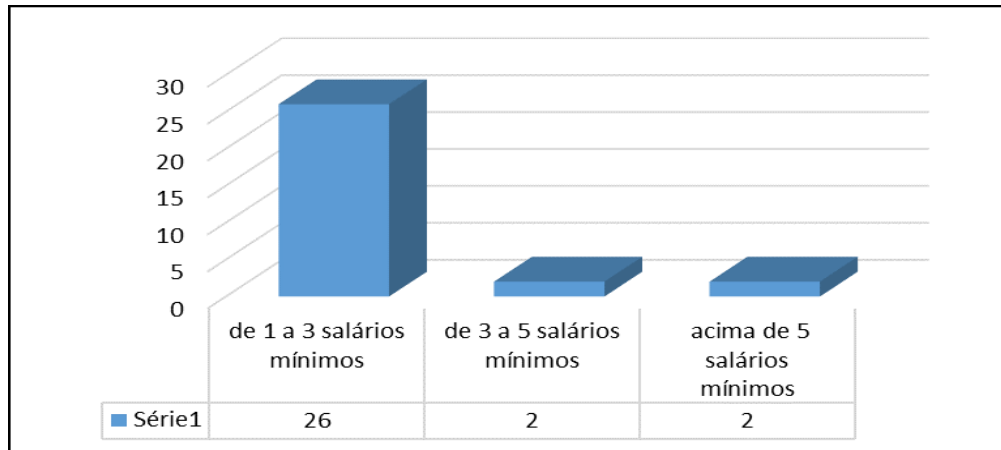


Gráfico 20. Renda familiar: Grupo II- 2020.

Conhecer a realidade, a partir das famílias nos colocou diante das problemáticas sociais que as famílias vivem, neste lugar. Andar pelas ruas, observar o entorno, conhecer as pessoas do bairro, foi essencial para nossa pesquisa. Mas, também foi primordial para que entendêssemos o abandono histórico que as famílias de Nossa Senhora de Fátima enfrentaram e ainda enfrentam.



Figura 16: Escola, creche e posto de Saúde - Obras em andamento
Fonte: Trabalho de Campo 2020 (Fotos: Naraiza C. Lira).

O campo também nos fez conhecer algumas obras públicas no bairro, que estão previstas para inaugurem no ano de 2020. Estão em andamento a construção de uma creche, uma escola de ensino fundamental e uma unidade básica de Saúde.

Após três décadas de existência do bairro, os moradores de Nossa Senhora de Fátima anseiam com o dia que as obras possam ser concluídas e eles disporem de serviços públicos básicos, como saúde e educação com mais qualidade. Espera-se que logo isso se torne uma realidade. E este lugar deixe de ser “*um bairro esquecido*”, segundo a voz de um dos moradores entrevistados durante a pesquisa de campo.

Assim concluímos esse capítulo, mostrando o lugar, como um espaço vivido, que tem suas potencialidades, mas que infelizmente tem vulnerabilidades sociais que afetam diretamente a vida dos que nele vivem.

O registro de tudo que vivemos até aqui, foi primordial para conhecermos o bairro e os sujeitos. Conhecer o bairro a partir de seus moradores nos fizeram deixar de lado as falas estereotipadas das pessoas de fora, o que contribuiu muito para uma olhar mais real da situação deste lugar.

3. CAPÍTULO II: CRIANÇAS E INFÂNCIAS NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS.

O encontro com o lugar dos sujeitos da pesquisa proporcionou-nos uma experiência singular. A contextualização realizada no capítulo anterior, bem como, os dados obtidos com a pesquisa de campo nos possibilitaram dispor de um olhar mais real, do território vivido pelas crianças e suas famílias, sujeitos principais deste trabalho. Entretanto, necessitávamos do mesmo modo, mergulhar em subsídios teóricos, no campo sociologia, da história e da antropologia, para nos ajudar a dialogar com os sujeitos e seu contexto social.

Trazemos inicialmente uma reflexão sobre as Ciências Humanas²⁶, e sua importância epistemológica. O homem nem sempre teve sua relevância epistêmica. O nascimento do “homem”, no campo epistemológico, conforme afirma Foucault (2007) surgiu com as ciências humanas, área do conhecimento que foi duramente criticada, uma vez que para a ciência moderna, a negava, para os estudiosos da época, ela não tinha uma positividade científica. Todavia, hoje este campo do saber científico direciona vários estudos, e são estes que tem contribuído para a compressão das pessoas e o seu meio social.

Foucault (2000), ressalva que as ciências humanas têm exercido um papel singular no debate e na produção do conhecimento científico. O autor ao trazer subsídios teóricos em sua obra “As palavras e as Coisas: uma arqueologia das Ciências humanas” nos permitiu refletir acerca do surgimento dessa área das Ciências e como o seu surgimento foi essencial para que o “homem” pudesse existir como objeto de análise científica.

Foucault (2000), ainda considera que as ciências humanas são voltadas para o homem, em relação ao que ele vive ao que fala e ao que ele produz. O ser humano é distinto, não é particular, é um ser vivo que cresce, com funções e necessidades, com coordenadas que se articulam entrecruzando-se de parte a parte, com o ser vivo que é. Além de produzir objetos e utensílios, tem necessidade de existência e está imediatamente imbricado com os outros seres humanos. Logo, podemos concluir a importância das Ciências humanas, para a compreensão do mundo vivido e das relações que as pessoas têm entre si, seu meio social, sua cidade, seu bairro, sua família, sua escola, sua religião, etc.

²⁶ “As áreas que compõe as Ciências Humanas, segundo os documentos oficiais, são as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia e seus campos de estudos abrangem os conhecimentos de Psicologia, Política, Antropologia, Economia, entre outros. BARRETTO, Beatriz Brino. CIÊNCIAS HUMANAS E INTERDISCIPLINARIDADE NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO. Marília, Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC, 2015. Disponível em <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/ciencias-humanas-e-interdisciplinaridade.pdf>. Acesso no dia 01 de Agosto de 2020.

No nosso caso, destacamos a importância das Ciências Humanas para os estudos da Infância. Ao trazer para o palco teórico as crianças, encontramos inúmeros trabalhos acadêmicos que conversam com os objetivos deste trabalho com destaque para Rodrigues (2011), Corsaro (2011), Corazza (2002), Ariès (1981), Heywood, (2004), Lopes e Vasconcelos, 2006).

Fica evidente que a compreensão que atualmente dispomos sobre as crianças e a infância, não são as mesmas que as ciências dispunham antes, e nem poderiam ser, pois, a ciência vive da busca pela verdade mais atual que possa ter. Partindo para o objetivo deste capítulo, vejamos alguns teóricos das Ciências Humanas e o que eles pensam sobre as crianças e a infância.

3.1 A História, a Sociologia e a Antropologia no contexto da criança e da infância.

No sentido de dispor de uma construção teórica que nos possibilite compreender a partir das ciências humanas as categorias criança e infância, convidamos para o debate teórico, a história, a sociologia e a antropologia. Nossa intenção é dialogar com autores dessas áreas com ênfase na criança e na infância.

3.1. 1 A História e a Infância:

O desafio aqui posto está em enfatizar pontos que marcam a ascensão da criança na sociedade moderna. No entanto, não é nossa intenção detalhar cronologicamente todas as mudanças registradas pela história em relação à criança, mas sim evidenciar através de alguns autores a construção histórica da infância.

A história tradicional privilegiou os grandes heróis, a sociedade ocidental, os colonizadores, as grandes potências econômicas, a nobreza, a riqueza, o belo, o melhor e superior. Todavia uma nova perspectiva histórica tem possibilitado notoriedade a pessoas simples, as mulheres, os lugares pobres, as histórias de vida de idosos, bem como as crianças, sujeitos de nossa pesquisa. Em relação a outras ciências, a história sem dúvida, foi uma das primeiras a se dedicar a compreender as crianças em seu tempo e em suas sociedades.

Em se tratando das crianças, todavia, a própria história, considera que por vários séculos elas foram invisibilizadas. Ariès (1981), ao escrever sobre a “A Descoberta da Infância”, destacou que antes mesmo das crianças ganharem alguma notoriedade na

sociedade medieval, a partir do século XIII, elas viveram em uma invisibilidade social predominante até o século XII.

Assim, embora as condições demográficas não tenham mudado muito do século XIII ao século XVII, embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum num só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes. (ARIÈS, 1981, p. 61)

A ausência de registro e de uma atenção mais particularizada voltada para as crianças, antes do século XII, não era por falta de habilidade dos cientistas ou artistas da Idade Média, é que neste contexto não existia lugar para a infância.

A infância desapareceu da iconografia junto com os outros temas helenísticos, e o românico retomou essa recusa dos traços específicos da infância que caracterizava as épocas arcaicas, anteriores ao helenismo. Há aí algo mais do que uma simples coincidência. Partimos de um mundo de representação onde a infância é desconhecida: [...] Isso faz pensar também que no domínio da vida real, e não mais apenas no de uma transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida. (Ariès, 1981. p. 52).

Obviamente, a invisibilidade da infância não se dar pela ausência física das crianças, é certo que sempre existiram, porém, estamos falando de pessoas que foram calados e negadas por vários séculos, como afirma Corazza (2002, p. 81):

As crianças são as grandes ausentes da história simplesmente porque, no chamado “passado” – da Antiguidade à Idade Média-, não existia este objeto discursivo a que chamamos “infância”, nem essa figura social e cultural chamada “criança”, já que o dispositivo de infantilidade não operava para, especificamente criar o “infantil” [...] Não é que não existissem seres humanos pequenos, gestados, paridos, nascidos, amamentados, crescidos – a maioria deles mortos, antes de crescerem-, mas é que a eles não era atribuída a mesma significação social e subjetiva [...]. (CORAZZA (2002, p. 81).

Ariès (1981), através de sua obra: história Social da Criança e da Família destaca que o sentimento de infância nem sempre existiu. Este sentimento tão arraigado nos dias atuais entre nós, foi se construindo socialmente ao longo da história. Antes da idade média, não existiam diferenças entre os adultos e as crianças.

Heywood, (2004) destaca a ausência das crianças também na literatura. Nem os camponeses ou artesãos na idade média, e nem os relatos dos nobres de nascimento ou dos devotos tinha preocupação em registrar a crianças. “A criança era, no máximo, uma figura marginal em um mundo adulto” (Heywood, 2004, p.10)

Uma das transformações ocorridas na idade média, que marcam a forma de conceber a infância, foi que sociedade europeia passou a dividir a vida humana em “Idades”. As idades da Vida, como forma conceber os seres humanos eram tão relevantes para a época que chegou a ser considerada uma categoria científica:

À idade do homem era uma categoria científica da mesma ordem que o peso ou a velocidade o são para nossos contemporâneos. Pertencia a um sistema de descrição e de explicação física que remontava aos filósofos jônicos do século VI a.C.; que fora revivido pelos compiladores medievais nos escritos do Império Bizantino, e que ainda inspirava os primeiros livros impressos de vulgarização científica no século XVI [...]. (ARIÈS 1986, p.34).

No entanto, entre os séculos XIV e o século XVIII, onde a “icnografia fixou seus traços essenciais [...]” a sociedade medieval passou a perceber as idades da vida por cinco fases. Primeiro vivia-se a idade dos brinquedos, onde “as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados”. Depois a criança passava para a idade da escola, onde vale registrar que os meninos tinham acesso primeiro a escola do que as meninas, pois elas deveriam se destinar as tarefas domésticas. Já a terceira idade, seria a idade do Amor ou dos esportes e da cavalaria, momento que os homens frequentavam festas na corte, passeios de carvalhos e caçadas. A quarta era a idade da guerra, do homem armado. Por fim, a idade sedentária: do velho sábio. Neste último sentido das idades da vida, não estavam ligadas somente as fases biológicas naturais ao homem, mas também se aliavam a funções sociais onde estes estavam inseridos.

Ainda para Ariès (1981), na Idade média as crianças eram os potenciais adultos, que logo estariam hábeis a conviver com os adultos. A terceira idade, isto é a adolescência, ela durava até os 28 anos, ou se estendia até 30 a 35 anos. Seguindo as idades, o homem chegaria a sua maturidade, entre os 45 a 50 anos, ou seja, a idade da juventude, momento que o homem está naturalmente com mais força. A seguida à idade da velhice, onde para alguns poderia chegar até os 70 anos e para outros não teria fim, ou até a morte.

Vale registrar que na idade média a adolescência não tinha destaque, sendo esta, mais uma fase da vida também a ser confundida com a infância, isto até o século XVIII. Ao contrário da juventude, que tinha grande notoriedade uma vez que era vista como a ‘força da idade’ (ARIÈS, 1981, p.44)

Segundo Ariès (1981) foi por volta do século XIII, que surgem as crianças um pouco mais próximas do sentimento moderno. O primeiro seria o anjo, cuja aparência seria de um rapaz muito jovem, designado de pequeno clérigo; crianças educadas para ajudar à missa. O outro modelo de criança seria representado pelo menino Jesus, ou Nossa Senhora menina,

sentimento este que permaneceu o século XIV, pois a arte italiana contribuiu para desenvolvê-lo e expandi-lo. A criança gótica era o terceiro tipo, a partir daí representada nua.

A nudez do putto conquistou até mesmo o menino Jesus e as outras crianças sagradas. Quando a nudez completa repugnava ao artista, ela era apenas tornada mais discreta. [...] O gosto pela nudez da criança evidentemente estava ligado ao gosto geral pela nudez clássica, que começava a conquistar até mesmo o retrato. (ARIÈS, 1981, p. 62).

Para Ariès (1981) em relação aos temas da primeira infância, o século XVI teve uma relevância singular. Já em relação ao século XVII tornar-se expressivo os retratos de crianças sozinhas. Os retratos de famílias passam a se organizar em torno das crianças, ou seja, a criança como centro da composição. Vale ressaltar que também foi no século XVII que a nudez se tornou uma convenção rigorosa nos retratos de crianças (ARIÈS, 1981).

Na idade média, não se diferenciava a criança de uma pessoa adulta nem pela vestimenta, não existia diferença entre os trajes de pessoas adultas e de crianças, vestiam-se meninas e meninos igualmente a homens e mulheres. No entanto, no século XVII, a criança da nobreza ou da burguesia, tinha um traje reservado à sua idade.

Assim, para distinguir a criança que antes se vestia como os adultos, foram conservados para seu uso exclusivo traços dos trajes antigos que os adultos haviam abandonado, algumas vezes há longo tempo. Esse foi o caso do vestido, ou túnica longa; e das mangas falsas. Foi o caso também da touca usada pelas criancinhas de cueiros: no século XIII, a touca ainda era o gorro masculino normal, que prendia os cabelos dos homens durante o trabalho, como podemos ver nos calendários de Notre-Dame. (ARIÈS, 1988, p.77).

Deste modo, no desenrolar histórico, descrito por Ariès (1981), o novo sentimento que está atrelado as crianças, influenciou mudanças externas. Uma dessas foi a forma como os adultos passaram a vestir as suas crianças. Todavia, a adoção do traje peculiar à infância ocorreu primeiramente nas classes altas a partir do fim do século XVI. As famílias também passaram a distinguir o traje dos meninos e das meninas. Todavia, a preocupação em diferenciar a infância da fase adulta, era maior entre os meninos. Enquanto, com as meninas os que as distinguiam era as somente as mangas falsas dos vestidos.

Consequentemente, foram os meninos os primeiros a frequentar em massa os colégios no fim do século XVI e início do XVII. Enquanto a educação voltada às meninas, tiveram seu marco na época de Féneion e de Mme de Maintenon; elas eram muito cedo confundidas com as mulheres, “e ninguém pensava em tornar visível através do traje uma distinção que começava a existir concretamente para os meninos, mas que continuava inútil no caso das meninas”. (ARIÈS, 1981, p. 78 e 79)

Para Ariès (1981) era nítido que jogos se tenham rompido ao mesmo tempo, entre as crianças e os adultos e entre o povo e a burguesia. Essa coincidência nos permite entrever desde já uma relação entre o sentimento da infância e o sentimento de classe. No decorrer das transformações sociais que levaram a existência do sentimento voltado à criança, Ariès (1981) revela que houve períodos de ausência e falta de respeito à sexualidade das crianças. Todavia, uma mudança importante surge no final do século XVI, educadores impunham que crianças não lessem livros duvidosos, era uma ideia difundida entre protestantes e católicos, adotando manuais que provinham a moral que a infância devia dispor. (ARIÈS, 1981, p.128-129).

Já em relação ao segundo sentimento, o que predominava era a intenção de educar a criança considerando a moral da época; não se deixava de lado a concepção racional dos costumes ocidental, a criança a partir da possibilidade da criança que ia crescer e se tornar um adulto profissional, como o bom e sucedido magistrado, a 'boa cura', 'o grande Senhor'; da mesma forma que não esqueciam que nas crianças estava a inocência batismal, elas seriam a morada de Jesus Cristo (Ariès, 1981).

A família tem seu papel singular na história do sentimento que envolve a infância, como bem já vimos até aqui. Segundo Ariès (1981) a família medieval representava a criança na literatura e nas cenas de calendários. Contudo, isso ocorreu somente no Século XV. No início, os membros da família são agrupados de forma seca, como nos quadros dos doadores ou na gravura das idades da vida de Le Grand Propriétaire, ou na miniatura do museu Saint-Raimond. (ARIÈS, 1981, p. 206).

Já por volta de meados do século XVI, os artistas começaram a representar a família em torno de uma mesa coberta de frutas, a família Van Berchaun de Floris, de 1561, ou a família Anselme de Martin de Vos, de 1577. Daí em diante, a família seria retratada num instantâneo, numa cena viva, num certo momento de sua vida cotidiana: os homens reunidos em torno da lareira, uma mulher tirando um caldeirão do fogo, uma menina dando de comer ao irmãozinho. Daí em diante, torna-se difícil distinguir um retrato de família de uma cena de gênero que evoca a vida em família. (ARIÈS, p. 207)

A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. (ARIÈS, 1981, p. 114 - 115)

Todavia, apesar de Ariès (1981) da relevante contribuição teórica, o estudo realizado por Ariès, traz uma leitura dominante, da criança e da família ocidental não aparecendo em sua obra, as crianças e as famílias de outras culturas não ocidentais da época. Após o estudo de Ariès, inúmeros outros estudos vêm registrando as formas que concebemos as crianças e as famílias. Em se tratando da concepção de família surgida no Brasil com a colonização portuguesa vejamos (Lopes e Vasconcelos, 2006, p. 119).

Com a abertura “do espaço para criança no século XVII, aconteceu também sua limitação: seu confinamento em escolas e colégios, expulsando-a da vida social adulta.” (Redin, 2000, p.20). Nesse sentido, proteção muitas vezes se confunde com controle e liberdade de movimentos em espaços abertos somente com a presença de um adulto. (LOPES E VASCONCELOS, 2006, p. 119).

Passeti (s/a, p.3) *apud* Henick e Faraia (2015, p. 5), o Brasil teve os primeiros modelos de crianças trazidos pelos Jesuítas. Detinham duas representações infantis: uma mística repleta de fé, que considerava o mito da criança santa; e a outra de uma criança que é o modelo de Jesus, muito difundida pelas freiras carmelitas. As duas imagens possibilitavam com que as crianças indígenas fossem vistas como ‘o papel em branco’, capazes de transcenderem aos pecados terrenos, antes que os adultos com seus maus costumes os contaminem.

Com a intenção de diminuir as situações de abandono e sofrimento na época da Colônia e que passou para o período do império, é criado no Brasil, a chamada Roda dos Expostos. Que de acordo com (PASSETI, s/a, p. 9) era uma espécie de dispositivos, onde os bebês eram abandonados. Tinha um formato cilíndrico, a roda era dividida ao meio, sua estrutura era fixa no muro ou na janela da instituição, o bebê era colocado na parte externa da roda. Logo que colocavam a criança, a roda era girada para o outro lado do muro ou da janela, levando a mesma para dentro da instituição. O ritual terminava, quando puxavam uma cordinha com uma sineta, com a finalidade de avisar o vigilante, e logo após saiam imediatamente do local.

A criança no Brasil, a partir do contexto democrático, entre vários pontos importantes que poderíamos trazer para esta reflexão sobre as crianças brasileiras, entende-se que a Constituição Cidadã de 1988, é um dos grandes avanços que Brasil passou a dispor, uma vez que nela estão inseridos os Direitos Internacionais da Criança. E em 1990, o Brasil passa a dispor também do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), lei brasileira que vem para garantir os direitos das crianças e adolescentes, como consta no seu art. 4º o qual determina que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros mais que asseguram a criança e adolescentes de ter seu desenvolvimento na sociedade em que vive. (BRASIL, 2019).

No Brasil, a situação das crianças, no campo dos direitos vem evoluindo. Entre as principais mudanças na proteção à Criança e ao Adolescente, o Brasil tem o Estatuto da Criança e do Adolescente como o maior marco legal em relação aos direitos desse público. Para o ECA, conforme seu art. 2.º “para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. Não fugindo muito da definição de idades da Idade Média (Ariès, 1981).

3. 1.2 A Sociologia da Infância:

A sociologia, muito tem contribuído com o campo teórico da infância. Nem sempre foi assim. Para Sarmiento (2008) as crianças nunca foram ausentes do pensamento sociológico. Contudo, como objeto sociológico, a infância, passou ser uma categoria social e ganhou notoriedade no final do século XX. Teve ponderável significação no início da década de 1990. Para o autor a expressão “sociologia da infância” já existia nos anos 1930.

Nesse sentido, Sarmiento (2008) ainda considera que ao estudar a infância, a sociologia não se dedica somente as crianças, mas também a totalidade da realidade social. É justamente essa compreensão que seria nova, na área da sociologia.

Sarmiento (2008) *apud* (cf. Rocha e Ferreira, 1994 e Rollet e Morel, 2000) pondera que a criança nesta perspectiva, era o objeto de cuidado dos adultos, a medicina, assim como a psicologia pensava na criança como aqueles que seriam os destinatários do trabalho dos adultos, com validade, como tratamento. Sua invisibilidade se constituía, em decorrência do seu estatuto Pré-social, isto é, não tinha relevância para sociedade dominante, não eram seres sociais de pleno direito, e sim pessoas inexpressíveis, sem relevância social, insignificantes, ausentes durante muito tempo da história social da humanidade. Elas “Não existem porque não estão lá: no BRASIL.

Entretanto, essa inexistência, não é real, ela é simbólica. Sarmiento e Pinto (1997) enfatizam que as crianças existem desde sempre, desde o primeiro ser humano. Destacam que a infância é uma construção social, e sobre ela construiu-se um conjunto de representações sociais e de crenças. Em relação à infância se estruturaram dispositivos de

socialização e controle que a instituem como categoria social própria. A infância como conceito existe desde os séculos XVII e XVIII.

A Sociologia da infância, portanto é uma das áreas que nos proporciona tal compreender melhor o território, onde os sujeitos da pesquisa vivem. Segundo Lopes, (2012) o olhar da geografia, na perspectiva da Sociologia da infância, para os estudos da Infância no Brasil, vem se estabelecendo nas últimas décadas e contribuindo com os Estudos da Infância. Dado a contribuição que a “Sociologia, Psicologia, História, Filosofia, Pedagogia, entre outros, fomentado pelas mudanças de paradigmas que trouxeram novos olhares para as crianças, novos locais para elas nas investigações e na vida em sociedade”. (LOPES, 2012, p.103).

Isso muito conforme o autor, em decorrência de publicações de periódicos, publicação de livros, sistematização de grande número de artigos, cursos de pós-graduação, pesquisas e encontros que têm, como ponto de convergência, o interesse pelas crianças e suas infâncias, sob essas diferentes perspectivas. (LOPES, 2012, p. 103)

As diversidades de infâncias e as formas de se compreender as crianças, exigi-nos o diálogo interdisciplinar, os diversos saberes acadêmicos, assim como saberes tradicionais são primordiais para que tenhamos uma compreensão da pluralidade social, onde as crianças estão inseridas. Pois, como vimos em James, Jenks e Prout (1998) parafraseado por Lopes (2012, p.103):

[...] a infância é uma construção social e não deve ser reconhecida apenas como um período de imaturidade biológica, percorrendo um caminho de fases para a vida adulta; se a infância é social, devemos pensar em sua condição plural e não apenas em sua universalidade; deve ser compreendida pelas diversas variáveis sociais que se cruzam como o gênero, classe social, etnia, entre outros; como seres sociais, crianças são pessoas com competências históricas e geográficas, cognitivas e emocionais, que diferem das dos adultos, apresentando culturas singulares que se estabelecem nas redes dos demais setores da sociedade.

É importante registrar que a geografia custou para dispor de um entendimento que as crianças também têm suas competências geográficas. Segundo Lopes (2012, p.104) “os fundamentos teóricos de uma geografia que apontam para esta perspectiva datam da década de 1970, alicerçados na concepção de uma geografia humanista que surgiu neste período, que passa a ver o espaço geográfico, uma importante dimensão para a compreensão das crianças e suas infâncias”.

Lehman-Frisch e Vivet (2012) apud Lopes (2012, p.104) consideram que:

[...] organizam as pesquisas na área da Geografia da Infância em duas vertentes. A primeira considera a perspectiva das próprias crianças e como vivenciam as

espacialidades em seu meio social. A outra vertente baseia-se em estudos que analisam a distribuição das crianças em diferentes espaços e a maneira como se relacionam com as desigualdades e as contradições ali estabelecidas.

Conforme Lopes (2012, p.104) no Brasil, a geografia dialoga com a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e demais colaboradores. Que concebem o espaço geográfico, como um recinto que tem uma abrangência muito maior do que somente das ações humanas, e que este implica diretamente no processo desenvolvimento humano.

Estudos como os de Lopes e Vasconcellos (2005), Lopes (2008), entre outros, vêm se debruçando sobre os estudos das crianças, suas infâncias e condições geográficas a partir de dois argumentos. O primeiro defende as crianças como sujeitos sociais ativos e que também produzem espaços, como sujeitos de geografias, o que nos impossibilita pensar as dinâmicas das crianças fora de suas espacialidades. O segundo vê no espaço geográfico, um vetor fundamental para a compreensão das crianças, constituintes e constituídas pelos espaços do mundo. À Geografia da Infância atribui-se “ler” a infância através do espaço geográfico e de suas expressões, tais como a paisagem, o território, os lugares, as redes, entre outros. É também o reconhecimento de que as crianças apresentam seus protagonismos geográficos, na interface dos mundos infantis e mundos adultos. (LOPES, 2012, p.105)

Deste modo, é notório a importância da Sociologia da Infância, ciência que vem contribuindo para uma leitura ampliada das crianças a das infâncias a partir da concepção de território vivido e de suas relações sociais.

3. 1.3 A antropologia e a Infância

Em se tratando de uma pesquisa interdisciplinar em ciências humanas, a antropologia da Infância entra em cena para contribuir com esta pesquisa e com a reflexão teórica sobre as ciências que tem colaborado com as pesquisas com crianças. No entanto, a antropologia nem sempre esteve disposta a ouvir as crianças.

De acordo com Buss - Simão (2009) as abordagens antropológicas clássicas, ligadas à escola de Cultura e Personalidade, voltavam-se para os estudos sobre socialização, com a intenção de compreender como a cultura influenciava na constituição das crianças. Do ponto de vista dessa escola, acreditava-se que existiam padrões de cultura que moldavam o corpo e a personalidade das crianças.

Eram estudos que buscavam sempre verificar e comprovar essas concepções. Buss - Simão (2009) disponibiliza vários exemplos de pesquisas antropológicas, um deste é o da antropóloga, Margaret Mead, que procurava entender o que significava ser criança ou adolescente em outras realidades sócio-culturais, tendo como referência e contraponto, principalmente, a sociedade norte-americana.

Em uma de suas obras de referência *Coming of Age in Samoa*, publicado em 1928, apresenta as crianças adolescentes de Samoa com menos problemas e dilemas que as crianças adolescentes norte-americanas. A autora deduz, por meio de suas pesquisas, que isso se deve em virtude das crianças adolescentes de Samoa viverem em ambientes nos quais teriam que fazer menos escolhas. Assim, Mead (1928) conclui que os problemas e conflitos vividos na adolescência são resultados de dados e condições culturais e não explicáveis pelas condições biológicas. Buss – Simão (2009, p. 2)

Outro autor que também considera a importância da antropologia é Cohn (2013). Este considera de extrema importância que a antropologia analise as concepções de infância e as noções de pessoa, o que possibilitaria a antropologia um entendimento dos diversos fenômenos imbricados ao discurso sobre as crianças e as infâncias. Foram essas mudanças dentro da antropologia que possibilitaram, segundo Cohn (2013) que surgissem estudos específicos sobre as infâncias indígenas a partir das décadas de 1980 e 1990 no Brasil, onde segundo o autor pela primeira vez as crianças foram observadas, ouvidas e acompanhadas em suas próprias.

Buss – Simão (2009) destaca que a partir da década de 1960, surge na antropologia novas formulações para conceitos centrais no debate antropológico, o que abriu campo para o estudo das crianças de forma inovadora.

Clarice Cohn (2005, p. 19), *apud* Buss – Simão (2009) salienta que dentre estes conceitos principalmente "[...] o conceito de cultura, de sociedade e de agência, ou ação social' foram centrais para uma mudança no campo de estudos antropológicos".

Conforme Cohn (2005) a cultura passa a ser entendida não mais como sendo os valores ou as crenças, mas, aquilo que os conforma, e o que os conforma é uma lógica particular, um sistema simbólico que é acionado pelos atores sociais. Já o conceito de sociedade se abre, não sendo mais uma totalidade a ser reproduzida, mas sim um conjunto estruturado que está em constante produção de relações e interações. Sendo o conceito de sociedade revisto, passa a ser revisto também o papel do indivíduo, que deixa de ser considerado um receptáculo de papéis e funções, e passa a ser considerado um ator social que atua na sociedade, recriando-a a todo o momento.

Ainda para Buss – Simão (2009, p. 5), a antropologia da Criança, passou a apreender as diferentes formas de ser criança, de deixar de ser criança em diferentes contextos, surgindo espaço na antropologia para uma compreensão profunda dos universos autônomos e autonomia do mundo infantil, onde o universo infantil não é reflexo do mundo adulto, ele é, um universo próprio que tem seu caráter qualitativamente.

Conforme Cohn (2013, p.224), a diferença dessa nova perspectiva, estava na forma como os antropólogos passariam olhar as crianças. O que passa importar é o que eram, e não pelo que elas deveriam ser ou viriam a ser. Do mesmo modo que passariam buscar contextos, métodos e técnicas de pesquisa e interlocução com as crianças, passando a valorizar o que as crianças a voz das crianças, o que implicava ouvir as crianças.

Outro importante esforço antropológico, segundo Cohn (2013), na antropologia foi que ela passa a desvendar o que é ser criança conforme os lugares pesquisados. Cohn (2000c, 2002b) *apud* Cohn (2013, p.225) considera que para isso:

[...] há duas respostas, nem sempre igualmente exploradas ou mesmo conectadas em cada trabalho: o que é ser criança para estas crianças com que se interage na pesquisa, e o que é ser criança neste lugar – ou, em meus termos, como se define a infância (ou as infâncias) nestes lugares. Estas perguntas têm boas razões de serem feitas nestes contextos etnográficos. A primeira: evitar pressupor uma infância universal – e para isso nos baseamos muito na demonstração clássica de Ariès (1981) de que a ideia de infância (e o sentimento de infância) tem uma origem histórica muito localizada, e é, portanto, mais propriamente ocidental. A segunda: o fato de que a etnologia já vinha mostrando que a noção de pessoa, e a fabricação dos corpos, o idioma da corporalidade, são cruciais para entender. Os mundos indígenas e suas socialidades (COHN, 2000c, 2002b)

O salto epistemológico dado pela antropologia ao encontro da diversidade de crianças e infâncias corrobora para uma compreensão não ocidental e não universalista sobre a criança e a infância. No entanto, Cohn (2013), ressalva que ainda existe uma dificuldade nesse campo.

Já havíamos visto está dificuldade (re) aparecendo na etnologia indígena, nos estudos sobre as crianças indígenas, e nas pesquisas feitas em contextos escolares. Agora, levanto outra provocação. [...] tenho chamado a atenção para o modo como a antropologia nos permite entender outros modos de ser criança que nem sempre são reconhecidos nas políticas públicas de saúde, educação, e no direito, mesmo naquelas políticas mais bem-intencionadas e mais afeitas aos direitos da criança e do adolescente. (COHN, 2013, p. 241)

Cohn (2013) considera que tais situações não são só em decorrência dos pré conceitos antropológicos que impedem ou limitam, segundo a autora, o bom exercício da antropologia. O que também dificultaria a antropologia avançar seria os pressupostos que o antropólogo, que também é cidadão, que também é humano, arrisca carregar a campo. (p. 241)

3.2 As infâncias e suas singularidades: direitos infantis no contexto Amazônico.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº. 8.069 de 13 de junho de 1990 em seu art. 1.º considera criança no Brasil, a pessoa com até 12 anos de idade incompletos.

Sendo essa a idade estabelecida, para que até os 12 anos, as crianças deixem a infância e passem para a adolescência. A infância não é uma particularidade biológica dos seres humanos, ela existe independente das nossas informações genéticas.

A infância é construída socialmente. Souza (2011) considera a infância como um processo histórico-cultural, construído e modificado em tempos, espaços e sociedades diferentes. Para o autor, é nas relações sociais tecidas dentro desses espaços, por meio a partir dos interesses sociais, econômicos, culturais e políticos neles germinados, que a infância se compôs como categoria. [...] infância é a forma de ser criança, ou melhor, as formas, pois, a partir dessa definição, não teremos mais uma única infância e, sim, infâncias. Essas formas de se ver e conceber os diversos tipos de infância faz parte de um processo histórico-cultural que foi sendo construído e modificado em diferentes tempos, espaços e sociedades. [...] (RODRIGUES, 2014. p. 272).

Consequentemente, para Corsaro (2011) a infância é um período socialmente construído, em que as crianças vivem suas vidas, é uma categoria ou uma parte da sociedade, como classes sociais e grupos de idade.

Logo, entende-se que as pesquisas com crianças também devem considerar as diversas infâncias vividas pelas crianças brasileiras, devem se importar como vivem, como aprendem, o que pensam. Pois “A rigor existem tantas infâncias quantas forem ideias, práticas e discursos que em torno delas [...]”. (LAJOLO, apud Lopes, 2012. p. 77).

O ECA em seu art. 3.º ressalva que: “as crianças gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, de modo a lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade”.

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (ECA, 1990, p.15)

Já o art. 4.º dessa lei, considera que é “dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”.

Entendemos a importância do ECA, uma vez que ele surge em um momento em que o Brasil lutava para consolidar os direitos contidos na constituição federal de 1988. Todavia, o que ainda nos incomoda é a não aplicabilidade desta lei, refletida principalmente em de bairros periféricos, como é o caso do bairro Nossa Senhora de Fátima.

No entanto, entendemos que tão importante quanto garantirmos a aplicabilidade do ECA, é o fato desta lei também respeitar as diversas culturas, existentes no Brasil. Como manifesta Canclini (2007) “[...] a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”. Canclini (2007, p. 41).

Faz-se necessário, portanto, um esforço coletivo, um pensamento mais amplo sobre os mundos diferentes, onde as crianças das distintas regiões de nosso país vivem, pois como bem já vimos em Lopes (2012) cada lugar tem suas particularidades, e esses também dão significados diferentes as infâncias.

Sabemos que está contido no ECA que é dever de todos o respeito à cultura das crianças. Do ponto de vista legal, podemos sim afirmar que a criança no Brasil tem suas particularidades culturais respeitadas, uma vez que estas estão garantidas pela Lei brasileira que protege e garante os direitos fundamentais das crianças.

Com relação aos seus direitos é necessário que as crianças participem dessa discussão. Nesse sentido Sarmento (2004), considera que não se pode mais deixar as crianças fora do que se discute sobre elas. As mesmas não estão a parte, isto é, separadas dos adultos e nem por fora das relações sociais existentes em seus contextos.

As crianças também estão no entrelaço das produções culturais, históricas, econômicas e tantos outros assuntos. Para Coll (2009, p.35) as experiências da crianças para suas culturais são essenciais, pois elas não são apenas produzidas pela cultura, mas também contribuem para produção da cultura que pertencem.

Trazemos essa reflexão para o contexto amazônico, território, onde se insere a cidade e o bairro onde a pesquisa é realizada. As crianças e as infâncias que fazem parte deste contexto, de fato não vivem a infância da mesma forma que as crianças das demais regiões do Brasil.

Oliveira (2008) apud Lopes (2012, p. 62) destacam que:

Na Amazônia existe uma diversidade e pluralidade de sujeitos: ribeirinhos, quilombolas, camponeses, indígenas, entre outros, que vivem em um contexto geográfico biodiverso e complexo (terra, mata, igarapés, rios, plantas, animais, recursos minerais etc.), demarcado tanto pelo enraizamento cultural quanto por situações sociais, culturais e educacionais diferenciadas.

Para Rodrigues (2007, p. 36), na Amazônia há uma cultura “híbrida, formada por sujeitos e culturas de diferentes tradições, mas que resguarda, assim como a dinamicidade e a abertura à mudança, matrizes e traços de originalidade, que são a voz, a experiência, o saber, o costume, o imaginário e a poesia das populações locais”.

Passando para o contexto dos direitos Martins, (1993) *apud* Lopes (2012, p.80), consideram que os direitos preconizados nas legislações modernas que protegem e as crianças estão longe de ser uma realidade para todas as crianças. Principalmente para as crianças amazônicas. Daí a necessidade de pesquisas e políticas sociais que respeitam principalmente as suas singularidades amazônicas, considerando as culturas, os saberes locais, em fim as formas diferentes de viver a infância nesta região.

Trabalhos que também revelem os fatores que impedem as crianças desses lugares de viverem a proteção integral garantida pelo Estatuto da criança e do Adolescente. Para tanto, concluímos este tópico considerando que ainda existe uma grande lacuna, que separa a realidade da lei estabelecida; da realidade vivida pelas crianças da Amazônia.

Realidade que precisa ser revelada, por meio das pesquisas com as crianças, assim como sanadas pelas políticas públicas brasileiras que contribuem diretamente para a proteção integral das crianças, mas que ainda precisam chegar as crianças aos diversos lugares de nossa região, mas respeitando também as culturas locais.

3. 3 Desafios da Pesquisa com Crianças nas Ciências Humanas

São vários os desafios ainda postos, aos que pesquisam com crianças. Compreendemos que a Antropologia, a Sociologia e principalmente a nova perspectiva história tem colaborado com o avanço nas pesquisas com crianças no Brasil e em outros países.

Existe ainda impregnado na sociedade o discurso adulto que crianças são receptores de normas, regras, valores educacionais e morais considerados essenciais para seu bom desenvolvimento humano.

Por fim o autor considera que sempre tenhamos a noção de que a geografia da infância deve ser “plural, humana, em ‘interfaces’ da filogênese, da ontogênese e da sociogênese, que singularizam cada um de nós, mas sem perder sua fronteira com o outro, com o mundo”. (LOPES, 2012, p.117)

Deste modo, é inegável que na atualidade as ciências humanas, assim como as ciências sociais, bem como o campo dos direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil tiveram expressivo avanço. Contudo, na contramão desta proposta, ainda persisti o descumprimento de direitos e a exclusão social de crianças, adolescentes e de pesquisas que não conversam com as crianças de forma horizontal.

Para concluirmos este ponto, nos utilizamos de Santos (2013, p.23), pesquisadora amazonense, que considera que atualmente um dos desafios, nas pesquisas com crianças, é buscar conhecê-las em seus contextos culturais e de vida, como o propósito de não apenas descrever seus modos de ser e estar no mundo. Faz-se necessário então que busquemos por meio das crianças saber com elas compreendem esse mundo, o que para a autora qualificaria suas falas como textos que trazem as opiniões, as percepções, às críticas e as suas escolhas.

Essa lógica vai na contramão do pensamento que entende as crianças como ser incapaz. As crianças têm grande potencialidade de expressar opinião sobre tudo que lhe rodeia, onde suas formas de compreender o mundo são validas, não são menos importantes, somente diferem das formas dos adultos descrevem o mundo. As falas das crianças mesmo expressadas diferentes são tão relevantes quanto dos adolescentes, jovens e adultos. Portanto, necessitam que os pesquisadores as tenham como relevantes.

É um movimento onde o pesquisador contrapõe-se às ideias de que as opiniões infantis precisam ser filtradas, mensuradas por campos de saber específicos, que validam a maturidade infantil e a veracidade dos dados. Por outro lado, não significa dizer que as crianças tragam em suas falas apresentadas ao pesquisador um mundo alheio ao dos adultos ou menos comprometido com a cultura da sociedade contemporânea, em suas diversas facetas e implicações. Elas estão, pois, presentes nesses contextos locais e globais que as constituem, assim como suas famílias. (SANTOS, 2013, p.23)

Daí a necessidade de pesquisas em ciências humanas continuarem evidenciar a criança como um sujeito social, histórico e cultural, revelando o que as relações sociais dominantes tendem querer invisibilizar o que não contribuem com sua hegemonia.

Por conseguinte, considera-se que existe um caminho longo a ser percorrido pelas pesquisas que se propuserem deleitar teórico e empiricamente em realizar pesquisa com crianças utilizando-se de uma perspectiva interdisciplinar. Consequentemente, cremos que o produto dessa pesquisa, tende a contribuir para o campo das ciências humanas, principalmente em relação a discussão sobre as identidades e as culturas infantis das crianças na região do médio Solimões, no município Tefé – AM.

4. CAPÍTULO III: SER CRIANÇA: PERCEPÇÕES DA INFÂNCIA A PARTIR DAS VOZES DOS SUJEITOS.

Depois de descrevermos a caminhada metodológica que nos levaram ao Lugar de Ser Criança e refletirmos teoricamente sobre a criança e a infância à luz da sociologia, da história e da antropologia chegamos ao momento de apresentar o resultado das entrevistas e das observações realizadas com as crianças e suas famílias. Portanto, Este capítulo traz a produção dos desenhos elaborados pelas crianças e das entrevistas com os seus pais bem como algumas impressões do campo de pesquisa.

Os passos vividos durante toda essa pesquisa nos trouxeram até aqui. Uma das etapas mais difíceis vivida na pesquisa. Falo isto porque, mesmo sendo assistente social, e já tendo o hábito de fazer visitas e entrevistas, principalmente com famílias que estão em situação de vulnerabilidade e risco social, como várias que encontramos no bairro, naquele momento era diferente. Não estava indo em suas casas para lhes conceder nenhum benefício socioassistencial, nem fazer nenhum encaminhamento, tampouco para orientá-las a cercar de seus direitos e deveres em relação às crianças, mas sim, para entender suas visões de ser criança e da infância em seu bairro.

Exponho mais uma vez, uma questão pessoal, mas ela está diretamente ligada com a minha atuação como pesquisadora. Minha angústia era: como faria para ser recebida entre as famílias sem me utilizar da minha profissão de Assistente Social? Pois, para alguns eu continuava sendo uma pessoa estranha, mas outros já me conheciam como assistente social. Sentia que a dúvida pairava sobre eles. Talvez se questionassem, por que eu estava querendo saber coisas sobre o bairro, sobre as crianças e suas famílias. Se este trabalho não era para a prefeitura, se não era para a escola, nem para o posto de saúde, nem mesmo a mando de nenhum político e tampouco do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, por que então, tinha uma pessoa que não pertencia à comunidade e que se interessaria em saber essas coisas?

Este era o desafio, ganhar a confiança dos moradores. Então, comecei esclarecendo a importância da pesquisa para a universidade. Depois falei que o estudo em certa medida, evidenciaria o bairro não como perigoso, mas como um território de pessoas que precisam urgentemente desprender de si os olhares estereotipados e, ao mesmo tempo, passar a dispor de olhares atentos de gestores das políticas públicas de saúde, de educação, de meio ambiente, de segurança pública, de infraestrutura, de assistência social e das universidades.

Embora o desafio fosse grande, a vontade de continuar com a pesquisa foi maior. As impressões pessoais aqui colocadas colaboram para o entendimento que o pesquisador também é um ser humano, cheio de dúvidas, que mesmo traçando estratégias metodologias para sua atuação, como bem considera Whyte (2005) é um animal social, e que não pode se desprender dessa condição enquanto pesquisador, por mais que queira.

Também têm aparecido alguns trabalhos úteis sobre métodos de pesquisa, porém com poucas exceções, situam toda discussão no nível puramente lógico intelectual. Falham quando deixam de levar em conta que, assim como os seus informantes, o pesquisador é um animal social. Tem um papel a desempenhar, e as demandas de sua própria personalidade devem ser satisfeitas em relação satisfeitas em alguma medida para que ele possa atuar com sucesso. Quando o pesquisador está instalado numa universidade, indo ao campo apenas poucas horas de cada vez, pode manter sua vida social separada da atividade de campo. Lidar com seus diferentes papéis não é tão complicado. Contudo se viver por um longo período na comunidade, que é seu objeto de estudo, sua vida pessoal estará inextricavelmente associada a sua pesquisa. Assim uma explicação real como a pesquisa foi feita necessitaria necessariamente envolve um relato bastante pessoal do modo como pesquisador viveu durante o tempo de realização de estudo. (WHYTE, 2005, p. 283)

Portanto, não seria incomum que em algum momento eu não conseguisse separar minha profissão, da função de pesquisadora, uma vez que algumas pessoas da comunidade já me conheciam como assistente social. Com o tempo e a colaboração de uma visitadora social, que atua no bairro alguns anos, me levaram onde ainda não tinha chegado, isto é, nos lares das crianças.

Conseqüentemente, os grupos familiares aqui analisados não só permitiram que adentrássemos sua intimidade, sua casa, seu mundo particular. Eles foram mais além, nos permitiram expor suas vidas neste trabalho. Portanto, neste momento singular, trazemos as percepções sobre a infância e sobre o seu bairro, por meio desses sujeitos.

4.1. A escolha das crianças e de suas famílias.

Mesmo conhecendo o bairro²⁷, ainda necessita ganhar a confiança das famílias. A visitadora social, do Programa Criança Feliz, foi o elo que me ligou as crianças e suas famílias. Por meio do trabalho e da confiança que as famílias já tinham nela, eu pude explicar melhor os objetivos da pesquisa. Após esse reconhecimento, optamos por realizar o estudo e conhecer mais a fundo o contexto familiar de duas famílias.

²⁷ Concluo isso porque, já tinha ido ao bairro várias vezes, além de ter feito a pesquisa exploratória e depois aplicado o questionário socioeconômico.

4.2. Estudo de Casos Sociais: Conhecendo as Crianças a partir de suas famílias.

Deste modo, a seguir evidenciamos os coautores desta pesquisa. Trazemos o resumo da história familiar das crianças M. F (6 anos) e de F. F (11 anos) e das crianças B. da M (11 anos) e de B. da M (5 anos).

Duas famílias com configurações diferentes. Mas, com histórias de vida que se entrecruzam em vários sentidos. Ambas residem no mesmo bairro, as duas criam estratégias para cuidar das crianças e mantendo elas longe do perigo das drogas. Elas têm ligação com o meio rural, uma com a pesca, e a outra com a agricultura; também são famílias beneficiárias do programa bolsa família e as duas têm seus filhos acompanhados pelo Programa Criança Feliz.

4.2.1 Família 1.

Foi partindo do contexto da familiar que conhecemos os sujeitos que contribuem com este trabalho. Entendemos que a família ainda exerce grande relevância social na vida de um ser humano. Todavia, sabemos que a instituição família, passou por inúmeras mudanças ao longo da história da humanidade, e que, portanto, ela não pode mais ser compreendida de uma única forma. Os arranjos familiares se modificam, de acordo com a sociedade, seja do ponto de vista cultural, histórico, seja da dentro do campo dos direitos.

Para Cambi (1999):

A família em qualquer sociedade é o primeiro lugar de socialização do indivíduo, onde ele aprende a reconhecer a si e aos outros, a comunicar e a falar, onde depois aprende comportamentos, regras, sistemas de valores, concepções do mundo. A família é o primeiro regulador da identidade física, psicológica e cultural do indivíduo e age sobre ele por meio de uma fortíssima ação ideológica. (CAMBI, 1999, p. 80).

Logo, a família é importante para o nosso estudo. Partindo deste ponto de vista, fomos conhecer e tentar compreender o núcleo familiar das crianças M. F (6 anos) e de F. F (11 anos).

As crianças aqui em destaque são irmãos, filhos de L. P. F (32 anos) e enteados de R. C. da S (38 anos). Além das duas crianças que contribuíram diretamente com a pesquisa, a família tem mais duas crianças, sendo a R. F (3 anos) e R. F. da S (8 meses).

No momento que conhecemos esta família, seus membros moravam em um pequeno apartamento de alvenaria alugado. A pequena residência tinha quatro cômodos, sendo, um

banheiro, um quarto, uma cozinha e uma saleta. Apesar de não ser a realidade da maioria das famílias do bairro, morar de aluguel, também é uma realidade de algumas famílias do bairro. Principalmente entre as famílias recém chegadas. Conforme os dados do gráfico 8, exposto no primeiro capítulo, entre as 99 pessoas que responderam o questionário socioeconômico e demográfico, 5 disseram morar em casas alugadas e outras 5 relataram morar em casas cedidas.

Observamos nesta família, laços familiares, bem fortalecidos, bem como sentimentos de união, amor, respeito. Também havia um clima de harmonia entre eles. Na relação pesquisador pesquisado podemos dizer que consegui dispor da empatia da família, o que contribui para uma atitude mais natural e de confiança mútua entre os realizadores da pesquisa. Fico transparente que a família desejava fazer o estudo. Antes das entrevistas, falamos informalmente sobre o bairro, sobre as particularidades e as vulnerabilidades existentes e que afetam as crianças.

No processo de escuta, descobrimos que as crianças deste primeiro caso, nem sempre moraram no bairro, antes viviam em uma comunidade rural, chamada Capivara, lugar distante da cidade, onde lá as crianças tinham seus laços de amizade e vínculos familiares com os avós e tios maternos, além disso, era lá, que as crianças aprenderam viver em contato com o rio, com a floresta, utilizando da canoa como transporte para ir à escola.

É importante, entendermos que são realidades como estas, que diferenciam a infância das crianças amazônicas, das infâncias das crianças de outras regiões do Brasil. Nesse sentido, Oliveira (2008) avalia que o contexto geográfico biodiverso, complexo aliado a fatores sociais, culturais e educacionais presentes na Amazônia contribuem para a diversidade e pluralidade de sujeitos que vivem nesta região.

Lopes (2012) também nos auxilia neste entendimento, para o autor são diversos os estudos e maneiras de compreender as infâncias.

Diversos são os estudos que identificam as infâncias, e várias são as possibilidades de analisa-las, embora elas sejam definidas comumente como indivíduos em certos períodos da vida, isto é, a 'Infância' iria do nascimento a adolescência; esta pesquisa busca demonstrar que não se trata apenas de um simples período de tempo da vida, vai além deste aspecto, pois há outros elementos que precisam ser visibilizados, como por exemplo, o fato de não haver uma única visão, concepção de infância. Portanto, a infância não pode ser percebida como uma coisa única, homogênea. (LOPES, 2012. p.77)

Igualmente, foi ouvindo as pessoas desta família, que identificamos as várias dificuldades que elas passaram. As crianças, ainda quando moravam na comunidade, passaram pela separação dos pais biológicos. Depois que mãe das crianças, a senhora L.P. F

se uniu com o senhor R. C. da S também continuaram passando momentos difíceis. A família ao decidir morar na cidade passaram a enfrentar a falta de moradia própria e problemas financeiros, decorrentes da falta de trabalho.

O pai, teve que manter as despesas de casa, sem trabalho fixo, e sem casa própria. Mas mesmo assim, a família se mostrou otimista vivendo no contexto urbano, pois tem mantido os vínculos familiares fortalecidos e o objetivo de manter as crianças estudando.

As crianças, percebem o esforço de seus pais em manter a família, mesmo diante as dificuldades. F. F. (11 anos) e M. F. (6 anos) representam em seus desenhos, uma família com laços afetivos bem estabelecidos e seguros, mesmo diante da falta de moradia própria e da ausência de renda.



**Figura 37: Desenho da família 1, na concepção de F. F. de 11 anos.
Fonte: Pesquisa de campo (F. F., 11 anos, 2020).**

Na imagem anterior, desenhada pela criança F. F. (11 anos), a criança expressa a felicidade de se ter uma família, onde a mãe, o pai e os filhos estão juntos. Tanto as crianças como os pais aparecem sorrindo, mesmo com os traços simples, os rostos não escondem o que F. F. (11 anos), mesma muito tímida nos fala após produzir o desenho.

“Essa é a minha família, assim que ela é agora, a gente é seis pessoas aqui em casa. Eu sempre quis ter pai, todas minhas amigas tem pai. Foi sempre a mamãe que teve do nosso lado. Mas agora eu tenho um, ele cuida de nós, e nos ama”. (F. F. 11 anos, 2020).

Entre as diversas situações observadas durante o período que passamos com esta família, destacamos uma que nos chamou mais atenção. Percebemos o afeto e o cuidado que o padrasto tinha pelas crianças. Informalmente a visitadora que me acompanhava, e que já conhecia a família, relatou-me que o senhor R. C. da S, sempre desejou ser pai.

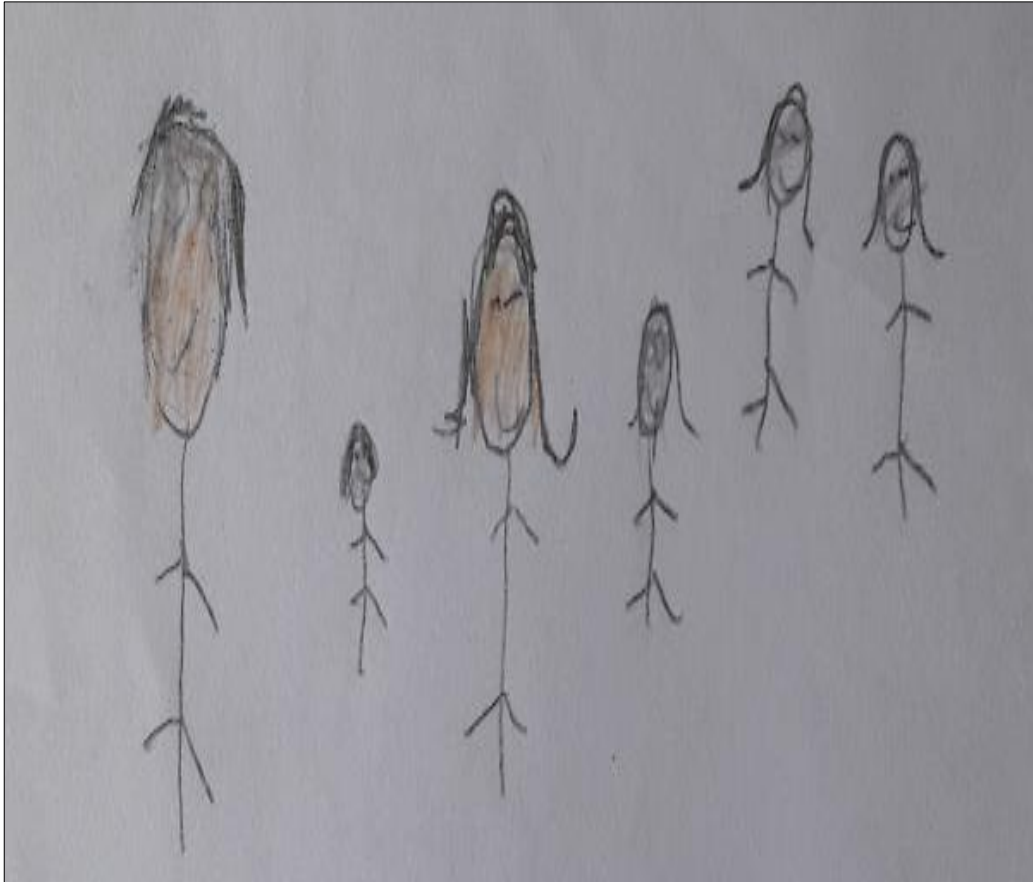
Ela já o conhecia desde o período que ele morava com outra família, mas no mesmo bairro, para ela ele sempre dizia do desejo ter filhos. Entende-se que apesar de ele ser pai biológico, somente da criança de 8 meses, se sentia pai e responsável pela educação e sustento de todos.

O senhor R. C. da S conta- nos então sobre o desejo de ser pai e de uma família:

No momento em que eu fiquei com essa mulher, eu criei o compromisso de criar os filhos dela. Essa²⁸ veio pequenininha, ela me conhece como pai. Só que quando eu fiquei com a mãe deles, eu fiquei na casa do meu pai, na verdade a gente não tinha paradeiro. Primeiro, quando eu fiquei com ela, a gente ficou morando em um barco. Eu estava lá, com ela, aí o papai me chamou para morar na casa dele. Só que a casa dos outros, não é igual à casa da gente. Aí eu saía para pescar, e quando eu chegava lá em casa, a mulher tava triste, chorando. Aí eu perguntava para ela porque ela tava assim, ela dizia que não era nada não, que não tava sentindo nada. Mas eu sabia que ela tava me escondendo alguma coisa. Que alguma coisa tava acontecendo. Aí ela disse para mim: ‘- tu sai, só faltam me matar aqui dentro de tanta raiva e ódio. Quando tu chega é outra coisa’. Aí, começaram a roubar nossas coisas tudo que trazia para dentro de casa roubavam, sumia tudo. (R.C. da S, 38 anos, 2020).

Diante da história desta família, percebemos que R. C. da S, no momento que conheceu a senhora L. P. F viu a oportunidade que esperava, de ter uma família. Pai amoroso, não viu como problema o fato de se unir com uma mulher que já tivessem filhos. Tanto que para ele, no momento que decidiu reconstituir esta família, passou a ter um compromisso não somente com sua esposa, mas também com os seus filhos. Uma família desejada, que se reconstituiu a partir da união de uma mulher e seus filhos com um homem que sempre desejou ser pai.

²⁸ Seu R. C. da Silva, se refere à criança R. de 3 anos de idade e a terceira filha de L.P. Ferreira.



**Figura 18: Desenho da Família 1, na concepção de M. F de 6 anos.
Fonte: pesquisa de campo (M. Ferreira. 6 anos, 2020).**

Da mesma forma que a irmã, M. F. (6 anos), também desenha a família com um semblante feliz. Ele não quis explicar seu desenho, com palavras, mas seu desenho demonstra uma família feliz e sorridente.

Ainda enfatizando a história da família1, percebemos a esperança que este grupo tem, de um dia viver dias melhores, o senhor R. C. da S, expressa com um sorriso no rosto, o sonho de um dia que ter sua casa própria.

Eu tô com madeirame²⁹ da minha casa todo tirado, minha não, deles. Fica com frente à Assembleia de Deus. Foi aí que Deus começou abrir as portas. Uma irmã, que participa da mesma igreja que eu, perguntou se eu tinha muitas coisas? Eu respondi que não tinha televisão, nem cama eu só tinha minha família. Então ela me chamou e deu a chave desse quarto aqui, e disse pra eu pagar só R\$ 200 reais. Eu não quero que ela³⁰ sofra, por isso viemos pra cá. (R. C. da S., 38 anos, 2020).

²⁹ Madeirame seria toda a parte da madeira de uma casa para arma a estrutura da casa. Seriam os travessões, esteios e outras peças de madeiras que serve para criar a estrutura principal da casa.

³⁰ Seu R. C. da Silva, nesse momento se refere à esposa, a impressão obtida foi que ele ama cuida dessa família.

R. C. da S, viu sua vida mudar desde que assumiu esta família. De forma enfática fala de como Conseguiu tirar com suas mãos a madeira para construir uma nova casa. Desde que saiu da casa de seu pai, a vida deles foi melhorando, mesmo que ainda não tenham a casa própria, hoje com a pesca e com o dinheiro do programa bolsa família, tem conseguido pagar um pequeno apartamento para sua família morar.

Entre as categorias analisadas neste trabalho a família tem sua notoriedade. Isso porque é no contexto familiar que as crianças vivem suas primeiras relações sociais, onde aprendem e ensinam, onde participam e recriam o seu mundo menor, que se relaciona com o mundo maior, chamado sociedade. Por isso se faz necessário pensarmos sobre a família no contexto atual.

Dentro do debate contemporâneo de família, o Brasil tem avançado no campo dos direitos da família. A constituição de 1988, não mais considera o casamento como principal forma de se constituir uma família. Como podemos perceber a família das crianças M. F (6 anos) e de F. F (11 anos) não se constituíram por meio do casamento de seus responsáveis, Esta é uma família que surge pelas relações afetivas, entre um homem, uma mulher e seus filhos.

4.2.2 Família 2.

Neste momento, passaremos a conhecer, o contexto da família 2. Onde vivem as crianças B. da M (11 anos) e de B. da M (5 anos). Irmãs, mas filhas de pais diferentes, tendo como responsáveis a mãe, a senhora K. S. da M (33 anos) e sua cônjuge a senhora, F. V de S (36 anos).

Trata-se de uma configuração familiar diferente da que analisamos anteriormente. Uma família do tipo extensa, onde o casal responsável pelas crianças são duas mulheres. Na casa onde vivem, moram três crianças, a mãe, a companheira, os avós maternos e um tio.

Vale registrar que tivemos dois momentos com essa família. No primeiro, fui apresentada para as responsáveis das crianças, também pela visitadora do programa Criança Feliz. Durante a apresentação, falamos sobre a pesquisa, seus objetivos e o desejo de realizar as entrevistas com as responsáveis e suas crianças.

O segundo momento foi quando voltei para as entrevistas. Assim que voltamos, dialogamos informalmente com os membros da família por um bom tempo, e a partir daí, também fomos conhecendo melhor o contexto desta família.

K. S. da M, mãe de três crianças, nunca foi casada no civil, sempre foi mãe solteira para a sociedade, seus filhos têm pais biológicos diferentes. O pai de sua filha mais velha, é falecido, cometeu suicídio quando a filha tinha apenas 1 ano. Ela nunca conviveu com o pai da segunda filha, todavia, ela tem boa relação o pai da criança, o mesmo paga pensão alimentícia para sua filha, porém no período que foi realizada a entrevista, a pensão estava atrasada há dois meses. Em se tratando do pai do filho mais novo, o pai biológico dessa criança nega a paternidade, contudo, K. S. da M já buscou na justiça o direito do seu filho ser reconhecido pelo pai biológico.

F. V. de S, no momento da pesquisa era a companheira de K. S. da M. Conheceram-se quando ela vendia verduras em um carrinho de mão pelo bairro. Foi na época que K. S. da M estava grávida do filho mais novo, F. V. de S oferecia verdura de porta em porta, e foi assim que ela conheceu a mulher que hoje é sua companheira.

As duas mulheres cuidam das coisas de casa e das crianças. No entanto, F. V. de S trabalha vendendo verdura e ajuda levar as crianças para escola. E mesmo que K. S. da M não “trabalhe fora”, complementa a renda familiar com o dinheiro do programa Bolsa família.

Notemos que a Criança B. da M (5 anos) também fala e desenha sua família.

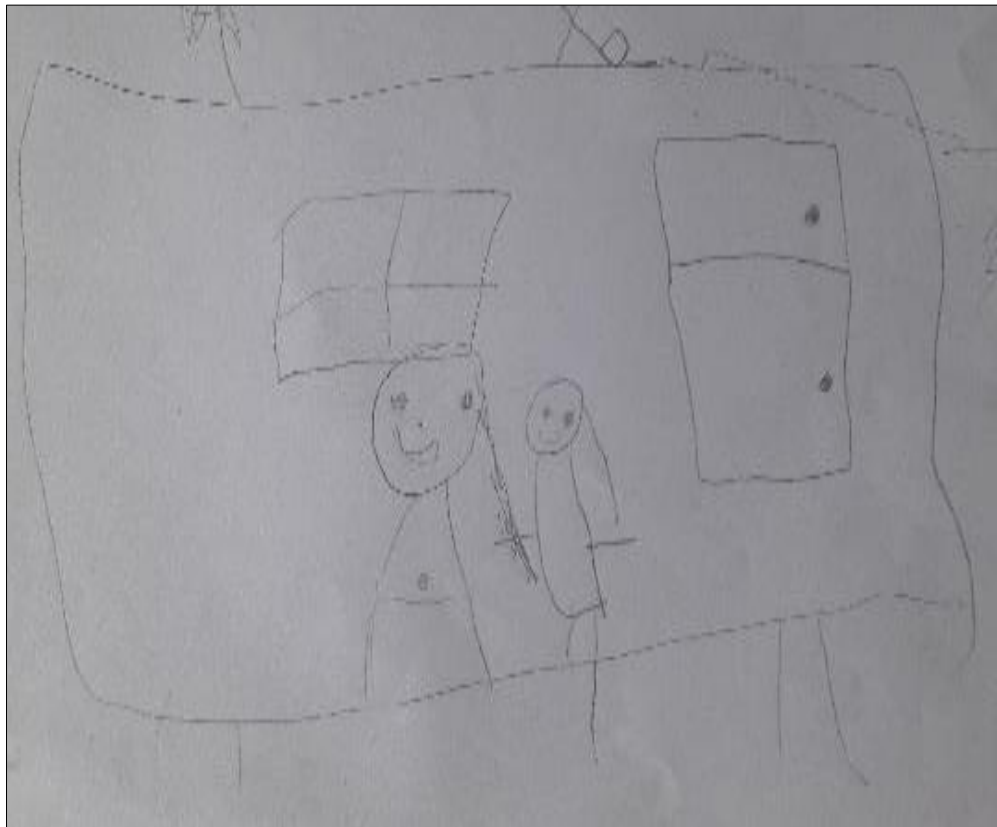


Figura 49 : Família 2: Mãe e filha felizes.
Fonte: Trabalho de Campo (B. da Mata, 5 anos, 2020)

B. da M (5 anos) desenha somente a mãe. O motivo pelo qual ela não tinha desenhado os outros membros da família portanto, só ela sabia. Mas mesmo assim, lhe questionamos o pôr que de não ter os desenhados. Ela nos respondeu de forma bem direta:

“Porque ela é a minha família, e os outros estão dentro da casa”.

Economicamente esta família se encontra dentro da linha da extrema pobreza. Pois seus membros vivem com menos de um salário-mínimo, contudo, como eles têm sítio, no município de Alvarães, e lá cultivam a macaxeira e produz farinha, isso tem ajudado a complementar o sustento da família.

Moram em uma casa, de madeira, com poucos cômodos que ainda pertence à mãe de K. S. da M. No entanto, as responsáveis pelas crianças já estavam pensando em comprar madeira para dividir a casa em duas e assim terem a própria casa. Seguindo complementamos a história desta família por meio dos desenhos das crianças.

4.3 A percepção dos sujeitos sobre o bairro de antes e o bairro de hoje:

Com a intenção de compreender o lugar de ser criança, ao mesmo tempo, com o desejo de saber como elas vivem nesse lugar, fez-se necessário buscar conhecer o bairro de antes, para compreendermos o lugar de hoje. Para isso, se fez necessário resgatar as memórias dos pais.

Thompson (1992) destaca em seu livro a Voz do Passado: história oral, que as pessoas são essenciais como testemunhas do passado, e saber ouvi-las é muito importante. Ele considera também que a memória dos sujeitos anônimos, a forma deles contarem as estórias, trazem condições perfeitas para o desenvolvimento da história social de um determinado lugar.

Sendo assim, nos utilizamos as memórias dos pais das crianças para conhecer o Lugar onde elas vivem hoje, sob a perspectiva do passado. Começamos pelas lembranças de R. C. da S, que conhece muito da história do bairro, ele é um dos moradores mais antigos, apesar de não ser idoso, mora no bairro há 31 anos.

Diante da importância da história dos sujeitos anônimos perguntamos para o senhor R. C. da S, como era o bairro no seu tempo de criança?

Quando eu vim morar nesse bairro aqui, só tinha cinco casas, era campo para todo canto nesse bairro. Então, eu morava na Rua Rodrigues Alves, aí tudo era bom, era um lugar limpo a gente pegava até comida lá mesmo. O Igarapé era cheio de

Juratizeiro. [...] a era água limpa. Mas hoje você vê as pessoas que vem por essa ponte, que tá para cair, e hoje em dia você olha para o igarapé, tá feio. Hoje em dia você não pode pular n'água, como antigamente a gente podia. [...] hoje em dia tá tudo contaminado. (R. C. da S, 38 anos, 2020).

Nas lembranças de seu R. C. da S, identificamos um bairro totalmente diferente do que encontramos no período da pesquisa. Suas memórias, resgatam a imagem de um bairro limpo, com abundância de alimentos, seu principal igarapé era rico em fauna e flora típicas da região amazônica. Os peixes do igarapé podiam ser consumidos pelas famílias que moravam no bairro, e o igarapé servia de espaço de lazer, e as crianças pulavam n'água³¹.

Já dona L. P. F, ver o bairro mais no contexto do presente, pois não é moradora antiga. Nesse primeiro momento, ela o descreve como um lugar que não se pode andar até altas horas:

Porque é assim, eu não morei no bairro desde criança, eu vim morar aqui há pouco tempo, sabe, mas até agora eu acho bom. Bom, bom demais não, porque não posso andar até altas horas. [...] eu vim para cá, quando eu me deixei do meu primeiro marido. Aí eu conheci o R. ele morava lá no sítio onde eu morava, e aí me trouxe para cá (L. P. F, de 32 anos, 2020).

Vejamos que o morar no bairro, para Dona L. P. F se entrelaça com seu relacionamento com o seu R. C. da S. Isso nos ajuda a construir uma imagem mais dinâmica do bairro, ou seja, não é apenas um lugar ruim para se viver, pois, o local proporciona que a família tenha um lar, mesmo que alugado, e é nele que vive a família.

Seu R. C. da S ainda recorda que:

[...] antigamente a gente tinha presidente no bairro, aí ficava mais fácil correr atrás. Hoje não tem mais, porque se tivesse uma representação, hoje as pessoas não andavam com medo aqui no bairro. Nosso bairro era tranquilo e calmo. Hoje em dia, a gente não pode pular na água como a gente podia, hoje em dia tá tudo contaminado. Aqui nessa ponte, que tá para cair, virou a rota dos assaltantes. (R. C. da S, 36 anos, 2020).

Mais uma vez as memórias de R. C. da S trazem os pontos negativos do bairro. Ele pontua que podia ser diferente, menos perigoso, se o bairro tivesse lideranças que buscassem junto aos governantes exigir a atuação de mais projetos sociais que melhorassem a vida das pessoas, principalmente em relação à insegurança, que hoje eles têm de andar nas ruas por causa da violência, do tráfico e consumo de drogas.

³¹ Apesar de não perguntado de seu R. C. da Silva como era a prática de pular n'água, posso registrar sem medo, pois sou amazonense e na infância pulei muito n'água, essa expressão se refere ao ato de pessoas, principalmente as crianças, adolescentes e jovens nadarem e realizarem várias brincadeiras nos igarapés e rios da nossa região.

Nas falas deste pai, identificamos que algumas das crianças que cheiravam cola-de-sapateiro antes, infelizmente hoje, são os adultos que realizam o tráfico de drogas no bairro:

O bairro se tornou perigoso por causa dessas pessoas, a maioria agora são traficantes, sabe, as crianças que não tiveram infância, elas hoje em dia são traficantes, são essas crianças, que não tiveram noção da vida, que não tiveram infância. Então com isso aí, foram se criando na violência, no roubo, no tráfico. Antigamente o que rolava muito aqui era a cola, diziam que o bairro era perigoso por causa de cola. Uma galera brigava com outra galera, por causa da cola. Mas hoje em dia não, agora é o tráfico de droga. Então é isso. (R. C. da S, 38 anos, 2020).

Passaram de consumidores a traficantes. O tráfico de drogas tem contribuído para aumentar a incidência de violência no bairro. Ainda com a intenção de conhecer o antes de compreender o hoje, perguntamos também a senhora K. S. da M, como era a infância das crianças quando ela chegou ao bairro? Sempre existiu a violência e a droga aqui?

Vejamos:

“Desde que cheguei aqui, eu via muita gente fumando essa porcaria e, cheirando no meio da rua mesmo, a polícia levava era um monte assim, tudo é algemado. Já tinha muito, agora que não tem muito assim [...]”. (K. S. da M., 33 anos, 2020).

K. S. da M chegou para morar no bairro quando tinha 18 anos, segundo ela, a questão do uso e comércio de droga está presente já algum tempo no bairro, fez parte da infância e da juventude dos pais das crianças e continua presente na infância das crianças deste lugar.

As memórias dos pais das crianças nos levam ao passado do bairro e nos ajuda compreender ainda mais sobre este lugar:

[...] antigamente quando eu tinha meus 15 a 16 anos, era um bairro muito bom de a gente brincar divertir hoje não pode se divertir não pode hoje o bairro Nossa Senhora de Fátima não tem um campo, não tem um lugar para as crianças brincar de bola, hoje em dia é da escola para casa. Porque se ficar na rua é arriscado outras pessoas, maus elementos acertar os filhos da gente. Então porque eu tenho esse isso comigo porque antigamente a gente tinha o bairro livre para a gente correr, brincar fazer o que queria. Hoje em dia a gente não tem, por causa dessas pessoas aí. (Fonte: R. C. da S, 38 anos, 2020).

Na fala desse pai é perceptível certa nostalgia ao relembrar o passado. No presente, as ruas, a ponte não é mais um ambiente seguro para as crianças se divertirem conforme o pai, para eles a casa seria o lugar mais seguro para as crianças. No entanto, mesmo as ruas e as pontes não sendo lugares seguros, na opinião dos pais, as crianças continuam brincando nelas.

Passando para o contexto atual, vejamos também com as crianças compreendem seu bairro. Os desenhos e suas falas mostram com veem seu lugar.

Desenho de B. da M (11anos) sobre o seu bairro.



**Figura 20: Meu bairro – Desenho de B. da M. de 11 anos.
Fonte: Trabalho de Campo (Desenho: B. da M., 2020).**

“Meu bairro é um lugar onde as crianças brincam, aqui é tranquilo, tenho amigos, é aqui que eu moro, com a minha família. Aqui eu brinco de bola, a gente não tem muito lugar pra brincar, mas a gente brinca no campo, lá é um lugar perigo, disso eu sei, lá tem crianças que usam drogas lá. Mas eu gosto daqui, eu moro aqui desde que nasci. Tem atrás de casa o igarapé, eu gosto dele, a gente anda de canoa quando tá cheio, é muito legal, agente também brinca também debaixo de casa, de casinha, de boneca, de baixo de casa tem um espaço bem grande, que dá pra gente brincar”. (B. da M., 11 anos, 2020)

Tanto a fala quanto o desenho de B. da M (11anos), se relacionam com o que Rodrigues (2012) expõe sobre o bairro, para o autor são as relações subjetivas e intersubjetiva, que constroem um bairro. Logo, os sujeitos, neste caso as crianças, estabelecem com as outras crianças e demais pessoas deste lugar, relações experienciais que segundo Rodrigues (2012) formam o seu bairro. Portanto, conclui-se que o bairro para as crianças não é somente as ruas, as casa, aponte, mas é também é, tudo que elas vivem e se

relacionam nele, isto é, as brincadeiras, a família, a enchente e a vazante do igarapé, as brincadeiras no campo e o perigo que se sentem em brincar nele, dentre outras coisas.

Ao contrário de suas mães, B. da M (11anos) não ver o bairro como perigoso, ela ainda percebe este como um lugar que não está somente atrelado aos perigos das drogas e da violência, para ela o bairro não deixou de ser visto como um lugar arborizado, de ser tranquilo, com árvores frutíferas no quintal de sua casa. Lugar também, onde as crianças brincam e que as casas são coloridas, onde sol brilha radiante e ainda se pode brincar no igarapé.



Figura 5: Casas Palafitas - debaixo delas as crianças brincam.
Fonte: Trabalho de Campo (foto: Naraiza C. Lira, 2020).

F. F. (11 anos) também desenha e fala sobre o lugar onde ela vive a infância.



Figura 226: Meu Bairro – Desenho de F. F. de 11 anos.
Fonte: Trabalho de Campo (Desenho: F. F, 2020).

“Eu morava no capivara, nasci lá, mas agora eu gosto desse bairro, acho tudo legal aqui, as ruas, das casas, eu gosto do meu bairro, dos meus amigos, do bairro e os da escola. Eu gosto de brincar, aqui a gente se diverte. Não passa tanta moto, dar pra gente correr. Só que aqui, a gente não tem muito aonde brincar. Mas um dia eu quero que a gente tenha nossa própria casa”. (F. F, 11 anos, 2020)

Seguimos tentando compreender o bairro por meio das crianças. Para isso, observemos a imagem que M. F. (6 anos) criou sobre ele.



**Figura 23: Meu Bairro – Desenho de M. F. de 11 anos.
Fonte: Trabalho de Campo (Desenho: M. F, 2020).**

“Hum, pra mim, meu bairro é assim, tem uma escola, eu brinco com o meu papagaio lá na ponte, a mamãe me deixa brincar lá, tem as casas, cachorros, o igarapé, que tá cheio de lixo, eu queria mesmo era uma praça aqui, pra gente brincar, queria morar lá perto da beira da feira, onde lá tem praça onde as crianças podem brincar na praça, lá é bonito, só que a gente demora pra ir lá, se tivesse uma aqui seria bem legal.” (M. F, 5 anos, 2020)

Compreendemos que as crianças fazem parte do contexto do bairro, elas não são figuras, são agentes, brincam como que dispõe, percebem o seu mundo e como ele está constituído no momento que o observam. Eles sabem também o que ter para que esse lugar fosse melhor. Corsaro (2011) destaca as crianças como agentes sociais, ativos e criativos. As crianças agem, elas não vivem por viver, o que elas fazem atinge a sua sociedade, mesmo que os adultos às vezes não queiram ver. São criativos por inovar nas suas formas de agir, não se fixando a modelos, como bem-acostumados estão os adultos.

Santos (2013), nos desafia a tentar compreender os contextos culturais e de vida, das crianças e não apenas o mundo delas. Faz-se necessário ouvi-las. E ao ouvir as crianças que

aqui contribuem com este trabalho, percebemos que elas sabem que deveriam ter acesso às praças, assim como as crianças do centro da cidade têm.

4.4. Para os pais como as crianças vivem a infância no bairro?

Devemos observar, que mesmo evidenciando as vozes dos pais, não queremos com isso desfocar a importância das crianças para a pesquisa, pelo contrário, o que desejamos é dispor da opinião de seus pais acerca do lugar que elas vivem a infância. Ao mesmo tempo em, que nossa intenção foi buscar compreender as relações familiares onde às crianças estão inseridas. Para os pais viver a infância no bairro está relacionado também com a forma com que elas brincam. Vejamos portanto, as narrativas, dos pais, iniciemos pela voz de K. S. da M (33 anos)

“As crianças vivem brincando né. Elas brincam de pega-pega, de bola, gemerson, paturi, de papagaio. Eles se divertem assim, eles passam o dia todo brincando assim. Outras brincam de brinquedo, de boneca. Isso é o que eu vejo, brincam de pula corda né e assim outros brinquedos, de boneca. É assim que eu vejo o dia deles”. (K. S. da M., 33 anos, 2020).

A fala da Senhora K. S. da S, nos leva ao acervo de fotos da pesquisa. Encontramos três imagem que retratam as crianças brincando. Todavia é importante destacar que as crianças das fotos, não pertencem às famílias aqui analisadas, porém, representam significativamente as formas que as crianças brincam no bairro Nossa Senhora de Fátima.



Figura 24: Crianças brincando de Germeson no fundo do quintal.
Fonte: Trabalho de Campo (Foto: Naraiza C. Lira, 2020)

Por meio das imagens aqui evidenciadas, podemos concluir que as crianças de Fátima brincam nas ruas, nos quintais, descalças, saltando papagaio, e outras com objetos encontrados na própria rua. As fotos trazem a típica realidade descrita por essas mães, de como as crianças brincam nesse lugar.



Figura 25: Crianças brincando na Rua Alvorada. Fonte: Trabalho de Campo (Foto: Naraiza C. Lira, 2020)



Figura 26: As crianças e sua relação lúdica com a rua. Fonte: Trabalho de Campo (Foto: Naraiza C. Lira, 2020).

Para complementar a visão que temos das imagens, de como brincam as crianças neste lugar, trazemos a voz de Dona L. P. F. (32 anos)

“As crianças vivem tranquilas, brincam normal aí na ponte, não acontece nada. O que elas fazem? o meu menino brinca mais de papagaio, a maiorzinha eu não deixo brincar tanto fora, porque ela já está entrando na adolescência, mas normal” (L. P. F, 32 anos, 2020).

As pontes que esta mãe se refere, não é a ponte grande que liga o bairro aos outros, são as pequenas e estreitas pontes de madeiras, como a que destacamos na foto abaixo. Essas ao mesmo tempo são utilizadas pelas crianças, durante suas brincadeiras fora de casa.



Figura 27: Ponte da Rua José Luciano R. Alves –brincam
Fonte: Trabalho de Campo (foto: Naraiza C. Lira, 2020)

Entendemos que as ruas, por mais perigosa que possam parecer para os pais, são para as crianças espaços lúdicos, onde também desenvolvem seus brinquedos e imaginação.

As brincadeiras revelam modos singulares das crianças que não as difere de imediato, de tantas outras crianças que brincam reproduzindo papéis sociais [...] As brincadeiras não reproduzem simplesmente o mundo do adulto, mas reinterpretam e atualizam a vida de quem não tem brinquedos sofisticados, mas que nunca deixam de brincar ou de transformar a rotina a partir de indícios que são culturais. (SANTOS; NORONHA, 2012, p.128).

Dentro da perspectiva histórica as brincadeiras tiveram sua notoriedade, nos estudos de Ariès (1981) o autor as brincadeiras das crianças europeias estavam relacionadas ao cotidiano vivido naquela época. De fato, as brincadeiras tem um espaço especial na vida das crianças deste lugar, tanto que os pais relacionam as brincadeiras das crianças com sendo parte de suas infâncias. Apesar dos perigos das ruas destacados pelos pais, as crianças

continuam lá, unidas, brincando, criando e fortalecendo seus vínculos de amizade com as outras crianças, e com seus vizinhos, porque as brincadeiras ainda fazem parte da infância das crianças deste bairro. E apesar dos pais não concordarem a rua ainda é o espaço predileto, das crianças de Fátima brincarem.

4.5 Os cuidados com as crianças:

Na sociedade contemporânea, o sentimento de cuidado e proteção em relação as crianças está condicionado aos pais, na ausência deles os avós, tios e até mesmo irmãos assumem a responsabilidade familiar de cuidar das crianças. Na ausência familiar o Estado brasileiro assume o papel institucional de ofertar a proteção as crianças.

No entanto, não podemos esquecer que o sentimento de infância nem sempre existiu, por parte da família, como já vimos em Ariès (1981). Todavia hoje, o estatuto da criança em seu art. 4º destaca que o dever família, do Estado e da sociedade geral garantir os direitos fundamentais das crianças no Brasil.

Partindo do ponto de vista dos pais, buscamos conhecer como eles protegem seus filhos das problemáticas sociais existente no bairro?

L. P. F. (32 anos) nos diz, que tenta orientar seus filhos os aconselhando sobre os perigos:

Quando o pai dela vai trabalhar, porque ele viaja, é pescador, quem fica gerenciando a família sou eu, eu dou conselho, para ela que não é do jeito que ela quer, e sim do jeito que eu quero. Mas quando nós estamos dois juntos, agente aconselha junto. (L. P. F, 32 anos, 2020).

R. C. da S (38 anos) também fala sobre esta questão.

Hoje as Crianças ... A maioria dos pais que sabem educar seus filhos, ficam com eles em casa para não viver nas ruas, porque a gente tem medo de deixar os filhos da gente, até fazer compras. [...] uma vez eu mandei minha filha comprar um litro de farinha, quando ela voltou não quis me dizer, mas os tios dela tudo viram. Eles queriam tomar o dinheiro dela, até R\$ 2,00 reais, uma criancinha que vai comprar um melitos, eles estão querendo tomar o dinheiro. Aí, como ela sabe como é o meu jeito, não quis nem falar para mim. Porque eu conheço eles todinho eu ia tirar satisfação. Primeiramente eu ia falar com o avô dele, que é o avô que cria ele, para depois eu ir com ele. (R. C. da S, 38 anos, 2020).

Já K. S. da M (33 anos) nos fala como é difícil orientar suas crianças.

É muito difícil, porque essa minha filha de 11 anos, eu tenho batido muito a cabeça com ela. Eu pego muito no pé dela. Digo pra ela, minha filha, tu não é adulta, tu é só uma criança. Vivo dizendo, tu tá lá, ali perto dessas pessoas que estão cheirando essas imundices, e por mais que não esteja fazendo o que eles fazem, mas tu vai pegar a culpa, porque tu tá lá no meio deles. (K. S. da M, 33 anos, 2020).

O sentimento de proteção ganha destaque nas falas da mãe K. S. da M, (33 anos) principalmente em relação a filha mais velha, a criança B. da M (11anos). A mãe nos fala de forma espontânea, demonstrando que algumas amizades cultivadas entre as crianças estão prejudicando as relações dela com sua filha, e, ao mesmo tempo tem influenciado sua filha a frequentar os espaços onde crianças que se drogam ficam.

Ela só veio chamar minha filha, só fez olhar para ela, e ela se agoniou, a senhora viu? Eu já conversei com ela, sobre essas má amizades. Portanto, eu vou até mandar ela para o sítio, quando a mamãe for, ela vai passar um bom tempo para lá. [...] Porque aqui ela tem muitas amizades e eu não gosto. Aí eu falo para ela, minha filha, aqui tu tem televisão, DVD, tem um caderno... Vai escrever, e aí tu fica nessa vida... Naquele campo rola de tudo. (K. S. da M, 33 anos, 2020).



**Figura 28: No campo Rola de Tudo. (Brincadeiras, drogas, violência)
Fonte: Trabalho de Campo (Foto: Naraiza C. Lira, 2020).**

Não é por acaso a preocupação dos pais, durante toda pesquisa pudemos observar que no bairro algumas crianças tem acesso às drogas, ou veem com facilidade pessoas usarem drogas, principalmente quando vão brincar de bola no campo improvisado, atrás de suas casas.

F.V. de S (36 anos) também tenta orientar os filhos de sua companheira sobre os riscos das drogas.

É isso aí, sobre esse negócio de drogas, porque a droga faz como o outro, acaba com a vida de qualquer pessoa. Se a pessoa não parar para pensar mesmo... Esse é um mundo sem volta. A droga leva a roubar, a mentir, faz como outro, mexer nas coisas... E quando pensar que não, vai preso e aí se numa dessas pega e mata. [...] Se essas drogas acabassem e diminuísse, era até melhor mesmo. [...] E para a gente

tirar as crianças dessas coisas ruins, [...] tem que conversar, todo tempo, conversando, orientando. A gente não pode fazer mais que isso. (F.V. de S, 36 anos, 2020)

As fala dos pais nos revelam a violência, que permeiam as relações cotidianas das crianças e demais pessoas do bairro. Para os pais as perspectivas de mudança não são animadoras. Eles ainda destacam que a infância de suas crianças estão sendo prejudicadas, isso porque eles estão suscetíveis a vários problemas sociais, como as drogas e a violência.

L. P. F., pontua que as drogas são umas das problemáticas que mais tem prejudicado a vida das crianças do bairro.

“O ponto que prejudica as crianças, é essas coisas, que ficam fumando nas ruas. As crianças, ver eles aí fumando, tem uma casa ali onde eles ficam aqui mesmo na rua. Eles olham ficam vendo quando eu chego em casa dou conselhos para eles”. (L. P. F., 32 anos, 2020).

É notório que as drogas estão nas ruas do bairro, e preocupam os pais. Estes pais têm como principal meio de evitar o caminho das drogas os conselhos.

Por enquanto, é evitando deles ficarem nas ruas, porque se não, se eles ficarem muito tem na rua, vai se acompanhar de outras pessoas, quando pensar que não, Deus me livre, já está entrando no meio. (L. P. F, 32 anos, 2020).

Fica evidente também que para essa mãe, a rua não é segura para seus filhos, ela tenta protegê-los, orientando-os sobre os perigos das drogas e da violência, tão presentes no cotidiano do bairro. Continuando com as falas das mães, vejamos que para senhora K.C. da M (33 anos) as drogas e a violência tem prejudicado as infâncias das crianças do bairro.

Tem gente que chega para mim, manda mensagem, dizendo a tua filha tá nisso, tá naquilo, chega mensagem para mim. Que minha filha tá cheirando [...] Eu pergunto dela, eu mando ela soprar pra eu cheirar, porque aquilo não sai assim não. Mas até agora eu não senti essas coisas nela não. Eu converso muito com essa minha filha aí né”. [...] aqui rola muita droga, cheirador de cola, *thinner*. É isso eu vejo muito aqui, porque eu vou atrás da minha filha, [...] eu vejo crianças com sacolinhas de *thinner*. Crianças com sacolinha de *thinner*, por ali, pelas beiras do campo, eu vou por lá e vejo minha filha por ali. Ela tava na companhia de umas amizades ruins. Aí [...] eu fui atrás dela uma noite eu vi muitas coisas”. Eu falo para ela vir, não ir para esse rumo [...]. É gente bebendo, tem gente quase todos os dias que bebem nesse bairro, brigam. Isso eu acho uma coisa negativa das crianças. Isso prejudica isso prejudica as crianças porque elas estão vendo que está acontecendo que eles estão bebendo, aí eles vão querer fazer as mesmas coisas. Mas nós como mães, estamos para orientar os filhos [...] (K. S. da M., 33 anos, 2020)

As vozes dessas mães não deixam de enfatizar as drogas, como um perigo que ronda o cotidiano das crianças. O lugar onde se vive a infância, também está contaminado, está

doente, está intoxicado pelas drogas, ele permeia o cotidiano e o imaginário das crianças, como podemos ver no desenho criado por M. F, (6 anos).



**Figura 29: A violência e as crianças do bairro, desenho de M. Ferreira, de 6 anos.
Fonte: Trabalho de Campo (Desenho: M. Ferreira, 2020).**

Mesmo que esta não seja uma pesquisa voltada para as drogas na infância, o próprio campo pesquisa nos colocou frente a temática, e não podemos deixar de revelar que as drogas, a violência, a criminalidade fazem parte do cotidiano das crianças de Nossa Senhora de Fátima.

Como bem destaca Sarmiento (2008), a sociologia nos ajudar a compreender que não podemos estudar a infância com uma categoria isolada, que não tem relação com a sociedade onde está inserida, tanto as crianças quanto a totalidade da realidade social por ela vivida nos interessa. Até porque as drogas tem permeado as relações da infância das crianças de Nossa Senhora de Fátima de acordo com a fala dos pais.

4.6 Os limites e as possibilidades da infância de Nossa Senhora de Fátima.

Diante das particularidades deste lugar, passamos a nos questionar. Que políticas, programas ou projetos ou ações locais, as crianças e os pais dispõem e tem colaborado

positivamente para infância deste lugar? As possibilidades identificadas são poucas, no entanto, uma ganha destaque nas falas dos pais, ou seja, o programa Criança Feliz.

Trazemos portanto, as falas sobre as possibilidades.

Só ela ³²que é uma ajuda das crianças nas casas. O Criança Feliz é uma coisa que tem ajudado as crianças do bairro, porque assim muitas mães não tem condições de colocar as crianças na creche, aí ela já vem para incentivar as crianças, até chegar o tempo de chegar na escola. (L. P. F, 32 anos, 2020).

Já vimos que este programa, é coordenado pelo Ministério da Cidadania, de caráter intersetorial, em Tefé ele funciona dentro do CRAS, e tem suas equipes de visitadoras. Sua finalidade é promover o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância, com ênfase na família e seu contexto de vida.

O senhor R. C. da S (38 anos) também destaca o programa Criança Feliz como uma das possibilidades das infâncias de Nossa Senhora de Fátima.

A única coisa que tem de boa aqui, que entrou na nossa vida, e na casa de muitas famílias, é ela, a visitadora. Ela tem ajudado a desenvolver as crianças, mas fora isso outra coisa boa não existe mais. Outra coisa boa é estudar. (R. C. da S, 38, 2020)

Aproveitando o nome sugestivo do programa, e uma vez que já tinha a confiança deste pai, lhe perguntei o que para ele seria uma Criança Feliz?

Para mim uma criança feliz significa uma criança animada, uma criança que possa brincar uma criança que chega com seu pai e sua mãe animado, pai e mãe eu brinquei, fez isso faz aquilo. Então para mim é tão bom, porque eu nunca tive infância, porque minha infância foi diretamente no trabalho. Então hoje em dia eu quero o melhor para os meus filhos. Então para mim criança feliz, é isso sabe brincar saber que elas possam brincar. (R. C. da S, 38, 2020)

Dando continuidade, destacamos a seguir os limites postos que tem segundo os pais, prejudicado a vida de seus filhos.

O que tá prejudicando a infância das crianças no bairro, se chama... A falta das pessoas se unirem, fazer um bairro melhor, que é que nem esses galerosos estão hoje. Eles empatam as crianças, porque as crianças não podem ficar se desenvolver, eles já se desenvolvem um pouco dentro de casa. Às vezes as crianças saem para ir para a escola com medo. Então isso é uma coisa negativa, que tá prejudicando as crianças aqui. Além de prejudicar as crianças prejudica nós pais, porque a gente não tem confiança de deixar os filhos da gente sozinho. (R. C. da S, 38, 2020)

³² Neste momento, a senhora Leila se refere à visitadora social, e ao programa Criança Feliz, como sendo a única coisa boa que no momento está sendo ofertado no bairro para as crianças.

Os pontos do bairro mais negativos declarados por L. P. F foram à ponte e os assaltos.

“O ponto que eu não gosto no bairro, é a ponte, podiam ajeitar, e sobre essas pessoas que estavam assaltando nessa ponte, outro dia desses, quiseram me assaltar também”:

A ponte a que L. P. F se refere, é essa da imagem a cima. Nela podemos identificar uma é grande ponte feita de madeira. É por meio dessa ponte que os moradores chegam mais rápido ao centro da cidade, e é nela também que ocorrem os roubos, segundo os moradores.



**Figura 30: Ponte de Vila Pescoço – Principal Ponte do bairro.
Fonte: Trabalho de Campo (foto: Naraiza C. Lira, 2020).**

Ainda nos conta dona Leila:

Eu vinha dali da casa de uma senhora, que tinha ali, assim umas 8 horas da noite. O meu marido estava para viagem, porque ele pesca. Só tava eu e as crianças. Aí eu vinha na hora que o homem me viu que eu vinha com o celular. Eu vi que ele estava me seguindo, aí eu parei, eu vi que ele tava me seguindo, e eu parei bem ali na casa da vizinha. Aí eu voltei aí ele mandou o filho dela para vir me trazer até aqui em casa. (L. P. F, 32 anos, 2020).

A ponte é palco de vários roubos e lugar de uso de drogas, a criminalidade cresceu no bairro, mas não é um problema de hoje. Este é um problema social que tem afetado as famílias a muito tempo. Diante as possibilidade e os limites, os pais apresentam propostas e ações que podem agregar valores sociais e culturais positivos para as crianças de Nossa Senhora de Fátima.

K. C. da M (33 anos) destaca:

“Eu acho que um esporte né, ter um esporte assim para que as crianças. [...] Para ocupar a mente, para elas terem alguma coisa para fazer, se essas crianças tivesse alguma coisa para fazer, se colocassem elas na escola, em um esporte, um projeto social, eles não estariam por aí fazendo coisas que não devem. É isso que eu acho”.
(K. S. da M, 33 anos, 2020).

A mãe apresenta uma possibilidade de as crianças do bairro não ficarem tão expostas às vulnerabilidades do bairro.

4.7 Compreendendo o lugar de ser criança a partir dos sujeitos da pesquisa.

Os resultados apresentados neste estudo surgem do Estudo Social de Caso que teve a participação das vozes de 4 crianças, 3 meninas e 1 menino, 4 pessoas adultas, sendo elas, 3 mulheres e 1 homem. Assim como, da pesquisa de campo, que entrevistou 99 pessoas do bairro, com quem aplicamos o questionário socioeconômico e demográfico com moradores das ruas José Luciano Rodrigues Alves, Avenida Tira Dentes, Alexandre Rodrigues Alves, Alvorada, Arthur Rodrigues Alves e das Travessas Alexandre Rodrigues Alves e Monte Alegre.

Os resultados qualitativos deste estudo, obtidos por meio da participação das crianças e das narrativas de seus pais, nos levaram compreender, até aqui, como as crianças e os pais compreendem o lugar onde vivem e a infância deste bairro, no recorte de tempo que durou a pesquisa, isto é, entre os anos de 2019 e 2020.

Analisando os dados do questionário, percebemos que o lugar, Nossa Senhora de Fátima, é um bairro pequeno em relação aos demais bairros da cidade, pois possuem somente sete ruas. Um bairro esquecido pelos governantes, pouco urbanizado, com várias pontes de madeiras já deterioradas, com meio ambiente poluído, por falta de saneamento básico. Onde a única escola dentro bairro, atende apenas as crianças de até 5 anos, e ainda funciona em um prédio alugado com pouca acessibilidade.

Um lugar pouco estudado pelo mundo acadêmico, uma vez que encontramos somente um trabalho científico relacionado aos jovens deste bairro. Com a pesquisa de campo, observamos que seus moradores desejam uma visibilidade que não seja para evidenciar as coisas negativas relacionadas ao bairro.

Os passos vividos na pesquisa, nos fez ver um bairro marcado pela pobreza, pela violência e pelas drogas. Mas, ao mesmo tempo nos levaram conhecer um lugar cheio de potencialidades. Encontramos famílias que ainda preservam laços de solidariedade entre si,

se ajudando quando precisam até dos bens materiais básicos, como a alimentação. Também identificamos trabalhadoras e trabalhadores que tiram o seu sustento da pesca e da agricultura, que sobrevivem da renda de seus trabalhos informais. Bem como encontramos trabalhadores formais, como: professores, garis, e soldados que servem o exército brasileiros. E assim com as famílias que vivem dos benefícios sociais como; Benefício de Prestação Continuada — BPC, programa Bolsa Família e participantes do programa Criança Feliz.

A pesquisa de campo ainda nos traz, que 83% dos nossos entrevistados, consideram seu bairro como um lugar bom de se morar. 64% deles não se sentem discriminado pelo fato do bairro ser conhecido pejorativamente como Vila Pescoço, e nem pela fama que tem de lugar perigoso.

Todavia, é importante registrar que 36% sim se sentem discriminado, e uma das formas de discriminação de acordo com a fala de um dos moradores acontece “[...] pela administração pública” que desde a formação do bairro tem falhado em levar as políticas públicas para o bairro.

Os moradores que gostam de morar neste lugar destacam como potencialidades, a água, o pouco trânsito de motos e carros, a vizinhança, os amigos, pelos laços de parentesco que alguns preservam no bairro, por ele ficar próximo ao centro da cidade, por terem facilidade de comprar os alimentos como peixes, verduras e a farinha no próprio bairro. Nesse sentido, ainda falam positivamente dos campinhos de futebol, improvisados atrás de suas casas, das igrejas e do atendimentos da Unidade Básica de Saúde.

Identificamos também, que eles dizem não ser bom para o bairro. Entre os principais fatores tem a violência, as pontes, o lixo nas ruas, a falta de asfalto, as galerias, a lama que dificulta as crianças irem para escola, os traficantes, os esgotos expostos, mas principalmente a falta de segurança.

Em se tratando ao Estudo Social de Caso podemos destacar, a diversidade dos grupos familiares existentes neste lugar. Com bem observamos na análise das narrativas dos pais e dos desenho das crianças. No contexto atual, é notório que as famílias não surgem somente do casamento civil de um homem e uma mulher, não se formam só pelos laços sanguíneos. As duas famílias evidenciadas representam bem as mudanças que as configurações familiares na contemporaneidade vem passando, mas principalmente a família 2.

Mudanças que não se restringem ao cotidiano vivido, elas também tem ganhado espaço no meio legal. Em 2011, por meio da decisão unânime do Supremo Tribunal Federal, a união estável entre casais do mesmo sexo, passou ser entidade familiar, os casais homoafetivos passaram a dispor dos mesmos direitos previstos na Lei. 9.278 de 1996.

O art. 226 da Constituição Federal de 1998 explicita que: “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado. §3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”. §4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

Para além da Constituição, o código civil brasileiro também garante os direitos familiares, o artigo 1723 do Código Civil ressalva, “É reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura, e estabelecida com o objetivo de constituição de família”.

Faz-me relevante a contextualização legal, para evidenciar que por meio da relação homoafetiva entre as senhoras K. S. da M (33 anos) e F. V de S (36 anos) as crianças B. da M (11 anos) e de B. da M (5 anos) dispõe de uma família, que seus responsáveis, iguais a outros pais também exercem os direitos e deveres em relação as suas crianças.

Diante dos contextos familiares percebemos além disso, que não foram os bens e os laços sanguíneos que uniram os membros das famílias. O que fica muito evidente nos dois casos, que foram os sentimentos de cuidado e o carinho cultivados entre os sujeitos desta pesquisa que contribuíram para que se formassem suas famílias.

Não queremos dizer com isso, que as famílias não se unam mais pelos laços sanguíneos, mas o que queremos explicitar, é que não se formam somente por esse motivo, como vimos nas histórias das famílias aqui protagonizadas.

As falas dos pais nos levaram a conhecer um contexto que sim prejudica as infâncias das crianças de Nossa Senhora de Fátima, isto é, as drogas. Todavia, suas falas não nos deixar transparecer um ação efetiva de combate-la, os pais infelizmente não tem exigido dos órgãos de atendimento, proteção e defesa das crianças ações de prevenção e combate as drogas e a violência no bairro.

Consequentemente entendemos que enquanto não apareçam ações governamentais e não governamentais dispostas a cumprir o que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu art. 3.º as crianças e as infâncias de Nossa Senhora de Fátima, ainda sofra por muitos anos com a influência nefasta das drogas.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (ECA, 1990, p.15)

Fica explícito nas lembranças dos pais, que as problemáticas das drogas e da violência, tem afetado a infância das crianças. A insatisfação de conviver com a falta de políticas públicas, a falta de saneamento básico, que tem degradado o meio ambiente do bairro, veem caracterizando negativamente este lugar.

Nos chama a atenção tanto o fato dos pais não buscarem contribuição externas para a proteção de seus filhos, em relação as drogas, quanto o fato deles criarem estratégias caseiras para protegerem seus filhos e filhas. Para isso não temos respostas, talvez aqui o campo esteja nos apresentando uma nova problemática, passível de ser investigada em outro momento.

Desde o início, tentamos evidenciar a pesquisa com crianças, uma vez que entendemos que as pesquisas com crianças na região Norte, no Amazonas e principalmente em Tefé, é um campo ainda que precisa ser desbravado.

Sabemos que a notoriedade que buscamos ofertar as crianças por meio das pesquisas, da literatura, da mídia e outros setores da sociedade brasileira, não é uma realidade antiga. Segundo Henick e Faraia (2015) ela surge no Brasil somente a século XX:

No Brasil, é por volta do século XX que a criança começa a ter certo valor, sendo reconhecida na sociedade, e ter seus direitos minimamente assegurados pelo Estado, onde são criadas leis trabalhistas e entre outras em prol da defesa da criança e adolescente. A trajetória da criança e adolescente no Brasil é marcada por diversas privações e dificuldades. Ao estudá-la evidenciam-se diversas consequências enfrentadas pelas crianças, como, maus tratos, abusos sexuais, mortalidade infantil, miséria, fome, crianças sem teto, sem família e escrava do trabalho. [...] (2015, p. 2).

De fato, vivemos um atraso histórico que colocou as crianças em um situação de subalternidade. "Isto porque, não se pode esquecer que as crianças, por vários séculos, foram representadas prioritariamente como 'homúnculos', seres humanos miniaturizados que só valiam a pena estudar e cuidar pela sua incompletude e imperfeição. [...]". (Sarmiento, 2008. p. 3).

Para Heywood (2004, p.10) "Somente em épocas comparativamente recente veio surgir um sentimento que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si sós".

As crianças são as grandes ausentes da história simplesmente porque, no chamado "passado" – da Antiguidade à Idade Média-, não existia este objeto discursivo a que chamamos "infância", nem essa figura social e cultural chamada "criança", já que o dispositivo de infantilidade não operava para, especificamente criar o "infantil" [...] Não é que não existissem seres humanos pequenos, gestados, paridos, nascidos, amamentados, crescidos – a maioria deles mortos, antes de crescerem-, mas é que a eles não era atribuída a mesma significação social e subjetiva [...]. (CORAZZA (2002, p. 81).

Obviamente, a invisibilidade da infância não se dar pela ausência física das crianças, é certo que sempre existiram, porém, estamos falando de pessoas que foram calados e negadas por vários séculos, como afirma Corazza (2002). E é neste sentido, que ainda precisamos continuar avançando e a participação das crianças, tem que ser real e desejada por todos setores da sociedade.

Compreendemos este lugar a partir de duas formas. Uma na perspectiva das crianças e outra na expectativa dos pais. Para as crianças o bairro é o lugar onde vivem com suas famílias. Para elas, é nas ruas e nos quintais, que vivem a parte lúdica da infância. Todavia, elas não estão apáticas o que acontece no seu bairro, sabem que precisam de mais espaços públicos que lhes proporcionem viver uma infância principalmente com acesso ao lazer. Os pais vislumbram as crianças que brincam e precisam ser protegidas. A maioria dos pais evidenciaram o bairro, como um lugar perigoso para se viver a infância, onde a insegurança devido à violência, do tráfico e consumo de drogas prejudica a vida das pessoas do bairro, e conseqüentemente a infância de suas crianças.

Portanto, concluímos a compreensão parcial do Lugar de Ser Criança, que aqui foi revelado a partir da participação das crianças M. F (6 anos), F. F (11 anos), B da M (11 anos) e de B. da M (5 anos) e das narrativas de seus pais e de uma aprendiz de pesquisadora.

5. CONSIDERAÇÕES

É inegável que na atualidade o Brasil dispõe de legislações que consideram as crianças como sujeitos de direitos³³, garantindo-lhes por meio destas leis a proteção integral³⁴. Ao mesmo tempo que também é reconhecido que temos avançado nas pesquisas com crianças dentro das ciências humanas e sociais.

Contudo, na contramão desta proposta, ainda persisti o descumprimento de direitos e a exclusão social de crianças e adolescentes. Ao mesmo tempo, que é frequente entre os sujeitos adultos, ditos protetores, a visão que crianças são pessoas passivas, que não contribuem efetivamente e nem tem conhecimento para uma atuação ativa no grupo social a qual fazem parte. Nessa mesma direção, existe o discurso adulto que crianças são receptores de normas, regras, valores educacionais e morais considerados essenciais para seu bom desenvolvimento humano.

Dá a necessidade de as pesquisas em ciências humanas continuarem evidenciando a criança como um sujeito como um sujeito social, histórico e cultural, revelando o que as relações sociais dominantes tendem querer apagar a importante participação social que as crianças.

É nesse sentido que construímos este trabalho. Dá notoriedade, para as crianças de Tefé, as crianças que vivem a infância no bairro Nossa Senhora de Fátima. Ao mesmo tempo foi nossa intenção mostrar para a sociedade Tefeense que no bairro existe também coisas boas, que as vulnerabilidades existentes no bairro e vivenciadas dia - a - dia por nossas crianças e demais moradores, não lhes tornam perigosos e sim vítimas de uma sociedade dominante que cria estereótipos para manter sua homogeneidade.

Finalizamos ressaltando mais uma vez a importância das pesquisas com crianças, dentro do campo das ciências humanas e sociais. Pois, são elas que contribuem e colocam em destaque as crianças como um sujeito social, histórico e cultural. Sabemos que ainda temos um longo caminho para percorrer, e foi pensando em avançar neste campo teórico que realizamos esta pesquisa.

³³ ECA – Lei. 8069/90, garante no **Art. 5º** Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.
, Silva (2016, p.23)

³⁴ A principal delas na atualidade é a Lei 8.069, de 13 de junho de 1990: Estatuto da Criança e do Adolescente – garanti os direitos das crianças e adolescentes.

6. REFERÊNCIAS

_____. **“Sociologia da Infância: Correntes e Confluências”**, in Sarmento, Manuel Jacinto e Gouvêa, Maria Cristina Soares de (org.) (2008). Estudos da Infância: educação e práticas sociais. Petrópolis. Vozes (17-
<http://www2.fct.unesp.br/simposios/sociologiainfancia/T1%20Sociologia%20da%20Inf%20ncia%20Correntes%20e%20Conflu%20ncias.pdf>. Acesso em: 7 de Setembro de 2019.

_____. Ministério da Educação. **Censo escolar da educação básica INEP**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2018. Acessado por meio do aplicativo do censo escolar, no dia 15 de dezembro de 2018 as 21 horas.

_____. Ministério da Educação. Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial [da] União, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 18.

_____. Código Civil e Normas Correlatas. 7ª Ed. – Brasília, Senado Federal, Coordenações de Edições Técnicas, 2016. Disponível em:
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/525763/codigo_civil.pdf. Acesso no dia 16 de maio de 2020.

_____. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266 Acesso em: 16 dez. 2019.

ALFAIA, Eros Divino Mai. Ipixuna Punã e Camará. **História de Vida, de Rio, e de Identidade Sócio – Cultural à Memória Amazônica**. Manaus, 2017..

ArcGIS Web Map. **Bairros e Comunidades – Tefé/AM**. Mapa. Instituto Mamirauá, 2020. Disponível, em:
<https://mamiraua.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=0167a84111944b8bbe15dc2f3405a4c6>> Acesso: 30 de outubro de 2020.

ARIÉS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução: Marco Estevão e Renato Aguiar. 3ª Ed., Editora Hucitec, São Paulo, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n° 9.394/96.

BUSS – SIMÃO, Márcia. **Antropologia da criança: uma revisão da literatura de um campo em construção**. Revista Teias, [S.l.], v.10, n.20,p.16Pgs.,dez.2009.ISSN1982:
<https://www.epublicacoes.uerj.index.php/revistateias/article/view/240> Acesso em 25 de agosto de 2019

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CANCLINI, N. G. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. São Paulo, SP. Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2000.

CARLOS, Ana Fani Alexandri. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p. Disponível em: <http://ffch.usp.br/dg/gesp> Acesso no dia 15 de Julho de 2020.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

COHN. Clarice **Concepções de infância e infâncias Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil**. Civitas, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, maio-ago. 2013

COLL DELGADO, A. C; MÜLLER, F. **Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio/ago. 2005.

CORAZZA, S. M. **História da infância sem fim. Ijuí, Unijuí. Infância e educação. Era uma vez... Quer que conte outra vez?** Petrópolis, Vozes, 2002.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. São Paulo: Artmed, 2011, p. 384.

DELGADO. Ana Cristina Coll, MÜLLER. Fernanda. **Sociologia da Infância: Pesquisa com Crianças**. Educ. Soc. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 20 de Maio de 2020.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as Coisas. Uma arqueologia das Ciências Humanas**. Tradução: Salma Tannus. Muchail Martins Fontes. São Paulo 2000. Disponível em: <https://projctophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-as-palavras-e-as-coisas-digitalizado.pdf>. Acesso em: dia 14 de Maio de 2020.

HENICK, A. C.; FARIA, P. M. F. **História da infância no Brasil. 2015**. Disponível em: Acesso em: 27 out. 2018. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19131_8679.pdf. Acesso em: 7 de Novembro de 2019

HEYWOOD, Colin. **Uma História da Infância: da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004, 284p Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, maio/ago. 2005.

HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **De que infância nos fala a psicologia do desenvolvimento**. Psicol. educ., São Paulo, n. 25, p. 75-92, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n25/v25a05.pdf>. Acesso no dia 04 de Abril de 2020.

IBGE- Instituto Brasileira de Geografia e Estatística. IBGE cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br> Acesso em: 08 de Março de 2020.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. (Org.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas: Papirus, 1996.

KRAMER, Sônia. Autoria e Autorização: **Questões Éticas na Pesquisa com Crianças**. Departamento de Educação da PUC-Rio sokramer@edu.puc-rio.br. Cadernos de Pesquisa, n. 116, pju.lh4o1/-5290,0 j2ulho/ 2002. Acesso em: 30 de março de 2020.

LEITE, Adriana Figueira. **Anuário do Instituto de Geociências** – UFRJ, Vol. 21 (1998). Disponível em: http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1998/vol21_09_20.pd. Acesso no dia 26 de Junho de 2020.

LOPES, Adrea Simone Canto Lopes. **A construção da Identidade da Infância na Amazônia Ribeirinha**. Ilha de Cotijuba Belém – Pará. Porto Alegre, 2019. Série PGDR – Tese, n. 51, Porto Alegre, 28 de Junho de 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/79052/000896791.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 de Dezembro de 2019.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias**. Seminário de Educação 2012, Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: <https://doi.org/10.29286/rep.v22i49/1.915>. Acesso em: 18 de Novembro de 2019.

LOPES, Jander Janer Moreira, VASCONCELOS Tânia de. **Geografia da Infância: Territorialidades Infantis**. Currículo sem fronteira, V. 6. N.1, pp.103-127, jan/jun 2006. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop_vasc.pdf. Acesso em: dia 13 de Março de 2020.

MARTINS Filho A. J, Barbosa MCS. **Metodologias de pesquisas com crianças**. Rev Reflexão Santa Cruz do Sul. 2010; 18(2): 8-28. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1496>. DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v18i2.1496>. Acesso em: dia 30 de Abril de 2020.

MARTINS J. S. (Org.). **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARTINS J. S. (Org.). **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MORAES, Fabriciana Dantas- Pesquisadora de Iniciação Científica. FIGUEREIDO, Guilherme Gitahy, orientador. **Relatório final: Jovens de Nossa Senhora de Fátima: Problemas da Juventude nas narrativas de história de vida**. PROFIC, UEA, FAPEAM. Tefé-AM, 2007.

MUBARAC SOBRINHO, Roberto Sanches. **Vozes Infantis: As culturas das crianças Sateré – Mawé como elementos de (Des) encontros com as culturas da Escola**. 1 v. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina.2009. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/TESES/MFN-30915>. Acesso em: 22 de Julho de 2019.

RODRIGUES, Denise Simões. Et al. **Cultura, cultura popular amazônica e a construção imaginária da realidade**. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos (Org.) Cartografia de saberes: representações sobre a cultura amazônica em práticas de educação popular. Belém: EDUEPA, 2007. p. 21-36.

RODRIGUES, Eubia Andrea. “Rede Urbana no Amazonas: Tefé como cidade de Responsabilidade Territorial na calha do Médio Solimões”.2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós – Graduação em Geografia- Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

SANTOS, Raimundo Nonato Freitas dos Santos. Lugar e Representação: Um estudo sobre o bairro da Abial no município de Tefé/AM. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós – Graduação em Geografia - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

SARMENTO, M. J. **As Culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade.** In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004. p.9-34

SARMENTO, Manuel Jacinto **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade.** Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança, 2002. (Mimeo). Disponível em: jAcesso em: maio 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **O estudo de caso etnográfico em educação.** In: ZAGO, Nair et al. Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 137-179.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Sociologia da infância: correntes e confluências.** <http://www2.fct.unesp.br/simposios/sociologiainfancia/T1%20Sociologia%20da%20Inf%20ncia%20Correntes%20e%20Conflu%20EAnancias.pdf>. Acesso em: 13 de Setembro de 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo.** In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças, contextos e identidades. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Bezerra.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina. A estrutura Social de Uma área urbana pobre e degradada.** Tradução: Maria Lúcia de Oliveira. Copyright, 1993, University. Of Chigado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

7. APÊNDICES

APÊNDICE A:

FICHA DE MAPEAMENTO DO TERRITÓRIO

- DATA DO PREENCHIMENTO: ____/____/____
- TÉCNICAS UTILIZADAS: Visita de campo no território onde acontece a pesquisa, e visitas Institucional

1. IDENTIFICAÇÃO DO TERRITÓRIO:

NOME DO MUNICÍPIO: Tefé	ESTADO: Amazonas
ZONA DE LOCALIZAÇÃO: Urbana	
NOME DO TERRITÓRIO: Nossa Senhora de Fátima	
TIPO: Bairro	
TERRITÓRIO CONHECIDO TAMBÉM COMO? Vila Pescoço	
DATA DE SUA CRIAÇÃO: ____/____/____	

2. POTENCIALIDADES DA COMUNIDADE

2.1 Vias de acesso:	<input type="checkbox"/> Rua pavimentada <input type="checkbox"/> Chão batido <input type="checkbox"/> Fluvial <input type="checkbox"/> Estrada <input type="checkbox"/> Outro: _____
2.2 Tipo de Transporte usado pelo moradores do bairro:	<input type="checkbox"/> Motocicleta <input type="checkbox"/> Bicicleta <input type="checkbox"/> Carro <input type="checkbox"/> Outros: _____
2.3 Equipamentos e serviços disponíveis no território:	<input type="checkbox"/> Pré-escola: Em qual Rua? _____ <input type="checkbox"/> Centro comunitário: Em qual Rua? _____ <input type="checkbox"/> Locais religiosos ? Em quais Ruas? _____ <input type="checkbox"/> Programa Criança Feliz <input type="checkbox"/> Agente de Saúde Comunitários <input type="checkbox"/> Agentes de Endemias <input type="checkbox"/> Outros:

3. ASPECTOS CULTURAIS DO TERRITÓRIO: (Festividades, eventos religiosos existentes na comunidade)

4. OBRAS PÚBLICAS EXISTENTES NA ÁREA:

5. OUTRAS INFORMAÇÕES SOBRE O BAIRRO:

APÊNDICE B:

FORMULÁRIO SOCIOECONÔMICO E DEMOGRÁFICO COM AS FAMÍLIAS DO BAIRRO

DATA: ____/____/____

ENTREVISTADOR: _____

BAIRRO: Nossa Senhora de Fátima

RUA: _____ Nº DA CASA: _____

1. IDENTIFICAÇÃO:

1.1 Pessoa Entrevistada: _____	1.2 Idade: _____
1.2 É o membro titular da Família? () Sim () Não	
1.4 Há quanto tempo mora no Bairro?	
1.5 Sua família veio de onde para morar aqui?	
1.5 Gosta de morar aqui?	
1.7 Gostaria de se mudar?	
1.8 Participa de algum programa social? () Sim () Não Em caso Afirmativo Qual?	
1.9 O que você mais gosta do seu bairro?	
1.10 O que menos gosta?	
1.11 O que faria para modificar?	
1.12 Por que o bairro é conhecido como Vila Pescoço?	
1.13 Você sente que é discriminado por moradores de outros bairro por Mora aqui? Em caso afirmativo, Por que?	

2. SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO:

2.1 Moradia:	() Próprio () Alugado () Emprestado () Ocupado () Em Construção () Outros
	Se for própria, indicar como adquiriu a casa?
	Nº. de Cômodos: _____ () Alvenaria () madeira () Outro _____

3. CONDIÇÕES DE MORADIA:

3.1 Tipo:	() Madeira () Alvenaria () Mista () Outro: _____
3.2 Possui energia elétrica	() Sim () Não
3.3 Possui abastecimento de água	() Sim () Não
3.4 Principal forma de abastecimento de água	() Poço Artesiano () SAAE () Outros: _____
3.5 Possui Sanitário?	() Sim () Não

3.6 Característica do Sanitário?	() Interno () Externo	() Com bacio () Sem bacio
3.7 Pra onde vai o esgoto do sanitário?		
3.8 A moradia fica localizada em frente de? : () Rua pavimentada? () Ponte () Igarapé () campo () outro:		

4. INFORMAÇÕES SOBRE O GRUPO FAMILIAR:



Primeiro nome	Parentesco/ afinidade (vínculo familiar em relação ao chefe)	Idade	Sexo		Religião / Igreja	Estudou ano passado?	Qual a série/ano cursada	Qual escola e bairro?	Caso não, qual idade em que parou de estudar?	Qual a última série/ano cursada?	Por que interrompeu o estudo
			1. M	2. F							
01			1	2		() Sim () Não					
02			1	2		() Sim () Não					
03			1	2		() Sim () Não					
04			1	2		() Sim () Não					
05			1	2		() Sim () Não					
06			1	2		() Sim () Não					
07			1	2		() Sim () Não					
08			1	2		() Sim () Não					
09			1	2		() Sim () Não					
10			1	2		() Sim () Não					
11			1	2		() Sim () Não					
12			1	2		() Sim () Não					
13			1	2		() Sim () Não					
14			1	2		() Sim () Não					
15			1	2		() Sim () Não					

5. FONTES DE RENDA:

5.1 Tipo	Nº de pessoas	Valor Mensal em R\$
1.Aposentadoria		
2.Aposentados por invalidez		
3.Pensão por morte		
4.Bolsa família		
5.Outro		
5.2 Trabalho remunerado	Nº de pessoas	Valor Mensal em R\$
5.3 Serviços prestados	Nº de pessoas	Valor Mensal em R\$
1.		
2.		
3.		
4.		
5.4 Renda média familiar mensal:	<input type="checkbox"/> até um salário mínimo <input type="checkbox"/> de 1 a 3 salários mínimos <input type="checkbox"/> de 3 a 5 salários mínimos <input type="checkbox"/> acima de 5 salários mínimos	

APÊNDICE C:
PERCURSO METODOLÓGICO PARA APLICAR COM AS CRIANÇAS
ROTEIRO DE COLETA DE DADOS COM AS CRIANÇAS

1ª Etapa – IDENTIFICAÇÃO:

 Identificação da Criança:				
Nome:		Idade		Gênero
Nome social:				
Tem vínculo com outra criança que participa da pesquisa? () sim () não				
Natural:	UF:		Tempo em que mora em Tefé:	
Endereço:				
Tempo em que mora no bairro?				
Estuda? () sim () não	Escola:		Série:	Turno:
Religião: () sim () não		Em caso afirmativo qual?		
Configuração familiar: () Nuclear () Extensa () monoparental () Reconstituída () Binucleares () Homoafetiva () Extensa () Outras configurações? _____				
 Grupo familiar atual:				
Nome:			Vínculo:	Gênero
1.				M F
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				

2ª Etapa – COLETA DE DADOS:

Data: ___/___/_____

1º Momento da 2ª Etapa:

Primeiro dia de contato com a família da criança (pais ou responsáveis): falar sobre a pesquisa, seus objetos e sobre o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE).

2º Momento da 2ª Etapa:

Aproximação do pesquisador com as crianças: conhecê-las, apresentar-se como pesquisadora e falar da pesquisa para elas, bem como ouvi-las e já obter as informações sobre o seu lugar e sua infância.

3º Momento da 2ª Etapa:

Técnica de coleta de dados com desenhos: solicitar 1º que elas desenhem de forma livre o que quiserem; depois que realizem desenhos sobre o seu grupo familiar; em seguida, sobre sua escola e por fim sobre seu bairro. Durante essas etapas ouvi-las atentamente e observá-las, para após a confecção dos desenhos analisar o desenho junto com a criança.

APÊNDICE D:

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI- ESTRUTURADA COM OS PAIS OU RESPONSÁVEIS DAS CRIANÇAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL

Data da Realização da Entrevista: ____/____/____

<u>1. Dados</u>
Nome:
Idade:
Gênero:
Local de nascimento:
Tempo em que mora em Tefé:
Grau de instrução:
Profissão:
Estado Civil:
Religião:

2. Perguntas direcionadas aos pais e ou responsáveis

1. Como é o lugar onde você mora?
2. Para você como as crianças desse lugar vivem a Infância?
3. Como está constituída sua composição familiar no momento?
4. O que você considera de bom no seu bairro, ou seja, quais suas potencialidades?
5. O que você considera de ruim, ou seja, de negativo?
6. Na sua opinião o que tem contribuído na formação da identidade das crianças do bairro nossa senhora de Fátima, do ponto de vista positivo, e do ponto de vista negativo?